

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA**

MARCOS GRUTZMACHER

O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

MACEIÓ

2024

MARCOS GRUTZMACHER

O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL-UFAL) como requisito parcial para a obtenção do título de doutor.

Orientador: Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins.

MACEIÓ

2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

G893p Grutzmacher, Marcos.
O parâmetro do sujeito nulo em Língua Brasileira de Sinais / Marcos
Grutzmacher. - 2024.
124 f.

Orientador: Adeilson Pinheiro Sedrins.
Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas.
Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 120-124.

1. Parâmetro do sujeito nulo. 2. Língua Brasileira de Sinais. 3. Teoria
gerativa. I. Título.

CDU: 81'367.332.6 : 81'221.24



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA

TERMO DE APROVAÇÃO
MARCOS GRUTZMACHER

Título do trabalho: “O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO EM LÍNGUA BRASILEIRA DO SÉCULO XX”

TESE aprovada como requisito para obtenção do grau de DOUTOR em Letras do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

 Documento assinado digitalmente
ADELSON PINHEIRO SEDRINS
Data: 24/05/2024 12:23:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Adelson Pinheiro Sadrins (PPGLL/Ufal)

Examinadores:

 Documento assinado digitalmente
BRUNO GONCALVES CARNEIRO
Data: 24/05/2024 16:31:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro (UFT)

 Documento assinado digitalmente
RAFAEL BEZERRA DE LIMA
Data: 02/07/2024 22:28:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Rafael Bezerra de Lima (UFAP)

 Documento assinado digitalmente
TELMA MOREIRA VIANNA MAGALHAES
Data: 25/05/2024 18:05:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Telma Moreira Vianna Magalhães (Ufal)

 Documento assinado digitalmente
ALEXANDRE MELO DE SOUSA
Data: 03/07/2024 19:44:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa (PPGLL/Ufal)

 Documento assinado digitalmente
JAIR BARBOSA DA SILVA
Data: 04/07/2024 11:55:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva (PPGLL/Ufal)

Maceió,

AGRADECIMENTOS

Agradeço: a Deus que me sustentou durante toda essa jornada; a todos os meus mestres que ao longo da vida me brindaram com seus ensinamentos, e me ensinaram a ser parte dos que resistem em um país em que a educação não ocupa o lugar que merece, em especial ao meu orientador que foi fundamental para que esta conquista fosse possível; a meus familiares, minha eterna base e rede de apoio; a meus amigos, minha família escolhida pelo coração, principalmente ao grupo Senhoras; e a mim mesmo que consegui chegar ao final e concluir este trabalho.

RESUMO

As línguas naturais são constituídas por princípios, elementos comuns e universais, e parâmetros, elementos variáveis, dos quais, um dos mais comuns é o Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN). Línguas que marcam esse parâmetro como positivo apresentam a possibilidade de silenciar foneticamente o sujeito na sentença. O português europeu, o italiano, a ASL e o espanhol são exemplos em que se verificam a ocorrência de apagamento fonético do sujeito. Este trabalho tem o objetivo de investigar, através de dados de aquisição e de fala de indivíduos adultos, de que forma o sujeito nulo se manifesta na Libras, para classificá-la quanto ao tipo de língua a qual pertence em relação ao PSN. Os dados analisados neste trabalho são provenientes de falas espontâneas de quatro indivíduos surdos, advindos de dois projetos desenvolvidos pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, três do Projeto *Corpus* de Libras e um do Projeto Aquisição da sintaxe de crianças surdas brasileiras: repercussões das diferentes formas de acesso à língua de sinais. Foram selecionadas todas as sentenças produzidas e então classificadas em relação: ao apagamento ou o preenchimento do sujeito; ao tipo de verbo utilizado; ao tipo de pessoa pronominal; e à forma de preenchimento da posição de sujeito. Para os dados de aquisição foi possível observar que o PSN na Libras se comporta de forma semelhante ao português brasileiro, uma língua de sujeito nulo parcial, uma vez que no início da aquisição observa-se o apagamento fonético do sujeito de forma produtiva, que ao longo do desenvolvimento divide espaço com o preenchimento por pronomes e sintagmas nominais, com preferência para os pronomes, diferentemente do que acontece em PE, uma língua de sujeito nulo. Os dados de indivíduos adultos apresentaram a produção de pronomes genéricos nulos, que apresentamos como indícios de que a Libras apresenta características semelhantes às expressadas por línguas de sujeito nulo parciais.

Palavras-chave: sujeito nulo; aquisição; Libras, sintaxe gerativa.

ABSTRACT

Natural languages are constituted by principles, common and universal elements, and parameters, variable elements, among which one of the most common is the Null Subject Parameter (NSP). Languages that mark this parameter as positive allow for the phonetic omission of the subject in sentences. European Portuguese, Italian, American Sign Language (ASL), and Spanish are examples where phonetic deletion of the subject occurs. This study aims to investigate, through acquisition data and speech from adult individuals, how the null subject manifests in Brazilian Sign Language (Libras), in order to classify it in terms of its relation to the NSP. The data analyzed in this study come from spontaneous speech of four deaf individuals, from two projects developed by the Federal University of Santa Catarina - UFSC: three from the Corpus of Libras Project and one from the Project on Acquisition of syntax by Brazilian deaf children: repercussions of different forms of access to sign language. All produced sentences were selected and classified based on: subject deletion or insertion; type of verb used; type of pronominal person; and manner of subject position filling. Regarding acquisition data, it was observed that NSP in Libras behaves similarly to Brazilian Portuguese, a language with partial null subjects. Initially, productive phonetic deletion of the subject was observed during acquisition, which later coexists with filling by pronouns and nominal phrases, with a preference for pronouns, unlike what occurs in European Portuguese, a null subject language. Adult data showed production of null generic pronouns, indicative that Libras shares characteristics similar to those expressed by languages with partial null subjects.

Keywords: null subject; acquisition; Libras; generative syntax.

RESUMEN

Los idiomas naturales están constituidos por principios, elementos comunes y universales, y parámetros, elementos variables, entre los cuales uno de los más comunes es el Parámetro del Sujeto Nulo (PSN). Los idiomas que marcan este parámetro como positivo permiten la omisión fonética del sujeto en las oraciones. El portugués europeo, italiano, la Lengua de Señas Americana (ASL) y el español son ejemplos donde ocurre la eliminación fonética del sujeto. Este estudio tiene como objetivo investigar, a través de datos de adquisición y habla de individuos adultos, cómo se manifiesta el sujeto nulo en la Lengua Brasileña de Señas (Libras), para clasificarla en relación con el PSN. Los datos analizados en este estudio provienen del habla espontánea de cuatro individuos sordos, de dos proyectos desarrollados por la Universidad Federal de Santa Catarina - UFSC: tres del Proyecto Corpus de Libras y uno del Proyecto de Adquisición de sintaxis por niños sordos brasileños: repercusiones de diferentes formas de acceso a la lengua de señas. Se seleccionaron todas las oraciones producidas y se clasificaron según: eliminación o inserción del sujeto; tipo de verbo utilizado; tipo de persona pronominal; y manera de llenar la posición del sujeto. En cuanto a los datos de adquisición, se observó que el PSN en Libras se comporta de manera similar al portugués brasileño, una lengua con sujetos nulos parciales. Inicialmente, se observó la eliminación fonética productiva del sujeto durante la adquisición, que más tarde coexiste con el uso de pronombres y frases nominales para llenar la posición de sujeto, con preferencia por los pronombres, a diferencia de lo que ocurre en el portugués europeo, una lengua con sujeto nulo. Los datos de adultos mostraron la producción de pronombres genéricos nulos, indicativo de que Libras comparte características similares a las expresadas por idiomas con sujetos nulos parciales.

Palabras clave: sujeto nulo; adquisición; Libras; sintaxis generativa.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1SG - Primeira pessoa do singular

2SG - Segunda pessoa do singular

3SG - Terceira pessoa do singular

1P - Primeira pessoa do plural

2P - Segunda pessoa do plural

3P - Terceira pessoa do plural

Ø - Sujeito nulo

ASL - Língua americana de sinais

AUSLAN = Língua de sinais australiana

D - Determinante

DGS = Língua de sinais alemã

EPP - Princípio de Projeção Estendido

EXPL - Expletivo

FL - Forma Lógica

GU - Gramática Universal

HKSL = Língua de sinais de Honk Kong

ISL = Língua de sinais israelense

LGP - Língua gestual portuguesa

LIS = Língua de sinais italiana

LNSN - Língua não sujeito nulo

LO - Língua oral

LS - Língua de sinais

LSC = Língua de sinais catalã

LSF - Língua de sinais francesa

LSN - Língua de sujeito nulo

NGT = Língua de sinais dos Países Baixos

NP - Sintagma nominal

NZSL = Língua de sinais da Nova Zelândia

P - Pronome

PB - Português brasileiro

PE - Português europeu

PP - Princípio de Projeção

PSN - PSN

RSL = Língua de sinais russa

SR - Sujeito realizado

T ID = Língua de sinais turca

TP - Sintagma de tempo

VC - Verbo com concordância

VS - Verbo sem concordância

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. O SUJEITO NULO NAS LÍNGUAS NATURAIS	16
2.1. Classificação das línguas segundo o PSN	28
2.1.1. Línguas de não sujeito nulo	29
2.1.2. Línguas de sujeito nulo consistente	31
2.1.3. Línguas de sujeito nulo expletivo	36
2.1.4. Línguas de sujeito nulo radical	37
2.1.5. Línguas de sujeito nulo parcial	42
3. A INFLUÊNCIA DOS VERBOS E DO ESPAÇO NO PSN NA LIBRAS	48
3.1. Verbos em Libras	52
4. A TEORIA GERATIVA E A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM	60
4.1. Aquisição de linguagem sob a perspectiva da Teoria Gerativa	66
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	76
6. INDÍCIOS DA LIBRAS COMO [+SUJEITO NULO]	84
6.1. Descrição sobre o PSN nos dados de aquisição	84
6.2. Características do PSN na Libras: a provável classificação linguística	103
6.3. O PSN na Libras	108
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
8. REFERÊNCIAS	121

1. INTRODUÇÃO

A Libras é uma língua natural reconhecida através da lei 10436/2002 e falada em sua maioria nos centros urbanos no Brasil. Esse reconhecimento foi fruto de uma luta de caráter perene pela comunidade surda, que ao longo de muitos séculos lidou com a inferiorização de sua língua frente às línguas orais.

Considerando o senso comum, não é difícil perceber a crença que aproxima a fala (oral) e o pensamento em tempos anteriores a 1960. Esse fato possui raízes históricas e influenciou o processo educacional de surdos ao longo dos séculos. Na linguística, Chomsky é um dos autores que nos apresenta a diferença entre língua e fala, quando aborda os conceitos de competência e desempenho, demonstrando que é possível haver pensamento sem haver fala.

A Teoria Gerativa defende que todas as línguas humanas compartilham elementos comuns e elementos variáveis, e ambos estão inscritos na Gramática Universal (GU), frutos da Faculdade da Linguagem (FL). Esses elementos fixos e variáveis são, respectivamente, os princípios e parâmetros que serão abordados adiante.

Como exemplo de princípio temos o Princípio da Subordinação, que assume que uma oração sempre poderá ser inserida como parte outra oração, de forma recursiva. Como exemplo de parâmetro temos o chamado parâmetro do sujeito nulo (PSN), que é a possibilidade de haver um apagamento fonético do sujeito, observado em algumas línguas.

Os primeiros estudos linguísticos das línguas de sinais datam da década de 1960 com William Stokoe nos EUA, primeiro pesquisador a demonstrar que os sinais são formados por unidades menores sem significado e, a partir de suas investigações, as línguas de sinais passam a ser localizadas no campo das línguas naturais, porém, não sem certa resistência.

Algo que podemos observar nos estudos linguísticos entre 1960 e 2010 são movimentos na direção de demonstrar a complexidade das línguas de sinais, como prova de seu *status* linguístico, desconsiderado ao longo dos séculos. Remeto o leitor aos estudos de Stokoe (1972), Brito (1995), Volterra (1987) para uma visão panorâmica sobre o processo histórico da constituição da surdez historicamente, e Mcburney (2012), que nos apresenta diferentes perspectivas assumidas em relação a esse processo ao longo da história a partir de diferentes povos.

A teoria gerativa foi e ainda é amplamente utilizada nos estudos sintáticos de línguas como ASL, Libras e LGP¹. Diversos autores, como Lillo-Martin (1991), Quadros e Karnopp (2004) se utilizaram dos pressupostos dessa teoria para demonstrar e aproximar línguas de modalidade gestual às línguas orais, buscando encontrar naquelas o que já era observado nessas.

Um bom exemplo desse paralelo se dá no campo da aquisição em Quadros (1997), Pettito (1985), Grutzmacher (2019) e Lillo-Martin (1991), que apresentaram evidências que equiparam o processo de aquisição entre línguas gestuais e línguas orais, portanto as primeiras também são possibilidades inscritas na GU.

Nos últimos anos, observa-se um interesse em encontrar o que é próprio da modalidade gestual, ou seja, partir da própria língua de sinais, se deseja obter uma análise de como ela se comporta e de como se constitui a partir de si mesma. Aqui, buscaremos observar de que forma o PSN se apresenta em Libras, para tentar localizá-la tipologicamente segundo esse elemento.

São diversas as motivações que direcionam os estudos na área de língua de sinais, inicialmente com um caráter fortemente político e atualmente mais centrado no aspecto acadêmico/científico, fruto do fortalecimento das pesquisas na área. Em nosso caso, dois elementos foram significativos para a elaboração deste trabalho. O primeiro deles está relacionado à minha formação inicial em fonoaudiologia e o conseqüente interesse sobre o processo de aquisição linguística, que nortearam a escolha do tema de minha pesquisa de mestrado, que apresentou informações agregadoras a respeito da aquisição de Libras como L1, buscando descrever o processo de aquisição das apontações pronominais.

Nesse estudo, foi possível observar semelhanças quanto ao processo de aquisição da língua de sinais com as de modalidade oral, fortalecendo as evidências em relação ao caráter universal da gramática defendido pelos gerativistas a partir dos trabalhos de Noam Chomsky.

Um dos trabalhos essenciais para a análise da dissertação foi a tese de Magalhães (2006b), que tratava sobre a aquisição do sistema pronominal sujeito e objeto no português brasileiro (PB) e português europeu (PE), na qual a primeira se caracterizava como uma língua de sujeito nulo parcial e a segunda de sujeito nulo consistente.

¹ Respectivamente língua americana de sinais, língua brasileira de sinais e língua gestual portuguesa.

Nos dados de minha pesquisa de mestrado pude perceber a presença de sujeito nulo no processo de desenvolvimento linguístico, evidência que aproximava a Libras às línguas que marcam esse parâmetro como positivo. Em paralelo ao estudo de Magalhães (2006b), a Libras parecia se comportar mais como o PB do que como o PE. Remeto o leitor aos trabalhos de Figueiredo Silva (1996), Duarte (1995), e Modesto (2009) para um aprofundamento sobre o PSN em PB e a visão de que essa é uma língua de sujeito nulo parcial.

O segundo elemento importante para a elaboração desta tese se deu após o aprofundamento à temática sobre como o sujeito se manifestava nas línguas naturais. Percebi a oportunidade de associar dois assuntos: aquisição e o PSN. Ao iniciar a busca de literatura científica voltada a essas temáticas, notei que os trabalhos em aquisição na Libras são bastante incipientes, e mais ainda os que abordam o parâmetro citado.

Perlmutter (1971) está entre os estudos iniciais do sujeito nulo. Ele explorou as relações entre estruturas profunda e superficial na sintaxe², examinando de que forma certas línguas impõem restrições à presença ou ausência de sujeitos nulos em orações finitas. O autor introduziu a ideia de um filtro de superfície que distinguia entre línguas Tipo A (como o francês e o inglês) e Tipo B (como o espanhol e o italiano).

Línguas do tipo Tipo A teriam um filtro de superfície que exige a presença de um sujeito explícito em orações finitas, enquanto as do Tipo B não têm essa restrição, permitindo sujeitos nulos. A distinção apontada por Perlmutter (1971) também estava relacionada à movimentação *wh* e à presença de expletivos em construções impessoais. Essas observações levaram ao desenvolvimento do PSN, que postula a variação paramétrica entre línguas que exigem sujeitos nulos e as que exigem sujeitos explícitos em orações finitas.

Segundo Roberts e Holmberg (2010), em gramáticas tradicionais de muitas línguas, como o latim, um sujeito pronominal é marcado "no verbo", ou seja, pela concordância de pessoa-número na forma verbal finita, e, como tal, não precisa ser expresso por um pronome independente. Em idiomas como grego e latim, não há uma exigência geral de pronunciar o sujeito separadamente como um pronome nominativo, o que caracterizaria PSN.

O PSN surge do contraste entre idiomas que exigem a expressão evidente de um sujeito pronominal definido e referencial em orações finitas e aqueles que não o fazem. Esse contraste é exemplificado por sentenças em italiano e inglês (Robert; Holmberg, 2010).

² Dois níveis postulados no modelo de Regência e Ligação, mas que foram abandonados no Minimalismo.

(1)

a. Parla italiano. (Italiano).

Fale italiano.

b. *Speaks English. (Inglês).

Fale inglês.

(Robert; Holmberg, 2010).

Como destacado pelos autores, o espanhol e grego, dentre outras línguas, se comportam de maneira semelhante ao Italiano. Perlmutter destacou que o Francês parece se comportar como o Inglês. Veja o exemplo em (2c) que é gramatical como imperativo, embora seja gramaticalmente incorreto como afirmativo.

(2)

a. Habla español. (Espanhol).

Ø Fala espanhol.

b. Mila ellinika. (Grego).

Ø Fale grego.

c. *Parle français. (Francês).

Ø Fale francês.

(Robert; Holmberg, 2010).³

Para Roberts e Holmberg (2010), portanto, Italiano, Espanhol e Grego são línguas de sujeito nulo, enquanto Inglês e Francês são línguas de sujeito não nulo. O PSN está relacionado, como mencionado anteriormente, a orações finitas e neutras em discurso, e

³ Alguns exemplos trazidos ao longo dessa tese não apresentam tradução para o português em sua publicação original, porém aqui serão apresentados com a tradução.

envolve principalmente a interpretação do sujeito nulo como um pronome definido e referencial.

Ainda que sejam línguas ditas de não sujeito nulo, o francês e o inglês também apresentam o silenciamento fonético do sujeito em contextos como (3), mesmo classificadas como língua de não sujeito nulo, demonstrando que uma língua não pode ser classificada como de sujeito nulo simplesmente por não apresentar realização fonética do sujeito, já que (3) eles possuem propriedades um tanto diferentes dos sujeitos nulos de (1) e (2). Nos dados de Libras apresentados ao longo desta pesquisa haverá ocorrências dessa não realização, mas apenas uma análise mais aprofundada poderia nos fornecer informações sobre qual seria a classificação mais adequada à Libras em relação ao PSN.

(3)

a. [(Him) smoking] bothers me. (Inglês).

(Ele) fumar me incomoda.

b. John expects [(Mary) to leave soon].

John espera que (Mary) vá embora logo.

c. Jean a essayé [de – partir]. (Francês).

Jean tentou sair.

d. John has tried [– to leave]. (Inglês).

John tentou sair.

(Robert; Holmberg, 2010).

Considerando as informações gerais sobre o PSN e assumindo a aquisição como um processo universal, algumas perguntas nortearam as buscas apresentadas neste trabalho, tais como:

1. Como a Libras pode ser identificada em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN)?

2. De que forma se apresenta o PSN na gramática de surdos adultos usuários de Libras como primeira língua?
3. De que forma dados de aquisição de Libras permitem observar a manifestação do PSN ?
4. O processo de aquisição do PSN em Libras poderia fornecer pistas que possam auxiliar no enquadramento dessa língua na tipologia de línguas de sujeito nulo abordadas dentro do arcabouço teórico gerativista (Holmberg, 2010; D'Alessandro, 2014, entre outros).

As hipóteses para responder a esses questionamentos são as seguintes:

1. A Libras é uma língua de sujeito nulo.
2. A gramática do surdo adulto que tem a Libras como sua primeira língua é caracterizada como [+sujeito nulo], licenciado em contextos específicos.
3. Assumindo com a perspectiva chomskyana que os parâmetros são formatados durante o processo de aquisição da língua, os dados de aquisição da Libras podem fornecer evidências para sua classificação quanto ao PSN.
4. O PSN em Libras, durante a aquisição, comporta-se de forma semelhante ao verificado no processo de aquisição de línguas de sujeito nulo parcial.

A partir desses questionamentos, este estudo busca compreender de que forma o PSN se apresenta em Libras, buscando indícios que possam nos auxiliar na classificação dela em relação a esse parâmetro, utilizando *corpora* de indivíduos adultos e de aquisição, através dos pressupostos teóricos gerativos.

2. O SUJEITO NULO NAS LÍNGUAS NATURAIS

Nesta seção abordaremos de que forma o PSN se caracteriza nas línguas naturais (gestuais e orais) e explicitaremos também como estão agrupadas as diferentes línguas em relação a esse parâmetro.

Segundo Bahan et al. (2000), a distribuição de argumentos nulos tem sido explicada em termos de duas estratégias distintas de licenciamento: o licenciamento por concordância, encontrado em línguas com sistema de concordância rico, e o licenciamento por tópico, associado a línguas que não possuem concordância. A única para a qual se afirmou que ambos os mecanismos estão operativos é a língua americana de sinais (ASL). Embora apenas algumas classes de verbos em ASL permitam a expressão morfológica explícita de concordância de sujeito e objeto, sujeitos e objetos nulos com todas as classes de verbos são permitidos.

Segundo Lillo-Martin (1991) e Koulidobrova (2017), sintagmas nominais (NPs) nas posições de sujeito e objeto podem ser fonologicamente nulos em ASL. Uma vez que os NPs tenham sido atribuídos a *loci* (nesse caso, pontos identificados no espaço para os referentes), os verbos direcionais podem apresentar concordância com esses *loci* sem que os NPs sejam sinalizados novamente.

Segundo Lillo-Martin (1991), os argumentos nulos de verbos com concordância são diferentes em relação aos de outros tipos de verbos em ASL, esses últimos se aproximam do que ocorre com os argumentos nulos do chinês, japonês e coreano. Quando há concordância os argumentos se comportam como um pronome, podendo ser nulo, porém quando não há marcador de flexão no verbo, os argumentos nulos são muito mais limitados. Nesse caso, a categoria vazia é analisada como uma variável não pronominal, coindexada com um tópico possivelmente vazio que determina a referência da categoria vazia.

Abaixo em (4), a autora nos traz alguns exemplos de argumentos nulos com verbos planos e com concordância.

(4)

a)

_____hn

$_a$ STEVE $_a$ FLY $_b$ CALIFORNIA LAST-WEEK.

Steve flew to California last week. (Steve voou para a Califórnia na semana passada.)

ENJOY SUNBATHE[durative].

(He's) enjoying a lot of sunbathing. ([Ele está] curtindo muito o banho de sol).

b)

Speaker A. $\underline{\hspace{2cm}}_t \underline{\hspace{2cm}}_{ynq}$
MY CANDY, YOU EAT?

Did you eat my candy? (Você comeu meu doce?).

Speaker B. $\underline{\hspace{1cm}}_{hn}$
YES, EAT-UP.

Yes, (I) ate (it) up. (Sim, (eu) comi (isso)).

c)

Speaker A. $\underline{\hspace{1cm}}_t \underline{\hspace{4cm}}_{inq}$
PAPER, $_a$ STEVE $_a$ SEND $_b$ $_b$ JULIE?

Did Steve send Julie the paper? (Steve mandou o jornal para Julie?)

Speaker B. $\underline{\hspace{1cm}}_{hn}$
YES, $_a$ SEND $_b$.

Yes, (he-) sent (it) to (-her). (Sim, (ele-) enviou (isso) para (-ela)).

d)

a. $_a$ STEVE KNOW-WELL PAPER FINISH $_a$ GIVE $_b$

Steve_i knows (he_i-) gave the paper to (-her). (Steve_i sabe que (ele_i-) deu o papel para (-ela)).

b. $_a$ STEVE KNOW-WELL PAPER FINISH $_b$ GIVE $_a$

Steve_j knows (she-) gave the paper to (-him). (Steve_j sabe que (ela-) deu o papel para (-ele)).

(Lillo-Martin, 1991, p. 53).

Sandler e Lillo-Martin (2006) afirmam que, geralmente sem marca de concordância que envolva alteração de locação no espaço, verbos planos⁴ se comportam na ASL da mesma forma que o chinês. A concordância marcada morfológicamente nos verbos com concordância seria um elemento importante no licenciamento do sujeito nulo nessa língua. Para verbos

⁴ Verbos planos também são chamados de verbos simples ou ancorados ao corpo.

planos, a categoria vazia estaria ligada a uma variável e sua referência seria recuperada no discurso.

Muitos autores consideram *pro* como um pronome sem conteúdo fonético. Segundo Koulidobrova (2017), considerando o licenciamento de *pro* através da concordância em contextos de verbos com concordância, a categoria vazia \emptyset em contextos de verbos simples talvez seja algo diferente do *pro* licenciado por ela. Para a autora o que é responsável pela omissão do argumento não é a falta de concordância em si, mas a (im)possibilidade de coindexação com o tópico (gerado na base).

Koulidobrova (2017) utiliza os dados de Lillo-Martin (1986) para defender que embora ambos os tipos de verbos utilizados nas construções sentenciais sejam de tipos distintos (verbos planos e verbos com concordância) uma vez que a locação é retirada, ambas as construções teriam \emptyset licenciado.

Segundo Koulidobrova (2017), analisando os dados de Lillo-Martin (1986), afirma, que nas frases (5)-(6), os elementos marcados como tópicos são proferidos em áreas não neutras do espaço: o lugar do elemento a que \emptyset se refere é estabelecido ao articular o próprio NP naquele lugar (a-MOTHER e a-[EXERCISE CLASS], respectivamente). No entanto, descobre-se que se o lugar for removido e o NP em questão for proferido em uma localização neutra (MOTHER e [EXERCISE CLASS]) o paradigma muda: a assimetria entre os tipos de verbos desaparece, e \emptyset se torna possível com ambos os tipos de verbos: simples e com concordância.

(5)

a)

_____t

a-MOTHER_i, 1-IX DON'T-KNOW WHAT \emptyset a-SEND-1

‘Mother, I don’t know what (she) sent me.’

(Mãe, não sei o que (ela) me mandou).

(Lillo-Martin 1986, p. 425)

b)

_____t

a-MOTHER_i, 1-IX DON'T-KNOW WHAT {a-IX/*Ø} LIKE_{plain}

‘Mother, I don’t know what she likes.’

(Mãe, não sei do que ela gosta).

(6)

a)

_____ t

a-EXERCISE CLASS, 1-IX HOPE b-SISTER SUCCEED b-PERSUADE-c c-MOTHER
TAKE-UP_{agr.-a} Ø

‘The exercise class, I hope my sister manages to persuade my mother to
take (it).’

(A aula de ginástica, espero que minha irmã consiga persuadir minha mãe a fazer.)

b)

_____ t

a-THAT a-COOKIE, 1-IX HOPE b-SISTER SUCCEED b-PERSUADE-c c-MOTHER
EAT_{plain} {a-IX/*Ø}

‘That cookie, I hope my sister manages to persuade my mother to eat it.’

(Aquele biscoito, espero que minha irmã consiga persuadir minha mãe a comê-lo).

(Koulidobrova, 2017)

Koulidobrova (2017)⁵ afirma que pelo menos nessas configurações, Ø é permitido tanto com verbos que concordam manualmente (como SEND e TAKE-UP) quanto com verbos simples (como LIKE e EAT), e isso quebra o paralelismo até este ponto com o chinês.

A Libras se aproxima da ASL quanto à possibilidade de apagamento de argumentos (sujeito e objeto), mas será que ela seria de fato uma língua de sujeito nulo radical? Nossa resposta seguramente estará relacionada ao comportamento dos verbos e à sua tipologia em Libras, que abordaremos mais adiante, mas antes iremos compreender melhor as características do nosso objeto de estudo.

Segundo Branchini e Mantovan (2022) a LIS é uma língua de sujeito nulo que permite tanto o sujeito quanto o objeto permanecerem nulos. Nessa língua, os sujeitos nulos são compatíveis tanto com verbos não flexionados quanto com verbos flexionados. O exemplo a seguir mostra a possibilidade de omitir o sujeito com um verbo não flexionado, como “mangiare” em (7).

(7)

(LIS)

MANGIARE NEG_S NERVOSO

‘(Lei) era troppo nervosa per mangiare.’

(Ela estava muito nervosa para comer)

(BRANCHINI; MANTOVAN, 2022 p.617).

Segundo os autores, o exemplo a seguir mostra a omissão do sujeito com um verbo flexionado para trás (backward verb), ou seja, "prendere" em (8). Nesse contexto, o sujeito Daniela pode ser omitido por ser saliente à conversa.

(8)

(LIS)

CELLULARE 3APRENDERE3B SCORRERE

‘(Daniela) prende il suo cellulare e scorre la schermata.

((Daniela) pega o celular e rola a tela).

(BRANCHINI; MANTOVAN, 2022 p.617).

⁵ Koulidobrova (2017) questiona o *status* do Ø enquanto *pro* na ASL, uma vez que segundo ela essa categoria traz leituras distintas das que são típicas dessa categoria vazia.

Branchini e Mantovan (2022) explicam que concordância em LIS pode ser marcado por componentes não manuais que aparecem opcionalmente com as três classes verbais (verbos não flexionados, flexionados e espaciais). Em particular, a cabeça pode se inclinar para a posição associada ao sujeito e o olhar pode ser direcionado para a posição associada ao objeto. Se produzidos, esses componentes não manuais são realizados simultaneamente com o sinal verbal. Ao contrário do que acontece em outras línguas de sinais, em LIS os sujeitos nulos são permitidos independentemente da concordância ser marcada manualmente ou não.

Rizzi (1982) e Perlmutter (1971) afirmam que uma língua é marcada [+ sujeito nulo] apresentaria as seguintes propriedades citadas: **efeito THAT-T; inversão; extração; possibilidade de um sujeito referencial, definido e silencioso de orações finitas; e flexão rica de verbos finitos.**

O primeiro elemento a ser abordado é a possibilidade de extração do sujeito de uma oração encaixada encabeçada por um complementizador explícito, possível em línguas de sujeito nulo e impossível para línguas não sujeito nulo, que constitui o chamado **efeito THAT-T**.

O **efeito THAT-T** determina as restrições da extração do sujeito de uma oração encaixada quando um complementizador, como o "that" em inglês, está presente. Percebemos que o complementizador "that" atua como uma barreira, criando uma "ilha" que limita a movimentação do sujeito. Embora o efeito THAT-T seja um fenômeno presente em algumas línguas, vale ressaltar que nem todas as línguas compartilham essa característica. Algumas línguas permitem a extração do sujeito de uma oração subordinada, mesmo quando há um complementizador presente (NSLs). Veja o exemplo em (9):

(9)

- a. Chi credi che __ telefonerà? (Quem você acha que telefonará?)
- b. Qui creus que __ telefonará?
- c. *Qui crois-tu que __ téléphonerá?
- d. *Who do you think that __ will telephone?

(Rizzi, 1993, pag. 7).

No italiano e no catalão a extração pode ocorrer devido a inversão livre do sujeito, o que não põe problemas ao ECP nessas duas línguas, ao contrário do inglês e do francês, cujo complementador *that* e *que*, respectivamente, e o núcleo flexional são inertes à regência do vestígio (SILVA, 2004).

A **inversão** ocorre em certas estruturas, como perguntas e condicionais. Ela está intrinsecamente relacionada ao PSN e distingue línguas de sujeito nulo das línguas de não-sujeito nulo. Veja (10):

(10)

a) _ è stato dato un premio al presidente.

(_ foi entregue um prêmio ao presidente).

b) _ ha estat donat un premi al president.

(_ doou um prêmio ao presidente).

c)* _ a ete donne un prix au president.

(* _ foi entregue um prêmio ao presidente).

d)* _ was given a prize to the president.

(* _ foi entregue um prêmio ao presidente).

(Rizzi, 1993, p. 12).

As sentenças c) e d) em (10) violam o princípio da projeção estendida, pois lhes falta o preenchimento da posição de Spec, o que não ocorre nas duas anteriores, a) e b) pois essa posição é preenchida por um expletivo *pro*. Veja (11):

(11)

a. _ ha telefonato Gianni.

(_ telefonou para Gianni).

b. _ha telefonat en Joan.
(_ telefonou para Joan).

c. *_a téléphoné Jean.
(*_ telefonou para Jean).

d. *_telephoned John.
(*_ telefonou para John).

(Rizzi, 1993, pag. 6).

Enquanto nas línguas de sujeito nulo a inversão pode ser uma estratégia para destacar ou enfatizar o sujeito, nas línguas de não-sujeito nulo ela está relacionada a estruturas interrogativas ou condicionais. Em inglês, uma frase afirmativa pode ser invertida para se obter uma sentença interrogativa. Além disso, o sujeito não pode ser omitido.

As línguas de sujeito nulo geralmente possuem um processo livre de inversão do sujeito, enquanto as de não sujeito nulo geralmente não possuem, além de, em sua maioria, as primeiras não apresentam efeitos de traço COMP⁶, enquanto as últimas geralmente apresentam (Rizzi, 1982).

Em (12) a) e b), temos o contraste entre italiano e inglês, em relação ao preenchimento do sujeito de 3ª pessoa. Em c) e d), temos o contraste em relação à inversão verbo-sujeito. Em e) e f), temos o contraste nas duas línguas em relação ao efeito that-t. Veja (12):

(12)

a) *e verrà.* (virá)

b) **e will come.* (virá)

⁶ O traço COMP é um traço que marca a presença de um elemento que introduz uma cláusula subordinada ou uma oração complementar. O traço COMP está associado a elementos que introduzem essas orações, como conjunções subordinativas (por exemplo, "que", "se") e pronomes relativos (por exemplo, "que", "onde").

c) *e* verrà Gianni. (*e* virá Gianni)

d) **e* will come Gianni. (*e* virá Gianni)

e) Chi_i credi che e_j verrà? (Quem você acha que virá?)

f) *Who_j do you think that e_x will come? (Quem você acha que virá?)

(Rizzi, 1982, p. 119).

Roberts e Holmberg (2010) afirmam que a característica de inversão do sujeito refere-se à possibilidade geral de produção de um sujeito foneticamente pronunciado, geralmente com uma interpretação de foco, em posição pós-verbal, veja (13). Segundo eles, a inversão livre está sujeita a restrições ligeiramente diferentes em diferentes línguas, sendo mais livre em espanhol e grego do que em italiano

(13)

a. Hanno telefonato molti studenti.

(Muitos estudantes ligaram).

b. *Ont téléphoné beaucoup d'étudiants.

(*Muitos estudantes ligaram).

(Roberts; Holmberg, 2010, p. 16).

Perlmutter (1971) afirma que em línguas de sujeito não nulos o sujeito de uma oração finita não pode passar por movimento wh se o complementizador que introduz a oração estiver presente. Vejamos (14) e (15).

(14)

a. *Who did you say that – wrote this book?

(*Quem você disse que - escreveu esse livro?)

b. *Qui as-tu dit qu' – a écrit ce livre?

(=(14a))

(*Quem você disse que - escreveu esse livro?)

(15)

a. Who did you say – wrote this book?

(Quem você disse – escreveu este livro?)

b. Qui as-tu dit qui – a écrit ce livre? (= (15a))

(Quem você disse quem escreveu este livro?)

(Roberts; Holmberg, 2010, p. 17).

Aqui, o constituinte *who* e *qui* correspondem aos sujeitos das orações encaixadas, havendo um traço nessa posição de origem. Em (15a) temos uma sentença gramatical devido ao efeito **THAT-T**. A ideia de que a presença do complementizador determina a falta de gramaticalidade desses exemplos é apoiada pelo fato de que (14a) se torna gramatical se for omitido. Em francês, (14b) pode ser tornada gramatical alterando a forma do complementizer de que para *qui* (Roberts; Holmberg, 2010).

Na **extração**, um constituinte é movido de sua posição original para uma posição mais alta ou periférica na estrutura da sentença. Esse movimento é governado por regras gramaticais específicas e permite que um constituinte seja "extraído" de uma cláusula ou oração principal para formar estruturas complexas, como orações relativas, perguntas ou sentenças com ênfase especial. A extração também é responsável por permitir a formação de interrogativas, conforme veremos no exemplo em inglês para ilustrar o processo de extração. Veja (16):

(16)

a) How do you think that he come t?

(Como você acha que ele vem?)

b) How did he come t?

(Como ele veio?)

(Rizzi, 1990, p. 46).

Sobre a **concordância**, D'Alessandro (2014) afirma que se T for forte em línguas de sujeito nulo não precisa ser amalgamado com um sujeito completo. Segundo a autora, quanto mais empobrecido o feixe de traços- ϕ ⁷ estiver em T, mais difícil será o apagamento do sujeito. Quanto mais rica a flexão, mais rico o conjunto ϕ e mais fácil será apagar o sujeito.

Diferentemente do que ocorre em línguas como o japonês e o chinês, que não possuem concordância, em línguas como o português, em (17), o sujeito pode ser recuperado pelas informações que aparecem no TP⁸.

(17)

a) Comi bolo.

b) No Nordeste dançam muito forró.

Fonte: Dados de intuição⁹.

Nas terminações verbais tanto "i" em (17a) como "am" em (17b) nos permitem identificar o sujeito como "eu" e "eles", primeira pessoa do singular e terceira pessoa do plural, respectivamente. Uma vez que o verbo é movido para T, os traços presentes são capazes de nos permitir recuperar o sujeito através da concordância rica.

Para a **possibilidade de um sujeito referencial, definido e apagado de orações finitas e flexão rica de verbos finitos** podemos exemplificar através do italiano em (18) e (19)

(18)

Ø Verrà. (Italiano)

'Ele virá.'

(Holmberg, 2010, p. 99).

⁷ Traços- ϕ se referem a um conjunto de características gramaticais que estão associadas a pronomes e a concordância verbal em uma língua. O termo "phi" vem do alfabeto grego e é usado para representar essas características que incluem número, pessoa e gênero.

⁸ TP é uma projeção sintática que contém a informação sobre o tempo verbal da sentença.

⁹ Dados de intuição do próprio autor.

(19)

Io lavoro

Tu lavori

Lei/lui lavora

Noi lavoriamo

Vou lavorate

Loro lavorano

Considerando Rizzi (1982), Roberts e Holmberg (2010) apresentam as seguintes afirmações em (20).

(20)

- a. Uma língua tem sujeitos nulos se e somente se tem inversão livre de sujeito.
- b. Uma língua tem sujeitos nulos se e somente se não mostra efeitos *that-t*.
- c. Uma língua tem concordância rica se e somente se tem inversão livre de sujeito.
- d. Uma língua tem concordância rica se e somente se não mostra efeitos de traço de complementizador.
- e. Uma língua tem inversão livre de sujeito se e somente se não mostra efeitos de traço de complementizador.

Gillian (1987), citado por Roberts e Holmberg (2010) aplicou as postulações de Rizzi sobre o PSN a 100 línguas diferentes e concluiu haver relação entre quatro elementos, considerando as propriedades discutidas por Rizzi em pares em (21), embora para Roberts e Holmberg (2010) esses resultados tenham sido inconclusivos, eles não invalidam as postulações de Rizzi. O trabalho de Gilligan envolveu uma abordagem comparativa entre diferentes línguas para entender como cada uma lida com a presença ou ausência desses pronomes. Ela examina os padrões linguísticos relacionados ao pro-drop, analisando as características sintáticas e estruturais que influenciam a escolha de uma língua em permitir ou exigir a inclusão de pronomes sujeitos.

(21)

Quadro 1 - Relações entre elementos do PSN de Rizzi

a. Inversão livre → sujeitos nulos expletivos
b. Inversão livre → permitir violações de traço de complementizador
c. Sujeitos nulos referenciais → sujeitos nulos expletivos
d. Permitir violações de traço de complementizador → sujeitos nulos expletivos

Observações tipológicas, por mais bem fundamentadas por dados do conjunto atualmente disponível de línguas, podem ainda representar correlações acidentais que coexistem contingencialmente neste momento histórico e não refletem a verdadeira natureza de uma GU que gera um conjunto muito maior de línguas do que aquelas atualmente existentes (Roberts; Holmberg, 2010).

Para Holmberg (2010) existem duas maneiras de derivar sujeitos nulos: uma é por meio da incorporação de um pronome sujeito em T. Neste caso, o sujeito nulo é uma cópia deletada em uma cadeia liderada por T. Sujeitos nulos definidos só podem ser derivados dessa maneira em línguas de sujeito nulo consistentes. A outra maneira é deletar um pronome em SpecTP, sujeito ao controle de uma oração superior. Esta é a única maneira de derivar sujeitos nulos definidos em línguas de sujeito nulo parciais.

2.1. Classificação das línguas segundo o PSN

Existem diferentes tipos de língua com sujeito nulo (Roberts; Holmberg, 2010). Dentre os estudos que exploram o PSN nas línguas podemos citar Rizzi (1982), Perlmutter (1971), Huang (1984), Holmberg (2010).

Para Holmberg (2010) existem duas maneiras de derivar sujeitos nulos. A primeira é por meio da incorporação de um pronome sujeito em T, no qual o sujeito nulo é uma cópia deletada em uma cadeia liderada por T. Sujeitos nulos definidos só podem ser derivados dessa maneira em línguas de sujeito nulo consistentes. A segunda maneira é deletar um pronome em SpecTP, sujeito ao controle de uma oração superior. Esta é a única maneira de derivar sujeitos nulos definidos em línguas de sujeito nulo parciais.

Segundo D’Alessandro (2014) e Figueira Silva (2017) em relação ao PSN, os tipos de línguas são: canônicas; sujeito nulo expletivo; radicais; sujeito nulo parcial e línguas de não sujeito nulo, conforme (22).

(22)

1. Não sujeito nulo: são aquelas em que o sujeito deve ser essencialmente expresso em sentenças finitas, assim como o inglês e o francês;
2. Sujeito nulo consistente: também chamadas de línguas de sujeito nulo canônicas, ou sujeito nulo completo, ou *pro-drop* (completas)¹⁰;
3. Parciais: são aquelas em que há sujeito nulo em contextos específicos. Segundo a autora, As LSNs parciais são diferentes das LSNs expletivas porque na primeira a omissão do sujeito é determinada por condições sintáticas, enquanto na última é determinada pela natureza (referencial ou expletiva) do sujeito;
4. Expletivas: são aquelas línguas em que um sujeito referencial completo não pode ser nulo, mas um sujeito expletivo pode, como o holandês;
5. Radicais: são línguas também conhecidas como línguas *pro-drop* radicais ou *pro-drop* do discurso, são aquelas línguas que podem deixar o sujeito, assim como o objeto, inexpressos e não possuem nenhuma flexão verbal;

2.1.1. Línguas de não sujeito nulo

Roberts e Holmberg (2010) afirmam que marcar o PSN com o valor negativo implica em: nenhum sujeito nulo, nenhuma inversão livre de sujeito, efeitos de traço de complementizador e inflexão de concordância ‘pobre’. Essas características podem ser encontradas em inglês, francês e nas línguas escandinavas continentais, assim como muitos crioulos. Em línguas como o inglês o PSN está relacionado a orações finitas e neutras em discurso, e envolve principalmente a interpretação do sujeito nulo como um pronome definido e referencial. E segundo Rizzi (1982), a ausência de um sujeito expresso na sentença apresenta como resultado a agramaticalidade.

¹⁰ Adotarei o termo línguas de sujeito nulo consistente para me referir a esse tipo.

Vejamos o contrapondo que o autor faz entre o inglês com o italiano (uma língua essencialmente de sujeito nulo) observa que para a primeira em (23), (24) e (25).

(23)

- (a) *e*verrà. (italiano)
 (b) **e* will come. (inglês)

(24)

- (a) *e* verrà Gianni. (italiano)
 (b) **e* will come Gianni. (inglês)

(25)

- (a) Chi *j* credi che *e_j* verrà? (italiano)
 (b) *Who *j* do you think that *e_x* will come? (inglês)

(Rizzi, 1982 p. 117)

Línguas como o inglês, permitem a presença de sujeitos nulos sob condições específicas. Por exemplo, tanto o inglês como o francês permitem ou exigem extensivamente que o sujeito de orações não finitas seja nulo.

(26)

- a. [(Him) smoking] bothers me.
 ([(Ele) fumar] me incomoda).
- b. John expects [(Mary) to leave soon].
 (John espera que [(Mary) vá embora logo]).
- c. Jean a essayé [de – partir].
 (Jean a essayé [de – partir]).
- d. John has tried [– to leave].
 (John tentou [– sair]).

(Roberts; Holmberg, 2010, p. 4).

2.1.2. Línguas de sujeito nulo consistente

Para Roberts e Holmberg (2010) as línguas de sujeito nulo consistentes apresentam claramente duas características principais: (i) a possibilidade de deixar o pronome de sujeito definido não expresso em qualquer combinação de pessoa-número em qualquer tempo; e (ii) a rica flexão de concordância no verbo. Vejamos como se comporta o verbo “beber” com as diferentes pessoas no presente (27):

(27)

a. (Italian)

bevo ‘I drink’ (etc.) (Eu bebo).

bevi

beve

beviamo

bevete

bevono

b. (Greek)

pino ‘I drink’ (etc.) (Eu bebo).

pinis

pini

pinume

pinete

pinun

c. (Turkish)

ic,iyorum ‘I drink’ (etc.) (Eu bebo).

ic,iyorsum

ic,iyor

ic,iyoruz

ic,iyorsunuz

ic,iyorlar

(Roberts; Holmberg, 2010, p. 6).

Segundo Holmberg (2010), existem contextos nos quais sujeitos nulos são opcionais em línguas de sujeito nulo parciais, mas obrigatórios em línguas de sujeito nulo consistentes, e contextos nos quais eles são excluídos nas do primeiro tipo, mas permitidos nas do segundo. Vejamos o exemplo apontado pelo autor em (28), em um contexto em que John está falando sobre si mesmo, assim como se observa na indexação.

(28)

John₁ said that he₁ wanted to buy a car.

(John disse que ele queria comprar um carro).

a. Johan₁ sa att *(han₁) ville köpa en bil.

(Swedish)

Johan disse que *(ele) queria comprar um carro.

b. Gianni₁ dice che (*lui₁) vuole comprare una macchina.

(Italian)

(Gianni diz que (*ele) quer comprar um carro).

c. Ram₁ mhanala ki (tyani₁) ghar ghetla Ram said that he house bought

(Marathi)

(Ram disse que comprou uma casa).

(Holmberg, 2010, p. 91).

Em (29a) Holmberg (2010) nos mostra que o antecedente pretendido Juha não comanda o sujeito nulo, e portanto o único antecedente possível do sujeito nulo é o NP comandante, Pauli. No caso do italiano o importante é haver um antecedente que pelo menos seja um tópico, uma vez que o comando não é um requisito.

(29)

Finnish:

a. Juha₁ei ole sanonut mitään, mutta Pauli₂ sanoo että *Ø₁ haluaa ostaa uuden auton.

‘Juha₁ hasn’t said anything, but Pauli₂ says that he₁ wants to buy a new car.’¹¹

(Juha₁ não disse nada, mas Pauli₂ disse que *Ø₁ quer comprar um carro novo).

Italian:

b. Gianni₁ non ha detto niente, ma Paolo₂ ha detto che Ø₁ vuole comprare una macchina nuova.

‘Gianni₁ hasn’t said anything, but Paolo₂ says that he_{1/2} wants to buy a new car.’

(Gianni₁ não disse nada, mas Paolo₂ disse que Ø₁ quer comprar um carro novo).

(Holmberg, 2010, p. 92).

Línguas de sujeito nulo consistentes podem expressar a leitura genérica exclusiva com um sujeito nulo de terceira pessoa do plural, mas parecem sempre recorrer a outras estratégias além de um pronome nulo de terceira pessoa do singular para expressar uma leitura genérica inclusiva para o sujeito de uma oração finita, tipicamente um pronome explícito, um pronome nulo de 2ª pessoa, ou alguma forma de voz passiva com um sujeito nulo (Holmberg, 2010).

(30)

a)

Questa mattina, la mostra è stata visitata di Gianni. Più tardi *Ø/egli/lui ha visitato l’università.

this morning the exhibition was visited by Gianni. Later he/he visited the university

‘This morning the exhibition was visited by Gianni. Later he visited the university.’

b)

Questa mattina, Gianni ha visitato la mostra. Più tardi Ø ha visitato l’università.

this morning Gianni visited the exhibition. Later visited the university

‘This morning Gianni visited the exhibition. Later he visited the university.’

¹¹ A tradução em inglês foi mantida por estar no texto ao qual pertence a referência e em seguida foi adicionada a tradução em português.

(Holmberg, 2010, p. 96).

Holmberg (2010) ressalta a impossibilidade do emprego de um pronome nulo em (30a), mesmo diante da presença de um antecedente aparentemente inequívoco na frase anterior. Nesse contexto, há a necessidade de utilizar um pronome (*egli* ou *lui*) explícito porque o pronome introduz um tópico de deslocamento de assunto. Esse deslocamento ocorre em virtude do tópico presente na frase precedente, o qual é 'a exposição'.

O autor argumenta que um tópico de deslocamento de assunto, também chamado de A-tópico, é sempre sintaticamente representado em uma posição específica no domínio C articulado, com representação explícita ou oculta. O antecedente de um sujeito nulo é um A-tópico nulo gerado no C-domínio¹² da sentença que imediatamente contém o sujeito nulo. Esse A-tópico nulo é, essencialmente, uma cópia de um A-tópico no discurso localmente precedente, podendo essa cópia ser nula ou não. O índice referencial do sujeito nulo, então, provém de um DP explicitado no discurso precedente, por meio de uma cadeia de A-tópicos. Como uma operação gramatical de discurso, ela não está sujeita ao c-comando. Veja (31):

(31)

[CP <Gianni1> [questa mattina Gianni1 ha visitato la mostra]].

[CP <Ø2> [più tardi ha φP2 visitato la mostra]]

1 = 2

(Holmberg, 2010).

Holmberg (2010) explica que a relação de compartilhamento de índices entre o A-tópico nulo e o sujeito nulo na segunda linha em (31) envolve T no qual o A-tópico especifica o traço uD de T, onde a especificação consiste na cópia de uD do índice referencial do A-tópico. Ao revisitar Holmberg (2005) o autor afirma que as diferenças entre uma língua de sujeito nulo consistente e uma parcial reside na ausência em relação ao traço D(e)finido como parte da constituição de traços-φ de T finito na segunda. Vejamos de que forma o autor apresenta isso em (32):

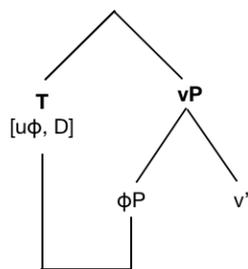
¹² O **C-domínio** abrange a parte da sentença onde a cláusula subordinada é construída, começando com o C e englobando todos os seus componentes internos. Considere a frase em português: "Eu acredito que ela vai ao mercado". A palavra "que" introduz a cláusula subordinada "que ela vai ao mercado".

(32)

- (a) Pronomes são ou DPs, com a estrutura [DP D [ϕ P ϕ [NP N]]], ou ϕ Ps;
 (b) Pronomes nulos são ϕ Ps.

Quando T faz sondagens em um sujeito ϕ P e tem seus traços- ϕ não especificados valorados pelo sujeito, a união resultante dos traços- ϕ de T e do sujeito gera um pronome definido, conforme pode ser visto em (33).

(33)



(Holmberg, 2010).

Em uma língua sem D em T¹³, a relação sonda-alvo entre T e um sujeito ϕ P nulo não fornece um valor de definitude, gerando um pronome de sujeito sem D, portanto, indefinido. T possui traços não especificados e sonda por uma categoria que os especifique. Os valores de traços ϕ do pronome de sujeito são copiados por T, que atribui caso ao sujeito. Se os traços ϕ forem 3SG (terceira pessoa do singular), a interpretação será de um pronome genérico inclusivo, correspondendo a *one* em inglês (Holmberg, 2010).

Para o autor, em caso de um sujeito DP lexical ou um D-pronome, o traço uD de T será especificado pelo D do sujeito como definido ou indefinido. Um DP lexical ou um D-pronome não pode ser incorporado em T, pois eles têm traços cujos valores não podem ser copiados por T, já que T não possui os traços não valorados necessários. Os únicos pronomes

¹³ Algumas línguas não possuem um **D** (determinante) na estrutura de sua **Tense Phrase (TP)**, ou seja, a função do **D** pode ser desempenhada de maneira diferente ou pode não estar presente de forma explícita em determinadas línguas.

que permanecem nulos são aqueles que estão vinculados a um A-tópico nulo em SpecCP (Holmberg, 2010).

(34)

Verrà. (Italiano) 'Ele virá.'

(Holmberg, 2010, p. 99).

Portanto, segundo Holmberg (2010), para que EPP seja verificado pelo A-tópico nulo que também valora [uD] em T. O argumento é que uma estrutura sem SpecTP é permitida apenas no caso de sujeitos nulos definidos, ou seja, quando há um antecedente. Os outros casos, nos quais SpecTP deve ser preenchido para verificar o EPP, incluem:

- (a) quando o sujeito é um pronome nulo indefinido;
- (b) quando o sujeito é um DP lexical ou um pronome explicitado, não incorporado; e
- (c) sentenças existenciais e outras sentenças téticas, que carecem de um A-tópico.

Holmberg (2010) assume que as línguas de sujeito nulo (LSN) podem ser localizadas em um dos dois tipos em (35):

(35)

- LSNs Consistentes:

Pronomes nulos de sujeito definido (nulo 'ele/ela');

Nenhum pronome nulo indefinido (nulo 'um').

- LSNs Parciais:

Pronomes definidos nulos apenas se localmente comandados por um antecedente; Pronome nulo de sujeito indefinido.

2.1.3. Línguas de sujeito nulo expletivo

Línguas de sujeito nulo consistente e parcial apresentam pronomes nulos expletivos em expressões relacionadas ao clima. Algumas línguas aparentemente permitem sujeitos nulos expletivos, mas não nulos referenciais. O alemão é uma dessas línguas, assim como

algumas variedades do neerlandês e do africâner, além de uma variedade de crioulos (Roberts; Holmberg, 2010).

Cardinaletti (1990) que explorou construções impessoais e argumentos sentenciais na língua alemã, examinando de que forma o alemão lida com sentenças que carecem de um sujeito lexical explícito, aborda questões como a presença de pronomes nulos, o papel de elementos expletivos e a variação nas estruturas impessoais em diferentes contextos. Vejamos seus exemplos em (36).

(36)

a. Gestern wurde (*es) getanzt. (Ontem houve (*expl) dança). (Alemão).

Yesterday was (it) danced.

‘Yesterday there was dancing.’

b. Gestern war *(es) geschlossen. (Ontem *(estava) fechado).

Yesterday was (it) closed.

‘Yesterday it was closed.’

(Cardinaletti, 1990).

Em (36a), o pronome expletivo "es" não pode ser expresso, enquanto em (36b) deve ser expresso. Observe que em (36b) o mesmo pronome na mesma posição sintática, mas agora com uma interpretação referencial. Portanto, línguas de sujeito nulo expletivas são distintas de línguas de sujeito nulo consistente no sentido de que pronomes não referenciais não podem ser deixados não expressos (Roberts; Holmberg, 2010).

2.1.4. Línguas de sujeito nulo radical

As línguas de sujeito nulo radical ou de sujeito nulo de discurso, são aquelas que podem deixar tanto o sujeito quanto o objeto não expressos e não possuem nenhuma flexão verbal. Muitas línguas asiáticas são consideradas sujeito nulo radical, sendo o chinês, japonês, coreano, tailandês e vietnamita as mais conhecidas (D’Alessandro, 2014).

Segundo Huang (1984) pode-se dizer que o inglês é uma língua em que os pronomes não podem ser omitidos de frases gramaticais, exceto na posição de sujeito em contextos de

infinitivas ou gerúndios, conforme exemplo abaixo em (37). Em construções finitas, a omissão produz agramaticalidade.

(37)

John promised Bill [*e* to see Mary].

John prometeu a Bill [*e* ver Mary].

John preferred [*e* seeing Mary].

John preferiu [*e* ver Mary].

*Johnpromised Bill that [*e* would see Mary]

*John prometeu a Bill que [ele veria Mary]

(Huang, 1984, p. 532).

Há línguas que não apresentam concordância e dispõem de sujeito nulo. O chinês é uma língua em que pronomes podem ser omitidos de frases gramaticais, e a compreensão de uma frase requer algum trabalho por parte do leitor ou ouvinte, o que pode envolver inferência, contexto e conhecimento do mundo, entre outras coisas (Huang, 1984), conforme o exemplo (39). Veja o contraste entre o inglês em (38) e o chinês em (39), relacionado às informações apresentadas anteriormente sobre a possibilidade de uso de pronomes nulos.

(38)

Speaker A:

Did John see Bill yesterday?

John viu Bill ontem?

SpeakerB:

a. *Yes, *e* saw him. (* Sim, *e* viu ele).

b. *Yes, he saw *e*. (* Sim, ele viu *e*).

c. *Yes, *e* saw *e*. (* Sim, *e* viu *e*).

d. *Yes, I guess *e* saw *e*. (* Sim, eu acho *e* viu *e*).

e. *Yes, John said *e* saw *e*. (* Sim, John disse *e* viu *e*).

(Huang, 1984 p. 532).

Em inglês, devido a ausência de um AGR¹⁴ suficientemente rico que possa licenciar o uso desses pronomes provoca agramaticalidade em (38). Línguas como o espanhol, o italiano e o português europeu, devido a rica flexão são capazes de resgatar o sujeito a partir de traços morfológicos. No chinês o licenciamento ocorre de forma distinta, uma vez que essa língua não possui concordância (Huang, 1984). Assim como o japonês e o coreano demonstra grande liberdade na utilização de pronomes zeros:

(39)

SpeakerA:

Zhangsan kanjian Lisi le ma?

Zhangsan see Lisi LE Q

'Did Zhangsan see Lisi?' (Zhangsan viu Lisi?).

SpeakerB:

a)

ta kanjian ta le.

he see he LE

'He saw him.' (Ele o viu).

b)

e kanjian ta le.

'[He] saw him.' ([ele] viu ele).

c)

ta kanjian e le.

'He saw [him].' (Ele viu [ele]).

d)

e kanjian e le.

'[He] saw [him].' ([Ele] viu [ele]).

e)

wo cai [e kanjian e le].

¹⁴ **AGR** (ou **Agreement**) refere-se ao sistema de concordância gramatical entre os elementos da sentença.

I guess see LE

'I guess [he] saw [him].' (Eu acho [ele] viu [ele]).

f)

Zhangsanshuo [e kanjian e le].

Zhangsan say see LE

'Zhangsan said that [he] saw [him].' ('Zhangsan disse que [ele] viu [ele]).

Segundo o autor, qualquer uma das respostas acima para a pergunta "Did Zhangsan see Lisi?" (Zhangsan viu Lisi?) poderia ser uma dessas sentenças gramaticais a) - f) acima. Uma língua como o chinês, um objeto EC (categoria vazia) pode não ser ligado por um argumento matriz, embora possa ser ligado por um NP (sintagma nominal) cuja referência esteja fixada no discurso (Huang, 1984).

Vejamos brevemente o trabalho de Jaegli e Safir (1989). Os autores firmam que as línguas como o chinês se colocam como evidência de que não é a concordância que licencia o sujeito nulo, pois nela não apresenta concordância, porém ainda assim é capaz de apresentar o silenciamento fonético do sujeito em sentenças gramaticais.

Para os autores, os sujeitos nulos são permitidos apenas em línguas com o paradigma flexional uniforme. Um paradigma flexional P em uma língua L é morfologicamente uniforme se P tiver apenas formas flexionais não derivadas ou apenas formas flexionais derivadas.

Eles também explicam que dada uma palavra W de categoria K, W é 'não derivada' se não for morfologicamente distinta do radical (ou raiz) de W (ou seja, se não contiver nenhum afixo anexado a W). Uma palavra W' é 'derivada' se for formada por um radical (ou raiz) W mais um afixo anexado a W. (Esses afixos não precisam se limitar a prefixos, infixos e sufixos. Em alguns casos, outros processos morfológicos de flexão podem ocorrer, como supletismo, duplicação, alternâncias de vogais do radical ou preenchimento de esqueletos consonantais com as vogais apropriadas).

(40)

a)

English:

<i>to talk</i>	<i>infinitive</i>
<i>talk</i>	<i>present 1s, 2s, 1pl, 2pl, 3pl</i>
<i>talk-s</i>	<i>present 3s</i>

b)

French:

[parl-e]	infinitive ('to talk')
[parl]	present 1s, 2s, 3s, 3pl
[parl-õ]	present 1pl
[parl-e]	present 2pl

(Jaegli e Safir, 1989).

Jaegli e Safir (1989) afirmam que para o licenciamento do sujeito nulo é necessário que todas as formas no paradigma flexional em línguas como o irlandês e japonês sejam morfologicamente complexas. Não pode haver uma mistura de formas morfologicamente complexas com radicais nus. Por essa razão, segundo os autores, o inglês e o francês em (40) não são línguas com sujeito nulo. No chinês, nenhuma forma é complexa, portanto, o paradigma também é morfologicamente uniforme. Abaixo, em (41), temos um exemplo do japonês, que assim como o chinês permite sujeitos nulos em posições temáticas e expletivas:

(41)

yom-ru	<i>read-present</i> (ler - presente)
yom-ta	<i>read-past</i> (ler - passado)
yom-anai	<i>read-neg</i> (ler - negação)
yom-eba	<i>read-conditional</i> (ler - condicional)
yom-oo	<i>let's read</i> (vamos ler)
yom-itai	<i>want to read</i> (quero ler)
yom-are	<i>was read</i> (foi lido)
yom-ase	<i>make read</i> (faz ler)

(Jaegli e Safir, 1989).

O chinês permite que tanto sujeitos quanto objetos permaneçam não expressos e tenham uma interpretação pronominal definida, como ilustrado por Huang (1984) em (42):

(42)

a. – kanjian ta le (Chinês)
 (he) see he ASP
 (__ viu ele).

b. Ta kanjian – le.
 He see (him) ASP
 ‘He saw him.’
 (Ele o viu).

Ambos os pronomes podem ser omitidos sob as condições apropriadas de discurso. As características das línguas de sujeito nulo radical que as distinguem das línguas de sujeito nulo consistentes são: (i) possibilidade geral de não expressão/elipse de argumentos nominais em várias funções, além do sujeito; e (ii) ausência de marcação de concordância de pessoa em verbos (Roberts; Holmberg, 2010).

Roberts e Holmberg (2010) reúnem ponderações de diversos autores em duas características relevantes.

- a. O radical pro-drop é possível se e somente se o ϕ -concordância não for obrigatório.
- b. Nulos consistentes são possíveis se e somente se não houver empobrecimento das características ϕ de T.

Além disso, Huang (2007) afirma que o chinês, apresenta as seguintes características: ausência de movimento de V para T; ausência de concordância, tempo ou morfologia de caso; e ausência de movimento de wh.

2.1.5. Línguas de sujeito nulo parcial

Holmberg (2010) apresenta o PB, finlandês e marata como línguas de sujeito nulo parciais, das quais no finlandês os pronomes de 1ª e 2ª pessoa são opcionalmente nulos em qualquer contexto, e para a 3ª pessoa, quando o sujeito é definido e está vinculado a um

argumento superior. Figueiredo Silva (2017) também apresenta o mesmo posicionamento em relação à classificação do PB. Vejamos (43) e (44).

(43)

a. (Minä) puhun englantia. (finlandês)

I speak-1SG English.

(Eu falo inglês).

b. (Sinä) puhut englantia

You speak-2SG English

(Você fala inglês).

c. *(Hän) puhuu englantia

He/She. speak-3SG English

(Ele/ela fala inglês).

d. (Me) puhumme englantia

We speak-1PL English

(Nós falamos inglês).

e. (Te) puhutte englantia

You speak-2PL English

(Vocês falam inglês).

f. *(He) puhuvat englantia

They speak-3PL English

(Eles/elas falam inglês).

(Holmberg, 2005).

(44)

a. Pekka_i väittää [että hän_{i,j}/Ø_{i/*j} puhuu englantia hyvin].

Pekka claims that he speaks English well
(Pekka afirma que ele fala inglês bem).

(Holmberg, 2005).

Isso contrasta com línguas como o italiano e o grego, onde é necessário um clítico especial (italiano) ou forma verbal (grego):

(45)

a. Qui non si può fumare. (Italian)

Here not SI can smoke

(Aqui não se pode fumar).

b. Apoghorevete to kapnisma. (Greek)

prohibit-3SG-mediopass the smoking

‘One can’t smoke here.’

(É proibido fumar).

(Holmberg, 2010).

Segundo Roberts e Holmberg (2010), em (45), o grego apresenta a forma médio-passiva do verbo ‘proibir’ e portanto resulta em uma interpretação impessoal, da mesma forma que ocorre com o italiano na presença do clítico *si*. No italiano, os autores defendem que a ausência de tal clítico resultaria em uma interpretação semelhante a (46), na qual o pronome seria genérico.

Os sujeitos nulos indefinidos são comuns em línguas de sujeito nulo parciais, como o português brasileiro, mas encontrados em condições mais restritas em línguas de não sujeito nulo. No PB, o sujeito correspondente ao pronome genérico em inglês ‘one’ é nulo. No PE, o pronome explícito ‘se’ deve estar presente (Holmberg, 2010).

(46)

a. É assim que faz o doce. (PB)

b. É assim que se faz o doce. (PE)

(Holmberg, 2010).

Segundo Figueiredo Silva (2017), os sujeitos nulos matrizes com interpretação referencial em contextos *out-of-the-blue* são agramaticais (ou pelo menos marginais no caso da primeira pessoa) em PB, como mostram (47a, b); a única possibilidade, nesses casos, é a interpretação genérica que vemos em (47c), o que se constitui como uma propriedade definidora de línguas de sujeito nulo parcial.

(47)

- a. * Todo dia come pizza.
- b. ?? Todo dia como pizza.
- c. Aqui *ec* arb conserta sapato.

(Figueiredo Silva, 2017)

Segundo Holmberg (2005), sujeitos genéricos podem e devem ser nulos. Vejamos (48):

(48)

Täällä ei saa polttaa.

(finlandês)

here not may smoke

‘One can’t smoke here.’ (Não se pode fumar aqui).

(Holmberg, 2005).

Holmberg (2010) diferencia a leitura genérica inclusiva da leitura genérica exclusiva. A primeira denota pessoas em geral incluindo o locutor e interlocutor, já a segunda denota pessoas em geral, porém excluindo o locutor e interlocutor. Segundo o autor, para a primeira temos o pronome impessoal como o usado em inglês “*one*” e “*you*”. Para a segunda temos o pronome “*they*”.

Segundo Figueiredo Silva (2017), ao analisar a desinência do presente a partir de diversos trabalhos envolvendo o alemão, inglês, finlandês (coloquial), alemão, kreyòl, italiano, PE e PB observou que o singular é mais decisivo que o plural, e que o sincretismo na terceira pessoa do singular, seja com a terceira do plural, seja com a segunda do singular, é o que determina a passagem de um língua de sujeito nulo consistente para uma de sujeito nulo parcial.

O português favorece estruturas que evitam o uso de pronomes, por exemplo, optando por estruturas passivas ou sujeito nulo, porém Duarte (1995) demonstrou que essa preferência está diminuindo, observando uma tendência crescente para o uso de pronomes em vez de estratégias de evitação de pronomes, sugerindo uma mudança na gramática dessa língua em relação ao princípio "Evite pronome".

Para Holmberg (2010), nas línguas de sujeitos nulos parciais, o sujeito ainda pode ser nulo essencialmente pela mesma derivação das línguas de sujeitos nulos consistentes. Quando o sujeito é um DP (lexical ou pronominal), não pode ser incorporado, e quando é incorporado nas línguas de sujeito nulo parciais, só pode ser interpretado como indefinido. No entanto, o PB, o finlandês e o marata têm sujeitos nulos que são interpretados como definidos e para esses deve haver um antecedente localmente c-comandante.

Conforme explica Holmberg (2010), os valores de traço- ϕ do sujeito são copiados por T, e o sujeito tem seu traço de caso valorados em troca. Quando o sujeito é um ϕ P nu, T copiará todos os valores de traço do sujeito, fazendo com que T e ϕ P formem uma cadeia, e o sujeito permanece nulo, por redução de cadeia. No entanto, na ausência de uD em T, valorado por um A-tópico, a interpretação da cadeia de sujeito não pode ser a de um pronome definido, mas pode ser indefinido, e é isso que é encontrado em línguas com sujeitos nulos parciais.

Segundo Holmberg (2010), um sujeito que não é incorporado é atraído pelo EPP para SpecTP. A previsão é, então, que o sujeito nulo definido em línguas de sujeitos nulos parciais está em SpecTP e verifica o EPP, enquanto o sujeito nulo genérico está em SpecvP e não verifica o EPP. Para o autor, como o sujeito nulo indefinido e genérico não possui um antecedente A-tópico, o EPP deve ser verificado por alguma outra categoria nessas sentenças.

(49)

a. Jari sanoo että tässä istuu mukavasti. (finlandês)

Jari says that here sits comfortably

‘Jari says that one can sit comfortably here.’

≠ ‘Jari says that he sits comfortably here.’

b. Jari sanoo että 1 istuu mukavasti tässä

Jari says that sits comfortably here

‘Jari says that he sits comfortably here.’

≠ ‘Jari says that one can sit comfortably here’.

(Holmberg, 2010).

Segundo Holmberg (2010), o finlandês possui uma condição EPP (Princípio do Preenchimento de Especificador) que é principalmente satisfeita pelo sujeito, mas também pode ser atendida por certas outras categorias, incluindo advérbios, e no exemplo (63a), o sujeito na terceira pessoa do singular não passou por movimento para SpecTP; em vez disso, o advérbio de lugar passou por esse movimento. O sujeito é nulo, por hipótese, devido à incorporação por meio de Agree com subsequente redução de cadeia. Na ausência de uD em T, o sujeito não pode ter uma interpretação definida, apenas uma interpretação genérica.

Biberauer (2010) afirma que pesquisas mostraram que é extremamente improvável que as línguas sob a classificação de sujeito nulo parcial constituam um único (sub)tipo de línguas. Elas são bastante desiguais, permitindo sujeitos referenciais nulos sob circunstâncias muito restritas. De uma forma geral, línguas que são classificadas hoje como sendo de sujeito nulo consistente talvez possam se encaixar nessa outra classificação.

3. A INFLUÊNCIA DOS VERBOS E DO ESPAÇO NO PSN NA LIBRAS

Nesta seção abordaremos as relações espaciais apresentadas na Libras relacionadas ao estabelecimento de referentes, bem como caracterizaremos os diferentes tipos de verbos em Libras e de que forma eles se comportam na sintaxe influenciando e favorecendo ou não a produção de sujeitos nulos.

Devido ao fato de a Libras ou qualquer outra língua de sinais serem línguas naturais, todas elas estão submetidas aos princípios que regem todas as línguas do mundo, segundo os pressupostos de Chomsky (1986). Portanto, apenas variariam em seus parâmetros, o que é esperado quando nos referimos a línguas distintas.

Uma evidência pode ser percebida em Pettito (1987), que demonstra a presença de reversão pronominal por parte de uma criança adquirindo ASL, fenômeno com ocorrência próxima aos dois anos de idade, período semelhante ao que é observado com crianças ouvintes típicas adquirindo línguas orais.

Outra evidência pode ser encontrada em Grutzmacher (2019), que ao estudar o processo de aquisição dos pronomes em Libras percebeu que tanto a explosão vocabular (período de rápida expansão do vocabulário), quanto o estabelecimento dos pronomes na gramática da criança surda também ocorreram no mesmo período esperado para crianças ouvintes típicas de mesma idade.

As apontações em Libras possuem diversas funções, dentre elas o estabelecimento de referentes. O sistema pronominal da Libras se estabelece espacialmente. No exemplo abaixo o sinalizante estabelece um ponto no espaço para o referente OUVINTES através da apontação, como em (50).

(50)



OUVINTE IX(els) CONTATO INTERAGIR CASA E(positivo)+ IX(eu) NÃO

(Os ouvintes, eles têm contato e interagem em casa, eu não).

Em língua de sinais, as relações que estabelecem os referentes em um discurso se dão através do espaço de sinalização à frente do sinalizante. Pontos no espaço são definidos para representarem as pessoas que falam ou de quem se fala. Esses pontos podem ser ativados a partir da apontação direta, da realização de um sinal no local escolhido ou mesmo através da mudança de posição do tronco ou cabeça, movendo-o para a direita ou esquerda, frente ao corpo. Uma das funções centrais do espaço de sinalização é a possibilidade de associar diferentes localizações (*loci*) a diferentes referentes no discurso (Lourenço, 2020).

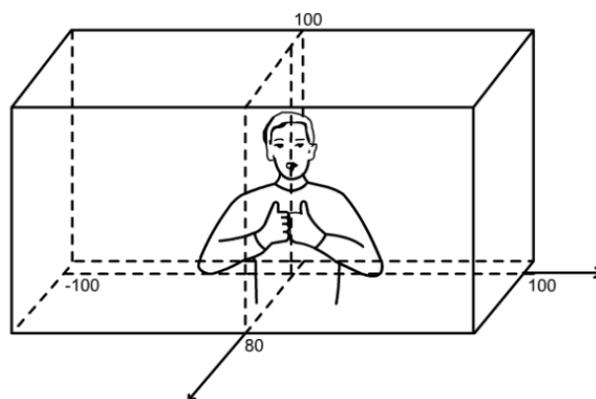


Figura 1 – O espaço de sinalização da Libras (BRITO, 1995)

Segundo Lourenço (2017) e Novak (2005), as línguas de sinais se estruturam quadridimensionalmente: além do fluxo temporal de produção dos sinais (a ordem em que os

sinais são produzidos), têm-se os eixos X, Y e Z do espaço de sinalização, ou seja, para podermos produzir ou compreender um enunciado sinalizado, precisamos levar em consideração o sinal e seu local de produção.

Os pronomes em Libras são apontados, por exemplo. Para o estabelecimento da primeira pessoa do singular, a apontação é direcionada para o tronco do sinalizante. Para o estabelecimento da segunda pessoa do singular a apontação é ego-oposta, ou seja, direcionada ao interlocutor. E para o estabelecimento da terceira pessoa do singular, a apontação é direcionada para a lateral no espaço de sinalização.



Figura 2: sinal em Libras para a primeira do singular pessoa EU.



Figura 3: sinal em Libras para a segunda do singular pessoa EU.



Figura 4: sinal em Libras para a terceira pessoa do singular ELE.

Almeida-Silva (2020) demonstra que para saber os limites entre o que seriam os pontos espaciais ego-oposto e o lateral na diferenciação da 2ª e 3ª pessoa pronominal, considerando o espaço de sinalização, é necessário considerar o posicionamento da face. O autor propõe uma nova perspectiva para os estudos sobre o tema, que comumente têm considerado como referência, o tronco e/ou o olhar, para o estabelecimento dessa diferença.

Quando o rosto muda de posição durante uma conversa ou um discurso livre, redefine automaticamente o ponto zero a partir do qual se estabelecem todos os espaços relativos aos morfemas pessoais. Assim, ao mover a face para o lado, todos os pontos virtuais são movidos, reposicionando os limites entre as áreas frontal e lateral, sempre que a cabeça muda de posição (Almeida-Silva, 2020).

O espaço é extremamente relevante na Libras. É através dele que podem se estabelecer as relações de concordância verbal. Segundo Oliveria e Cunha (2009) é possível pensar que em Libras não há concordância verbal, por não haver a flexão do verbo como em língua portuguesa; entretanto, em língua de sinais, certos verbos concordam tanto com o sujeito quanto com o objeto, obrigatoriamente com o segundo, e com o primeiro a depender do tipo de verbo utilizado.

Segundo Oliveira e Cunha (2009), no momento do discurso em língua de sinais, o espaço físico ao redor do emissor é usado da seguinte maneira: a articulação dos sinais se dá no espaço; o local especificado neste espaço é um parâmetro¹⁵ chamado de ponto de articulação. Os sinais podem apresentar um movimento ou não, obedecendo a uma orientação ou direcionalidade, sendo que a concordância é percebida justamente em relação a esses parâmetros.

Bahan et al. (2000) afirma que dado o uso sistemático de pontos no espaço para marcar referência, ao utilizar múltiplos pontos para diferenciar múltiplos referentes, o sistema de concordância em ASL se difere dos sistemas de concordância mais comumente encontrados em línguas faladas. Nessa língua, os argumentos nulos são licenciados por uma expressão de concordância.

¹⁵ O parâmetro aqui não está ligado ao conceito apresentado em Princípios e Parâmetros, mas sim a elementos ligados à fonologia, responsáveis pela constituição do sinal, ou seja, o espaço é uma parte menor sem significado, que constitui o sinal em língua de sinais.

3.1. Verbos em Libras

Nesta seção abordaremos as características dos verbos em Libras, pois afinal, como predicadores, eles são fundamentais na determinação das ordens sintáticas nessa língua. Conhecê-los é essencial para a compreensão das relações que envolvem o PSN.

Quadros e Karnopp (2004) e Sandler e Lillo-Martin (2009) assumem a divisão de três classes principais de verbos: (i) verbos de concordância; (ii) verbos espaciais; e (iii) verbos sem concordância. No primeiro pode ser observada concordância entre os argumentos referentes, como o sinal em Libras AJUDAR. No segundo, apresentam concordância com argumentos ou adjuntos locativos, como o verbo CHEGAR em Libras. O terceiro equivale a verbos sem marca de concordância, tais como o verbo GOSTAR em Libras.

Quadros e Karnopp (2004) afirmam que verbos simples são aqueles que não se flexionam para número e pessoa e não incorporam afixos locativos. Verbos com concordância se flexionam em pessoa, número e aspecto, mas não incorporam afixos locativos. E finalmente, os verbos espaciais são verbos que têm afixos locativos.

A concordância nas línguas de sinais acontece quando a localização e/ou a direção do verbo é determinada pela localização espacial dos argumentos, ou seja, o local em que o verbo é sinalizado é alterado para que este coincida com a localização dos argumentos que concordam com o verbo (Lourenço, 2017).

Quando há localizações associadas a nominais, um grupo de verbos nas línguas de sinais podem ser modificados, de modo que o ponto inicial e o ponto final de seu movimento de trajetória irão coincidir com as localizações de seus argumentos. Essa modificação sistemática dos verbos tem sido chamada de **concordância verbal** nas línguas de sinais (Lourenço, 2020).

Lourenço (2017) afirma que a diferenciação entre verbos simples e com concordância possui consequências de natureza sintática. Vejamos como funcionam os verbos que não apresentam nenhuma marca morfológica de concordância, os verbos simples. Vejamos os exemplos em (51):

(51)

a. MARIA GOSTAR JOÃO.

(Libras).

‘A Maria gosta do João.’

b. JOÃO DORMIR C-E-D-O TODO^DIA.

‘João dorme cedo todos os dias.’

c. ONTEM EU₁ SENTIR BEM NÃO.

‘Ontem eu não me senti bem./Ontem eu não estava me sentindo bem.’

(Lourenço, 2017).

Vejamos agora como se comportam os verbos com concordância. Eles se dividem em três tipos: verbos com concordância única, verbos com concordância dupla regular e verbos com concordância dupla reversa.

Segundo Lourenço (2017), os verbos com concordância única apresentam concordância apenas com um único argumento da sentença e concordam sempre com o objeto sintático, deixando a concordância com o sujeito opcional e pode ser omitida, como em (52):

(52)

a . M A R I A_a A B A N D O N A R_b F I L H O_b

(Libras).

‘A Maria abandonou o filho.’

b. VOCÊ₂ ACARICIAR_b CACHORRO_b

‘Você acariciou o cachorro.’

c. EU₁ CONSERTAR_b CARRO_b

‘Eu consertei o carro.’

(Lourenço, 2017).

Segundo Lourenço (2017), os verbos com concordância dupla concordam com dois argumentos da sentença, em uma configuração SUJ^{VERBO}_{OBJ} , conforme (53).

(53)

a. MARIA_a aAVISAR_b JOÃO_b

(Libras).

‘A Maria avisou o João.’

b. EU₁ 1DAR₂ VOCÊ₂ LIVRO

‘Eu dei o livro para você.’

c. ONTEM VOCÊ₂ 2MOSTRAR₁ EU₁ LIVRO INGLÊS.

‘Ontem você me mostrou o livro de inglês.’

(Lourenço, 2017).

E por fim, temos o último grupo relacionado aos verbos com concordância, que são os verbos com concordância dupla reversa, no qual a concordância é invertida, como mostra (54).

(54)

a.MARIA_a BCONVIDAR_a JOÃO_b FESTA CASA POSS_a

(Libras).

‘A Maria convidou o João para uma festa na casa dela.’

b. EU₁ BPEGAR₁ LIVRO_b

‘Eu peguei o livro.’

c. VOCÊ₂ 1ESCOLHER₂ EU₁

‘Você me escolheu.’

(Lourenço, 2017).

Quadros (2000) afirma que a LIBRAS é uma língua de núcleo inicial e apresenta evidências de que a ordem básica da sentença em Libras é a sequência SUJEITO-VERBO-OBJETO (SVO). Nessa ordem, segundo Quadros (2000) e Lourenço (2017) todas as sentenças são gramaticais sem informações adicionais. Vejamos os exemplos em (55).

(55)

a. JOÃO GOSTAR MARIA

(Libras).

O João gosta da Maria.

b. JOÃOa [aENVIARb CARTA MARIAb]conc¹⁶

O João enviou a carta para a Maria.

(QUADROS, 2000).

Quadros (2000) afirma que OSV e SOV são ordens derivadas somente mediante alguma marca especial (presença de traços), tais como as marcações não manuais que coocorrem com as palavras e as demais combinações VSO, OVS e VOS não são derivadas na LIBRAS, mesmo com a presença de alguma marca especial, além disso, a extração de um objeto oracional para uma posição mais alta não é permitida. Vejamos (56)

(56)

(Libras).

a. [MARIA]tópico JOÃO GOSTAR

A Maria, o João gosta.

b. [MARIAb] JOÃOa [aENVIARb] CARTA

Para Maria, o João enviou a carta

c. JOÃO PENSA [MARIA INTELIGENTE]

*[MARIA INTELIGENTE]JOÃO PENSA

O João pensa que a Maria é inteligente.

(QUADROS, 2000).

Para Lourenço (2017), a possibilidade de gramaticalidade nas ordens SOV e OSV em Libras está relacionada a restrições quanto à natureza do verbo, ou seja, se é de um tipo com

¹⁶ Temos um verbo com concordância.

ou sem concordância. Para ele, a ordem SOV é possível apenas em construções que apresentam argumentos não-reversíveis (57a). Quando os argumentos são reversíveis semanticamente, a ordem SOV é agramatical (57b), diferente de construções com verbos com concordância, como pode ser visto (57c) e (57d), que para serem gramaticais apresentam o marcador não-manual (<do> - direção do olhar) se espraiando sobre o objeto e o verbo.

(57)

a. JOÃO_a FUTEBOL GOSTAR (Libras).

João gosta de futebol.

b. *JOÃO_a MARIA_b GOSTAR

João gosta de Maria.

————do

c. JOÃO_a TV_b a VER_b.

João viu TV.

————do

d. JOÃO_a MARIA_b a AVISAR_b.

João avisou a Maria.

(Lourenço, 2017).

Segundo Lourenço (2017) as construções OSV apresentam o levantamento das sobranças (____{IS}) como um marcador não-manual obrigatório, que indica que a sentença foi topicalizada, embora o que determina seu licenciamento é a marca não manual <do> (direção do olhar). Além disso, a natureza semântica pode restringir a mudança da ordem em contextos com verbos simples, restrição não encontrada em verbos com concordância. Vejamos (58):

(58)

———ls

(Libras).

a'. FUTEBOL JOÃO_a GOSTAR.a'*. *FUTEBOL JOÃO_a GOSTAR.

De futebol, o João gosta'

———ls

b'. *MARIA_b JOÃO_a GOSTAR.b'*. *MARIA_b JOÃO_a GOSTAR.

Da Maria, o João gosta.

——ls/do

c'. TV_b JOÃO_a ASSISTIR_b.c'*. *TV_b JOÃO_a ASSISTIR_b.

À TV, O João assistiu.

——ls/do

d'. MARIA_b JOÃO_a AJUDAR_b.d'*. *MARIA_b JOÃO_a AJUDAR_b.

À Maria, o João ajudou.

(Lourenço, 2017).

Segundo Lourenço (2017), a concordância está associada a diferentes ordens de palavras e verbos com concordância podem mover livremente o objeto para a posição de tópico da sentença, uma vez que a concordância presente no verbo é capaz de identificar os argumentos da sentença, havendo restrições em caso de verbo simples. Segundo o autor, no

caso do objeto, ele somente poderá ser topicalizado caso os argumentos da sentença não sejam reversíveis, assim como acontece com a ordem SOV. Em contextos com verbos simples, como em (58)b' acima, a gramaticalidade é estabelecida à presença do preenchimento do argumento interno por um pronome IX ao final da sentença, direcionado ao referente MARIA.

Segundo Lourenço (2017), apresenta uma evidência que aponta para o movimento de vP para a posição de Spec, TP. Vejamos (59) e (60).

(59) (Libras)

a. ONTEM IX₁ VONTADE PIZZA NÃO.

b. IX₁ VONTADE PIZZA ONTEM NÃO.

‘Ontem eu não tive vontade [de comer] pizza.’

(60)

a. ONTEM IX₁ AJUDAR_a MARIA_a NÃO

b. *IX₁ AJUDAR_a MARIA_a ONTEM NÃO.

‘Ontem eu não ajudei a Maria.’

(Lourenço, 2017).

Segundo Lourenço (2017), o advérbio ONTEM é um advérbio de TP, que tem a possibilidade de surgimento no início ou no final da sentença e ocorre entre o verbo e o sinal NÃO, como nos exemplos em (59), nos quais ambos ocupariam a posição de Spec,TP e se diferenciariam segundo o momento em que são inseridos na derivação. Quando o advérbio é inserido antes do movimento de vP para Spec, TP, tem-se a ordem SVOAdvnão, enquanto que, quando o advérbio é inserido tardiamente, a ordem resultante é AdvSVOnão.

Em (60), a ordem SVOAdvnão não está disponível para sentenças com verbo de concordância. Isso se dá, uma vez que, nessas construções, não há fronteamto de vP para a posição de Spec,TP (Lourenço, 2017).

Os elementos abordados nesta seção serão importantes para compreendermos as características da Libras, uma vez que será através delas que poderemos colocá-la em paralelo

com outras línguas com a finalidade de verificar diferenças e semelhanças que nos possibilitem classificá-la segundo o PSN.

4. A TEORIA GERATIVA E A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Nesta seção abordaremos as bases teóricas da perspectiva gerativa, que nos auxiliarão na compreensão de nosso objeto de estudo. Inicialmente, partiremos das questões basilares à teoria e em seguida compreenderemos o funcionamento da mente modular e a forma como a posição de sujeito se comporta na sintaxe, então, finalizaremos com a visão gerativa sobre a aquisição. Esses elementos serão fundamentais para respondermos às perguntas levantadas na introdução.

A Teoria Gerativa, proposta por Noam Chomsky, revolucionou o campo da linguística ao propor uma abordagem que objetivava entender a estrutura e o funcionamento das línguas. Desde sua introdução na década de 1950, ela tem sido um dos pilares fundamentais da linguística moderna.

Chomsky foi refinando sua teoria ao longo dos anos, mas podemos considerar que um dos marcos para esse arcabouço foi a mudança de perspectiva teórica em relação às abordagens anteriores. Segundo Chomsky (1986), o objetivo da investigação deixou de ser o comportamento linguístico e os produtos desse comportamento, para passarem a ser os estados da mente/cérebro que fazem parte de tal comportamento, ou seja, o conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso.

Sob a égide do “conhecimento da língua”, a teoria gerativa busca responder a três questões:

- (i) O que constitui o conhecimento da língua?
- (ii) Como é adquirido o conhecimento da língua?
- (iii) Como é usado o conhecimento da língua?

Segundo Chomsky (1986), as respostas para essas questões são as seguintes: para a primeira pergunta, a resposta é uma gramática gerativa, um estado da mente/cérebro do indivíduo; para a segunda, assume-se a teoria da GU, constituída por um estado da mente/cérebro anterior a experiência linguística, no qual estão contidos princípios e parâmetros, nos quais os primeiros são comuns a todas as línguas e os segundos são definidos a partir do *input* linguístico; para a terceira, uma teoria acerca do modo como o conhecimento da língua atingido interfere na expressão do pensamento e na compreensão das amostras de língua.

Nessa abordagem teórica, acredita-se em uma mente modular, da qual a linguagem é um dos diversos módulos que constituem a cognição. Esses módulos são considerados inatos e possuem uma estrutura específica pré-programada. Cada um deles é responsável por uma função cognitiva particular, como a aquisição e o processamento da linguagem, a percepção visual, a memória, entre outros, e são responsáveis por funções cognitivas específicas e operam de forma autônoma e encapsulada.

Chomsky propôs a existência de um módulo específico, Faculdade da Linguagem (FL), responsável pela aquisição e pelo uso da linguagem. Segundo Chomsky (1986) somos biologicamente predispostos a desenvolver uma língua, com base em uma experiência apropriada, e nossa competência linguística se desdobra de maneira específica para a espécie. Essa FL é considerada modular, pois é uma estrutura cognitiva independente e especializada. Ela permite que as crianças tenham uma aquisição de forma rápida e eficiente, mesmo com uma exposição limitada.

A modularidade da mente na teoria gerativa também está relacionada à ideia de independência, que se refere à autonomia dos módulos cognitivos em relação a outros sistemas cognitivos. Os módulos são caracterizados por sua especificidade de domínio, ou seja, eles operam em um domínio particular sem interferência direta de outros sistemas cognitivos.

Podemos fazer uma comparação com um computador, no qual há um processador e vários programas que são ativados de acordo com a demanda solicitada, porém cada um deles é independente um do outro, por exemplo, se o aplicativo da calculadora em seu celular estiver desatualizado, pode ser que não funcione, porém isso não irá interferir no funcionamento do aplicativo e-mail. Acredita-se que o mesmo ocorra com os diferentes módulos da mente e portanto, o módulo da linguagem também é independente de outros.

Uma evidência que fortalece a crença de independência é o fato de haver síndromes que podem afetar severamente o cérebro de indivíduos, causando-lhes problemas em alguns módulos, mas lhes confere excepcional desenvolvimento em outro, como na síndrome de *savants*¹⁷, conhecida como a síndrome do sábio, é uma condição neurológica rara em que indivíduos apresentam habilidades extraordinárias em áreas específicas, apesar de possuírem algum tipo de deficiência ou desafio em outras áreas do desenvolvimento.

¹⁷ Podemos observar o caso de Kim Peek, que inspirou o filme *Rain Man* (1988).

Essa característica de independência permite que os módulos operem de forma eficiente e especializada, processando informações relevantes para sua função específica sem a interferência de outros sistemas cognitivos.

Um dos elementos principais da teoria é a caracterização da FL, que seria um componente da mente/cérebro, responsável pelo conhecimento da língua, que é o que diferencia os seres humanos dos demais animais, ou seja, a capacidade de produzir e compreender sentenças. Diferentemente das abordagens tradicionais e estruturalista, a gramática generativa ocupa-se da inteligência do leitor, dos princípios e dos processos acionados para atingir o conhecimento da língua (CHOMSKY, 1986).

Segundo Chomsky (1986), o conhecimento da língua é frequentemente caracterizado como uma capacidade prática para falar e compreender. Para o autor, esse conhecimento se caracteriza por um certo estado da mente/cérebro que adquire certa estabilidade a partir do *input*. De acordo com esse posicionamento, o autor nos apresenta o conceito de língua a partir de duas perspectivas: a língua-E e a língua-I.

Língua-E ou língua externa não está no centro dos estudos da teoria gerativa, diferente da Língua-I que se caracteriza por um estado da mente/cérebro. Através da FL, em estado inicial anterior à experiência linguística, constituído pela GU, após o *input* a mente/cérebro vai alterando seu estado, até atingir um estado estável, o qual chamamos língua-I, perspectiva adotada neste estudo. Nesse estágio, o indivíduo desenvolveu o conhecimento da língua, que o possibilitará a produzir e compreender sentenças.

Existem diferenças entre o conhecimento da língua e de que forma esse conhecimento é usado. Por exemplo, um indivíduo pode ter adquirido sua língua-I, porém sofrer um acidente que o deixa impossibilitado de usar seus órgãos fonoarticulatórios. Sua habilidade comunicativa se torna prejudicada, porém o conhecimento linguístico não é perdido. Dizemos então, que a competência se mantém intacta, porém o desempenho foi prejudicado.

A competência refere-se ao conhecimento linguístico interno e abstrato que um falante possui sobre sua língua, é o conjunto de regras, estruturas e princípios gramaticais que permitem aos indivíduos formar e interpretar sentenças corretas em sua língua materna. A competência linguística é considerada uma habilidade inata e universal que todos os falantes nativos de uma língua possuem.

Por outro lado, o desempenho é o uso concreto e observável da linguagem em situações reais de comunicação. Refere-se à maneira como os falantes aplicam sua competência linguística em tempo real, considerando fatores como memória, contexto, influências sociais e cognitivas. O desempenho pode variar de acordo com diferentes fatores, como fadiga, pressão social, interferência de outras línguas e limitações individuais, assim como o exemplo inicial de perda da laringe.

Cada elemento linguístico carrega consigo informações sobre sua categoria gramatical e outras características sintáticas. Essas informações são projetadas para níveis mais altos de estrutura, criando uma hierarquia de unidades linguísticas que se encaixam em uma sentença. As estruturas sintáticas são determinadas pelas propriedades de seleção por parte do predicador verbal.

Para a forma como se constituem as sentenças através do sistema computacional temos alguns elementos importantes, tais como o Princípio de Projeção (PP), o qual se refere à ideia de que, em uma sentença, cada constituinte (como um sujeito, verbo, objeto, entre outros) é projetado a partir de um núcleo que determina sua estrutura. Cada componente da sentença é associado a um núcleo específico que dá as informações necessárias para a sua interpretação. Por exemplo, em uma frase simples como "O gato dorme", o núcleo verbal "dorme" projeta o sujeito "O gato" de acordo com as propriedades gramaticais e semânticas necessárias. Posteriormente o PP se expande para comportar a afirmação de que a posição Spec em IP deve ser preenchida.

Sobre o PP, Chomsky (1981) afirma que as propriedades de marcação de cada item lexical devem ser representadas categorialmente em cada nível sintático: em FL, S-estrutura e D-estrutura.

O Princípio de Projeção Estendido (EPP) vai além desse conceito básico, considerando a estruturação de frases mais complexas e detalhadas. Ele se concentra na forma como as sentenças são construídas, levando em conta a hierarquia das categorias gramaticais e suas inter-relações. Ele nos afirma que: a) uma EC (Empty Category) está presente sempre que uma função S é atribuída, mas a posição S correspondente não contém material lexical, e (b) a categoria S deve sempre conter um EC como sujeito se não houver sujeito explícito, como em orações infinitivas ou orações finitas em línguas pro-drop com sujeitos ausentes ou invertidos (CHOMSKY, 1981).

Uma evidência que pode dar suporte para a afirmação de Chomsky pode ser encontrada no inglês em construções que envolvam sujeitos expletivos ligados a verbos que denotam fenômenos da natureza, que não podem ser encontrados em português por exemplo em (61).

(61)

It rains (inglês).

Chove.

(ec) Chove (português).

(CHOMSKY, 1986).

Assumindo o EPP, todos os predicadores possuem a posição de Spec preenchida. Esse preenchimento pode se dar por meio de um elemento foneticamente pronunciado ou não expresso. O *pro* se apresenta como um pronome com conteúdo fonético ausente. Ele recebe papel temático e marcação de caso. Além disso está relacionado ao PSN, que abordaremos mais adiante. Línguas *pro-drop* são línguas que apresentam esse pronome nulo na posição de sujeito, assim como o italiano propor exemplo em (62).

(62)

(Io) parlo italiano.

(Eu) falo italiano.

(Rizzi, 1997).

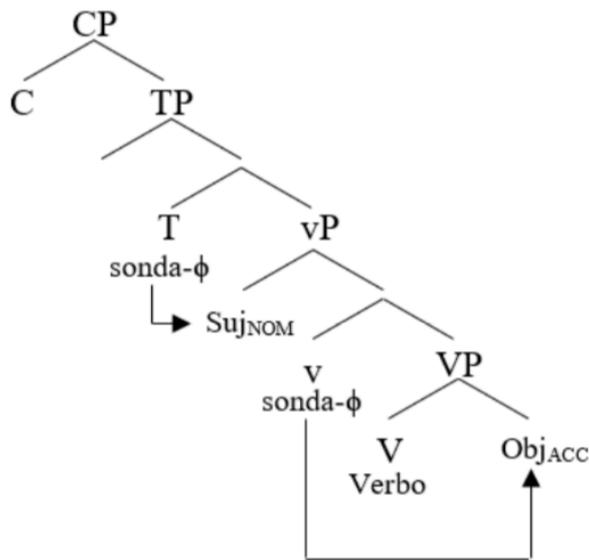
Chomsky (2000) e Chomsky (2001) apresentam um elemento importante para a temática tratada neste estudo: Agree, que antes do Minimalismo, tinha seu conceito ligado à noção de concordância entre elementos sintáticos. Por exemplo, era comum observar um verbo concordando em número e pessoa com seu sujeito em idiomas que exigiam essa concordância. Esse processo implicava em movimentos de elementos dentro da estrutura

sintática para garantir a gramaticalidade. Tais procedimentos eram frequentemente explicados por meio de regras e operações de movimento mais explícitas.

Dentro do contexto minimalista, Agree é entendido como um processo de verificação de traços entre elementos, e ocorre quando dois elementos precisam compartilhar características específicas, como número, pessoa ou gênero, os chamados traços- ϕ , em relações sonda-alvo. Quando os traços coincidem, ocorre o Agree, e também a eliminação de traços que não são lidos pelas interfaces do sistema é estabelecida.

Conforme apresentado anteriormente e segundo Lourenço (2017) na Libras a sonda- ϕ presente em T_0 somente irá concordar com um DP cujo Caso tenha sido valorado por T_0 . Em outras palavras, a sonda- ϕ de T somente irá concordar com um DP nominativo. Em contrapartida, a sonda- ϕ de vP somente irá concordar com um DP que receba Caso acusativo de v. Vejamos a derivação apresentada pelo autor, a seguir, em (63)

(63)



(Lourenço, 2017).

Na relação “sonda-alvo” teremos dois participantes principais. O elemento sonda é aquele que busca traços- ϕ que o alvo possui e que podem ser compartilhados nessa relação. A ativação de Agree ocorre quando um elemento, digamos o núcleo de flexão, precisa concordar com um sujeito, no qual o primeiro é designado como sonda, e o segundo como alvo,

garantindo que ambos compartilhem traços de número, resultando em uma estrutura gramatical.

Cada língua, conforme o comportamento do PSN apresentará Agree, na relação sonda-alvo de uma maneira diferente. Em línguas de sujeito nulo há movimento para IP, o que não ocorre em línguas de sujeito nulo radical. Durante o processo de aquisição a criança deverá formar sua língua-I a partir da atribuição de valores positivos ou negativos aos parâmetros. Observar esses elementos nos ajudará a responder os questionamentos que norteadores dessa pesquisa. Passemos à próxima seção, na qual abordaremos diversos aspectos sobre a aquisição sob a perspectiva gerativa.

4.1. Aquisição de linguagem sob a perspectiva da Teoria Gerativa

Kato (2002) afirma, que na linguística gerativa a preocupação com a diversidade sintática só é manifestada explicitamente no modelo de Princípios e Parâmetros (PP) a partir da década de 1980, já que até então, a preocupação primordial era determinar os Princípios invariantes que governavam as línguas e não o que permitia a sua diversidade.

Segundo a autora, inicialmente, pensou-se Parâmetros como propriedades sub especificadas associadas aos Princípios, como por exemplo na variação encontrada na posição de núcleo de uma estrutura [+núcleo final] / [-núcleo final], dentre outros. Porém os problemas começam quando o que se postula como Princípio não se observa nas línguas, podendo apresentar violações. Um exemplo disso seria o Princípio da Projeção estendida, em que línguas com sujeito oculto o violariam ou ele deveria ser parametrizado. A saída foi a postulação de um pronome nulo (*pro*) identificável pela concordância do verbo (KATO, 2002).

Na medida em que a a teoria sintática passa a desenvolver as categorias funcionais como núcleos de projeção X-barra, observa-se haver propostas teóricas que localizam a variação limitada ao léxico funcional da língua. Questões como o Princípio da Adjacência adquirem explicações morfológicas (KATO, 2002).

Segundo Kato (2002), os estudos revistos em seu trabalho mostram que a variação linguística parece ser efetivamente uma função do léxico funcional: a) de seus traços abstratos

que levam ou não a deslocamentos de constituintes e b) da forma substantiva dos formativos gramaticais. O mistério do número de Parâmetros se resolve pela limitação das categorias funcionais e pela variação binária nelas encontrada. Além disso, a autora afirma, que o desenvolvimento de uma teoria sobre categorias funcionais propiciou também os avanços nos estudos de aquisição, ou desenvolvimento, da sintaxe.

Inicialmente, a concepção de “parâmetro” na teoria de Princípios e Parâmetros parecia ter a preocupação de definir um tipo de língua, através do conjunto de propriedades correlatas, mas, com a guinada conceitual de atribuir à variação linguística as propriedades das categorias funcionais, parâmetros parecem se definir cada vez mais como construções específicas e não como “macro-parâmetros” (KATO, 2002). A noção de parâmetro é essencial para a aquisição, uma vez que esse processo se estabelece a partir da valoração de parâmetros através do *input*.

Noam Chomsky, que é conhecido por suas críticas contundentes ao behaviorismo, uma abordagem psicológica que enfatiza o estudo do comportamento observável. Em seu livro "Verbal Behavior" (1957), Skinner propôs que a linguagem era resultado do condicionamento operante e que as palavras eram apenas estímulos verbais e respostas comportamentais. Chomsky contestou a visão behaviorista de que a linguagem e a mente humana poderiam ser explicadas apenas pelo estudo do comportamento observável. Ele argumentou que o behaviorismo não abordava adequadamente a complexidade da linguagem e sua aquisição.

Chomsky defendeu a existência de uma FL inata na mente humana, argumentando que as crianças são capazes de adquirir a linguagem de forma rápida e criativa, mesmo sem instrução explícita. Segundo ele, os seres humanos têm uma faculdade especial que os permite aprender qualquer língua na infância.

O autor criticou o behaviorismo por sua falta de preocupação com a estrutura interna da mente e a compreensão da gramática. Ele argumentou que a linguagem é governada por regras gramaticais complexas, que vão além do simples condicionamento. Chomsky (1957b) afirmou, que o estudo do comportamento verbal não pode ser limitado à análise de contingências de reforço.

O autor também criticou a abordagem behaviorista por não considerar a criatividade linguística dos falantes, pois segundo ele, os seres humanos são capazes de produzir e

compreender uma infinidade de sentenças, muitas das quais nunca foram ouvidas antes. Chomsky (1965) afirmou que a criatividade linguística é um traço central da linguagem humana. Os falantes são capazes de produzir e compreender uma infinidade de sentenças, mesmo que nunca tenham sido expostos a elas.

A teoria chomskyana é às vezes chamada de teoria da gramática universal (GU), um estado do cérebro/mente anterior a experiência linguística. Conforme explicitado anteriormente, através do *input* linguístico (língua-E) esse estado vai se alterando até atingir certa estabilidade, momento no qual definimos que a criança construiu seu conhecimento sobre a língua, ou seja, adquiriu sua língua-I. Para Chomsky (1986), o processo de maturação é geneticamente determinado, embora seja influenciado em vários aspectos pelo decorrer da experiência.

Ao longo da aquisição, a FL, ativada pelo *input*, faz a mente/cérebro sair do estágio inicial (E⁰) e ir selecionando os parâmetros que constituirão sua língua-I. Chomsky faz uma referência a um sistema de interruptores, no qual a criança vai selecionando de forma binária (+ / -) os elementos que caracterizam seu conhecimento linguístico. Esse processo é chamado de período crítico.

O período crítico constitui-se como o tempo que vai desde o nascimento até o início da puberdade, segundo Chomsky (1986), no qual a criança possuiria mais facilidade e disposição biológica para adquirir uma língua, tornando mais difícil sua aquisição após a puberdade. Uma vez que as sinapses estão em pleno desenvolvimento, o *input* linguístico propicia que novas conexões sejam formadas e que a FL exerça sua função. Diante da privação linguística, esse processo não ocorre de maneira típica.

Crianças surdas geralmente sofrem com a privação linguística, uma vez que apenas 5% são filhos de pais surdos e por consequência adquirem a língua de sinais de forma natural e no período ideal (QUADROS, 1997). A aquisição tardia pode gerar danos irreparáveis à comunicação humana.

Considerando que todas as línguas humanas são regidas por princípios comuns a todas elas, e que todo desenvolvimento de língua-I parte da GU, podemos observar etapas semelhantes ao desenvolvimento linguístico de crianças surdas típicas.

Como dito anteriormente, o processo típico de aquisição inicia-se ao nascimento, e por volta dos seis meses de idade a criança inicia o período de balbúcio (oral e manual), que se

constitui como uma produção primitiva dos sons ou gestos manuais da língua alvo, e evoluem manualmente, segundo Grutzmacher (2019) no sentido rádio-ulnar¹⁸ e oralmente, segundo Andrade et al. (2000) no sentido anteroposterior¹⁹.

Com relação à aquisição dos fonemas nas línguas orais é possível observar uma hierarquia quanto ao surgimento no sentido anteroposterior, ou seja, os fonemas bilabiais são adquiridos antes que os fonemas velares. A Libras, por exemplo, também apresenta uma aquisição hierarquizada do componente configuração de mão, na qual, configurações de mão que estejam mais próximas ao osso rádio são adquiridas antes do que configurações que estejam mais próximas do osso ulna. Por exemplo: configurações envolvendo polegar e dedo indicador surgem antes que configurações de mão que envolvam o polegar e o dedo anelar. Grutzmacher (2019) chama essa sequência de aquisição é rádio-ulnar.

No período pré-linguístico, a criança é capaz de comunicar-se através do choro (COSTA e SANTOS, 2003). Branco et al. (2006) afirmam que o choro do recém-nascido por motivo de dor possui a características acústicas de estridência e tensão, com frequência aguda e variações como quebras e bitonalidade.

Segundo Costa e Santos (2003), até um ano de idade a criança vai aproximando suas produções à prosódia do seu *input*. Entre 12 e 24 meses de idade há vários acontecimentos: se iniciam as primeiras palavras; aparecimento da holofrase²⁰; a pronúncia se aproxima do modelo adulto, mas ainda com falhas; as palavras produzidas são simples e refletem um nível baixo de organização lexical. Há um rápido aumento na quantidade de palavras ao longo desse tempo, o chamado de explosão vocabular.

Crianças surdas podem utilizar o sinal COMER com uma forma fonética diferente do padrão adulto no período da holofrase, por exemplo, para comunicar diversas coisas com apenas esse sinal, tais como: “estou com fome”, “quero mais comida”, “não quero mais comer” dentre outros.

¹⁸ As configurações de mão que utilizam o polegar e o dedo indicador surgem antes do que as que envolvem o dedo mínimo ou anelar.

¹⁹ Os fonemas bilabiados são adquiridos antes que os velares por exemplo.

²⁰ Emissão de uma palavra significando uma frase completa.

Por volta dos dois anos surgem as primeiras combinações, nas quais as crianças combinam mais de uma palavra em suas produções. Ao longo do tempo as sentenças começam a se apresentar mais extensas.

Por volta dos três anos de idade, segundo Costa e Santos (2003), a criança apresenta um salto linguístico, parecendo tornar-se um falante competente. As crianças passam a produzir palavras gramaticais. Nesta fase observamos as grandes generalizações, que segundo Costa e Santos (2003) correspondem à extensão de regras gerais a formas que tem algo de excepcional e são evidenciadas em enunciados como em (64):

(64)

- a) **"Eu fazi"**.
- b) **"Eu sabo"**.

A aquisição não se desenvolve através de correções ou de instruções. É um processo seletivo e não instrucional (CHOMSKY, 1986; KATO, 2002). Por volta dos três anos de idade, a criança apresenta dificuldades com relação à produção dos tempos e modos verbais, e também com outras referências temporais, Costa e Santos (2003) apresentam algumas produções que ilustram essa dificuldade. Com *input* (65 **a**) e **b**)), essa diferença tende a fazer com que as crianças generalizem o uso do indicativo, conforme os exemplos em (65 **c**) e **d**)) abaixo em (65):

(65)

- a) Eu acho que vai chover.
- b) Espero que não chova.
- c) Quero que tu vens buscar-me.
- d) Queres que eu brincava contigo.

Costa e Santos (2003) afirmam, que por volta dos quatro ou cinco anos de idade, parece que as crianças já chegam ao ponto em que são falantes competentes da sua língua. Os autores também informam haver indicadores de que o processo de aquisição da linguagem só se encerra na adolescência. Considera-se o encerramento da aquisição o ponto em que ela se

estabiliza, uma vez que é nessa fase em que os aspectos mais sofisticados da gramática são estabelecidos.

A exposição linguística é necessária para a aquisição. Receber o *input* linguístico sob condições que permitam alcançar o estágio de competência linguística apenas é possível quando a via sensorial principal utilizada no processo de aquisição for compatível com a modalidade de língua à qual se objetiva alcançar a competência linguística, uma vez que, independentemente da modalidade de língua, assumimos que o importante no processo é que a criança adquira uma língua no período crítico, seja ela oral ou sinalizada.

Por questões já apresentadas anteriormente, crianças surdas possuem chances maiores de apresentarem privação linguística, que podem gerar um processo de aquisição de língua atípico, devido à exposição tardia ao *input*. Esse fato se deve, em geral, por dois fatores (i) a falta de conhecimento a respeito do universo da surdez; e (ii) o preconceito em relação aos surdos e a língua de sinais, percebida como inferior à modalidade oral do país.

Para o indivíduo surdo, que aqui chamaremos de Léo²¹, a preocupação de alterações linguísticas não existe, uma vez que seu desenvolvimento é típico, devido ao ambiente linguístico propício e ausência de alterações de base, que pudessem influenciar em sua FL.

Como dito anteriormente, mesmo possuindo suas particularidades quanto aos processos e fenômenos linguísticos, as línguas de sinais apresentam os mesmos marcos do desenvolvimento linguístico, observado em línguas orais. Grutzmacher (2019) observou o surgimento de pronomes em Libras em período semelhante a Magalhães (2006b) no português, Newport e Meier (1985) observaram a presença do balbúcio oral e manual em crianças surdas e ouvintes, Quadros (1997) apresenta os estágios que a criança surda percorre para atingir a competência linguística, dentre outros.

As línguas de sinais apresentam muitos sinais com grau considerável de iconicidade, sinais lexicalizados e gestos culturais amplamente usados durante a interação linguística. Já que as pessoas do discurso são realizadas através de apontações, esses elementos poderiam nos levar a imaginar que a aquisição do sistema pronominal da Libras poderia ser facilitado por sua aparente transparência em significado, favorecendo a aquisição de crianças surdas, adquirindo língua de sinais, em relação às crianças ouvintes adquirindo alguma língua oral. O que podemos observar é a presença de um processo semelhante para ambos os grupos.

²¹ Léo é um nome fictício, utilizado para garantir o sigilo do participante.

Hatzopoulou (2008) pesquisando a aquisição da língua de sinais grega, afirmou que a criança passa por quatro estágios de desenvolvimento identificados no uso de apontar para referência a pessoas e a si mesmo, como em (66):

(66)

1. Primeiro estágio na aquisição da apontação: Emergência da referência para objetos (idade: 1;0,11–1;1,19).
2. Segundo estágio na aquisição da apontação: Emergência da referência para pessoas e para si próprio (idade: 1;2,10–1;3,03).
3. Terceiro estágio na aquisição da apontação: Referência esporádica para pessoas e para si próprio (idade: 1;4,00–1;8,00).
4. Quarto estágio na aquisição da apontação: Estabelecimento da apontação pronominal para referência de si próprio e para pessoas (idade: 1;8,07–2;3,01).

Magalhães (2006b) buscou verificar de que forma se dava o desenvolvimento do sistema pronominal sujeito e objeto na aquisição do português europeu e brasileiro. Nesse estudo a autora utilizou um *corpus* constituído por 4 crianças (duas brasileiras e duas portuguesas) entre 1;9 e 3;0 de idade e observou que as crianças brasileiras passavam por dois estágios de desenvolvimento do sujeito nulo. Um primeiro estágio em que a produção se distanciava do padrão adulto e um posterior estágio em que se aproximava dele. Crianças portuguesas apresentavam o padrão de produção semelhante ao adulto desde o início, com altos índices de produção de sujeitos nulos. Magalhães (2007) revisita a ideia de estágios, propondo um posicionamento em que a assimetria da produção de sujeitos nulos se justifica através do sistema flexional, que será abordado mais adiante.

Magalhães (2006b) afirma que quanto ao surgimento na aquisição de pronomes para primeira e terceira pessoas o quadro é o mesmo no PE e no PB. Comparado com as outras pessoas do singular, nota-se que o pronome “você”, segunda pessoa do singular em PB, aparece muito mais cedo que o pronome de segunda pessoa do singular do PE, raramente expresso. Crianças portuguesas usam menos o pronome pessoal de segunda pessoa do singular, uma vez que a flexão é mais produtiva, dispensando o uso do pronome. A autora

ainda observa, que em contextos de CP preenchido, crianças brasileiras preferem preencher o sujeito com pronome e crianças portuguesas preferem o sujeito nulo.

Nesse estudo, a preferência maior em relação ao sujeito nulo esteve nos casos de terceira pessoa do singular, tanto para crianças portuguesas, quanto para crianças brasileiras. Segundo a autora, um aspecto que assemelha as crianças estudadas é o fato de a ausência de concordância sujeito-verbo sempre envolver a terceira pessoa do singular. Ela ainda salienta que as crianças brasileiras usam um alto percentual de sujeitos nulos de terceira pessoa e que esse fato vem comprovar que deve haver algo, além da morfologia flexional, que garanta a manutenção desses sujeitos nulos no PB.

Segundo Magalhães (2007), no início da aquisição as crianças brasileiras apresentam percentuais de sujeitos nulos equivalentes aos encontrados para o PE, uma língua tipicamente de sujeito nulo. No entanto, no decorrer do desenvolvimento gramatical, tais percentuais vão caindo até atingirem o percentual que se registra na gramática-alvo. Para a autora, os estudos de cunho variacionista e gerativista têm mostrado que nos sujeitos nulos referenciais em sentenças simples o percentual de uso no PB é menor do que em uma língua tipicamente de sujeito nulo, como o PE, por exemplo.

Em seu trabalho percebeu-se que a produção de sujeitos nulos por crianças portuguesas se manteve estável entre a primeira e última sessões, realizadas quinzenalmente, gerando cerca de 8 a 12 arquivos por criança analisada, e mesmo com certa variação, não se percebeu uma queda significativa, diferentemente da produção de crianças brasileiras. Nas crianças portuguesas, a produção de sujeitos nulos é bastante estável, diferentemente do que ocorre com crianças brasileiras, nas quais houve uma diminuição na produção de sujeitos nulos, até atingir a gramática-alvo.

Segundo a autora, os contextos que favorecem a alta produção de sujeitos nulos na fase inicial de aquisição em PB são: contextos em que o CP está preenchido; contextos expletivos; contextos de respostas curtas; e indeterminação de sujeito. Ela aponta esse fato como evidência de que não há um estágio no qual a gramática da criança se afasta da gramática-alvo, uma vez que esses são contextos de sujeitos nulos em que são observadas as mesmas restrições encontradas na gramática-alvo. Quando há elemento em Spec de CP ou um tópico na sentença, em PB o sujeito geralmente é preenchido, já no PE é usado o sujeito nulo. Magalhães (2006b) ainda defende esse fato como uma evidência do uso restritivo do sujeito

nulo no PB. A autora assume que os sujeitos nulos ainda existentes no PB são legitimados por um tópico que pode estar na sentença ou no discurso.

Magalhães (2007) explica a diferença entre as produções de sujeito nulo durante a aquisição das variedades do português (PB e PE) através do seu sistema flexional. Nesse estudo, o maior percentual de sujeitos nulos corresponde à terceira pessoa do singular. A autora afirma, que nesse estudo as crianças passariam de um estágio de unipessoal, para um pluripessoal, resultando no aparecimento de pronomes em PB e de afixos pronominais em PE, que permanece utilizando sujeito nulo, para marcarem as pessoas gramaticais. A diferença na aquisição entre essas duas variedades se dá devido ao sistema flexional, empobrecido no PB e rico no PE.

Magalhães (2007) apresenta e discute os resultados da produção de pronomes na posição de sujeitos nos dados iniciais de aquisição do PB e do PE encontrados por Magalhães (2006), que discute a necessidade de se considerar os dados de sujeitos nulos no PB dados referentes a respostas a perguntas sim/não.

Magalhães (2006) analisou a produção espontânea de quatro crianças monolíngues que adquiriram o PE (idades compreendidas entre 1;5.9 e 3;11.12) e de duas crianças monolíngues que adquiriram o PB (entre 1;8.0 e 3;4,11). Cada sessão para a análise variou entre 30 e 60 minutos de gravação e o intervalo entre cada sessão transcrita é de aproximadamente um mês.

Magalhães (2006b) apontou, que para a aquisição do sujeito no PE, a criança apresenta preferência pelo uso de sujeitos nulos em conformidade com a gramática-alvo, desde as primeiras sessões de coleta de dados de seu estudo. Para o PB, a autora apresenta a relação entre a diminuição da produção de sujeitos nulos com o aumento da produção de sujeitos pronominais, diferentemente do PE, em que o percentual de sujeitos nulos se mantém alto e os sujeitos pronominais se mantém baixo. Segundo esse estudo, no PB as crianças passam por dois estágios, nos quais o primeiro se distancia da gramática-alvo e o segundo se aproxima das restrições da gramática do adulto, já no PE, a gramática já acompanha as restrições da gramática adulta.

Se, por um lado, é verdade que o número de sujeitos nulos no PB infantil mostra-se semelhante aos números de línguas sem sujeito nulo livremente distribuído, por outro, tal número é mais elevado do que aquele registrado para a produção espontânea de adultos

falantes do PB (SIMÕES, 1999). Considerando que a Libras é uma língua de modalidade diferente do português e outras línguas orais, de que forma se daria a aquisição do sistema pronominal sujeito e objeto? Quais evidências esse processo nos traria para localizar a Libras quanto à sua tipologia linguística em relação ao sujeito nulo?

Magalhães (2006b) afirma, que quanto ao uso de sujeito nulo e a relação com a pessoa do discurso, em geral, tanto as crianças portuguesas, quanto as crianças brasileiras usam mais sujeitos nulos de terceira pessoa do singular. Além disso, a ausência de concordância sujeito-verbo envolveu sempre a terceira pessoa do singular.

Outro fato interessante foi de que a autora observou uma assimetria quanto ao uso de sujeito e objeto no PB e no PE, no qual o sujeito nulo é mais restrito e mais livre, respectivamente. No caso do objeto nulo, essa lógica se inverte, apresentando-se mais livre no PB e mais restrito no PE (MAGALHÃES, 2006b). Os estudos apresentados nos ajudam a perceber que há diferenças no processo de aquisição, no que se relaciona ao PSN em línguas de diferentes tipos, no caso, de sujeito nulo e nulo parcial, PE e PB, respectivamente.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nesta seção serão apresentados os procedimentos metodológicos necessários para a realização deste estudo. Nossa pesquisa teve como objetivo principal verificar de que forma o PSN se apresenta em Libras, buscando indícios que nos auxiliem a localizá-la entre um dos seguintes tipos de línguas em relação ao PSN: língua de sujeito nulo consistente; língua de sujeito nulo radical; língua de sujeito nulo parcial; ou língua de não sujeito nulo. Como exposto na introdução deste trabalho, assumo as postulações de Chomsky (1995) e posteriores.

Para esta tese, foram utilizados dois tipos de dados: o primeiro deles é proveniente do projeto de pesquisa da Professora Dr^a Ronice Quadros, nomeado por “Aquisição da sintaxe de crianças surdas brasileiras: repercussões das diferentes formas de acesso à língua de sinais”; o segundo, chamado Inventário da Libras é coordenado pela Universidade Federal de Santa Catarina em parceria com outras diversas instituições educacionais brasileiras, que tem o objetivo de realizar um registro dessa língua, usada nas comunidades surdas brasileiras. Detalharemos os procedimentos metodológicos utilizados com cada *corpus*.

Através da análise de dados longitudinais de aquisição, buscamos evidências que possam nos auxiliar na classificação da Libras segundo o PSN, assim como Magalhães (2006b) e (2007), que ao analisou o processo de desenvolvimento do sistema pronominal sujeito e objeto em PB e PE e encontrou indícios de que no processo de aquisição o PB se comportava diferente de uma língua de sujeito nulo consistente como o PE.

Os dados analisados vieram de gravações em vídeo, nas quais foram registrados o processo de aquisição de crianças surdas, filhas de pais surdos, com Libras como primeira língua. As gravações foram realizadas em ambientes comuns às crianças e cada um dos registros teve a duração média de 30 a 40 minutos.

A partir da execução do projeto “Aquisição da sintaxe de crianças surdas brasileiras: repercussões das diferentes formas de acesso à língua de sinais” os dados infantis foram armazenados e estão disponíveis no Banco de Dados de Aquisição, do Núcleo de Aquisição de Língua de Sinais (NALS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Selecionamos os dados de (Léo)²² uma criança surda em processo de aquisição advinda de uma família de pessoas surdas (pais e irmão mais velho), adquirindo Libras como primeira língua (L1). Os registros apresentam produções espontâneas desse informante durante suas atividades cotidianas, em interação com adultos, com seu irmão ou brincando sozinho.

No *corpus* do NALS havia gravações do indivíduo selecionado, que contemplavam o período entre 1:07 até 3:11 de idade. Para esta análise, foram utilizados três vídeos, conforme Quadro 1. Durante o desenvolvimento deste estudo optamos por esse *corpus* já estabelecido devido a falta de indivíduos com perfil compatível com o objetivo de pesquisa, ou seja, surdos filhos de pais surdos adquirindo Libras como primeira língua, que pudessem ser acessados durante o período adequado para início e finalização deste trabalho.

Os registros selecionados apresentavam duração média de 30 a 40 minutos, conforme quadro 2 abaixo. Todos foram transcritos por meio do *software* Elan 5.1 e revisados por um surdo sinalizante. O ELAN (EUDICO Linguistic Annotator). Desenvolvido no Instituto Max Planck de Psicolinguística, Nijmegen, Holanda, com o objetivo de fornecer uma base tecnológica sólida para a anotação e exploração de gravações multimídia, esse programa é uma ferramenta de anotação que permite criar, editar, visualizar e pesquisar anotações de dados de áudio e vídeo, projetado especificamente para a análise de idiomas, linguagens gestuais e gestos, mas também podendo ser usado por qualquer pessoa que trabalhe com *corpora* de mídia, ou seja, com dados de vídeo e / ou áudio, para fins de anotação, análise e documentação (ELAN, 2018).

Quadro 2 - Vídeos dos dados de aquisição

VÍDEO	DATA	IDADE
01	25/03/2002	1:07
02	17/01/2003	2:06
03	12/03/2003	3:03

(Fonte: elaborado pelo autor).

²² Nome fictício.

Como dito anteriormente, Segundo Quadros (1997), apenas 5% dos surdos são filhos de surdos e para as investigações na área de aquisição típica de língua de sinais, esse fator é bastante limitador, uma vez que são necessárias crianças surdas que estejam inseridas em ambientes familiares em que a L1 de uso seja a língua de sinais, fato bastante raro. Portanto, é necessário salientar a imensurável importância do *corpus* aqui utilizado, disponível no NALS, pois além de já ter possibilitado diversas pesquisas, também nos fornece indícios a respeito da complexidade linguística da Libras, fortalecendo seus *status* de língua natural.

Segundo Quadros (2006), o Banco de Dados de aquisição da Libras atingiu maturidade metodológica, pois desenvolveu uma série de ferramentas que possibilitaram a organização dos dados para a realização das análises.

O segundo *Corpus* foi o Inventário de Libras. Seu objetivo foi estabelecer procedimentos para coletar, documentar, transcrever e armazenar os dados e metadados das línguas de sinais. Os dados coletados para o Inventário da Libras em Santa Catarina, utilizados nesta pesquisa, envolvem o uso da língua em diferentes contextos por 36 participantes surdos – divididos em três grupos, de acordo com a idade e o gênero, e em duplas, para as entrevistas.

Segundo Quadros (2014), os critérios para participação foram os seguintes:

- (a) ser natos do estado em que residem, ou residir nesses estados por pelo menos 10 anos; (b) ter adquirido a libras em idade pré-escolar (até 7 anos de idade), ou no mínimo por mais de 7 anos (tempo de exposição à língua), ou com proficiência notória na comunidade; (c) a dupla deverá ser formada por pessoas íntimas entre si (amigos ou parentes), preferencialmente do mesmo gênero e faixa etária. Além disso, é importante que, dentre as 18 duplas a serem entrevistadas, o pesquisador local busque selecionar duplas com perfis variados, considerando critérios tais como: (d) surdos que representem aproximadamente 3 diferentes gerações, incluindo jovens (até 29 anos), adultos (entre 30 e 49 anos) e idosos (a partir de 50 anos); (e) surdos homens e mulheres; (f) surdos com diferentes graus de escolarização (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior completo).

Segundo a autora, a coleta de dados usou entrevistas envolvendo as duplas surdas. Cada dupla interagiu em Libras por aproximadamente 3 horas, realizando atividades propostas pelos pesquisadores surdos. Essas atividades foram previamente preparadas e apresentadas em um computador individual para cada participante. Remeto o leitor a Quadros (2020) para os detalhes metodológicos da constituição desse segundo *corpus*.

Cada vídeo foi transcrito acompanhando o modelo de transcrição utilizado pelo Projeto *Corpus* de Libras, UFSC (2019), juntamente com adaptações específicas para este estudo. Esse projeto busca estruturar um *corpus* da Libras, que seja uma forma de registro linguístico, disponível aos pesquisadores. A instituição líder do projeto é a Universidade Federal de Santa Catarina, juntamente com outras universidades parceiras. Há três projetos dentro dele: 1) Inventário de Libras; 2) Produções Acadêmicas e 3) Antologia de Poesias e História em Libras.

Nesta pesquisa optamos por utilizar o Inventário de Libras por possibilitar o registro de produções espontâneas em interações entre pessoas surdas com Libras como primeira língua, possibilitando a observação do fenômeno que aqui nos propomos a caracterizar.

Foi utilizada uma única trilha, na qual foi transcrita toda a sinalização produzida. A sinalização de outros participantes apenas foi registrada com a finalidade de auxiliar a esclarecer alguma dúvida em relação à sinalização da criança. Essas transcrições foram feitas em formato de glosas em português, ou seja, o sinal escrito em português com letras maiúsculas, sempre no masculino e no infinitivo, sempre que necessário. Para o registro das glosas, foi utilizado o o Signbank como referência.

Sobre o Signbank (UFSC, 2024):

O banco de sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras) começou a ser estabelecido em 2008 por meio do Identificador de Sinais (...). O Identificador de Sinais foi desenvolvido para compor os nomes dos sinais para fins de referência para a transcrição de sinais. Posteriormente o sistema foi migrado para o Signbank de Libras se integrando ao Global Signbank (...) nossa proposta atual foi de desenvolver um sistema de busca mais funcional para que seja efetivamente usado integrando-o ao Signbank enquanto código aberto para ser aplicado ao Signbank da Libras e aos demais bancos de sinais que integram o Global Signbank. Na perspectiva do Global Signbank, passamos a consolidar o Signbank da Libras em parceria com a Humboldt Universität, para armazenar sinais produzidos em produções em Libras, especialmente, no Corpus de Libras, no Inventário Nacional de Libras. Nos inspiramos na metodologia do Global Signbank e desenvolvemos ferramentas de busca mais amigáveis

aos usuários considerando o aperfeiçoamento do Signbank de Libras e a aplicação a outras línguas de sinais, especialmente a Língua de Sinais Alemã e a Língua de Sinais Internacional. O Signbank Libras apresenta informações associadas a cada sinal disponível on-line por meio da web deste software de livre acesso. O objetivo é disponibilizar um banco de sinais da Libras aberto às comunidades surdas nacionais e internacionais, assim como servir de fonte de pesquisa linguística.

Os sinais produzidos por meio de soletração manual foram registrados de forma soletrada, com letras separadas por hífen, como como exemplo P-A-I.

Interrupções no discurso advindas do próprio participante foram registradas por / e por //, em caso de interrupções por interlocutores.

Construções miméticas, comuns em línguas de sinais, as descrições visuais (DVs) foram registradas através da notação DV e entre parênteses a descrição da produção, como por exemplo: DV(coelho-pulando).

Na presença de produções gestuais que apresentam significados, mas não são lexicalizados, eles são chamados de ações ou emblemas. O código a ser usado é o seguinte: &(significado-do-gesto) ou E(ID do emblema). Além disso, elementos que sofreram apagamento na produção estarão entre parênteses nas traduções. Vejamos o exemplo em (67):

(67)

Ø (você) E(esperar).

(Você) espere.

(Fonte: dados da tese).

As apontações foram registradas com IX e entre parênteses o referente, por exemplo IX(pai). Em caso de dúvidas em relação ao referente apontado, uma interrogação estaria entre parênteses. O registro XXX foi utilizado para os casos em que a produção fonética foi impossível de ser identificada. E YYY para os contextos em que o material fonético fosse identificável, mas com significado irreconhecível.

O símbolo Ø foi utilizado para representar as produções em que o sujeito estava foneticamente ausente. E a notação Øobj para objetos nulos, que embora não sejam o foco

dessa pesquisa, mas foram registrados para o caso de alguma necessidade em uma possível análise posterior.

As transcrições foram feitas em uma única trilhano *software* ELAN, buscando registrar cuidadosamente todas as sentenças. Ao solicitar a extração das transcrições no próprio programa, cada uma recebeu uma numeração respectiva. Após selecionadas, os números foram mantidos para, em caso de necessidade de rever a sinalização a mesma possa ser encontrada facilmente.

Os dados de indivíduos adultos estão disponíveis em domínio público no site: <https://corpuslibras.ufsc.br/dados>. Para esta pesquisa foram analisadas entrevistas com três indivíduos surdos²³ com idades entre 22 e 27 anos, conforme o Quadro 3. A transcrição acompanhou a metodologia descrita acima. Essas idades foram importantes, pois Léo estaria com idade próxima a esses indivíduos, ou seja, pouco mais que vinte anos de idade.

Quadro 3 - Dados de surdos adultos

NOME	GÊNERO	IDADE
F	Masculino	22
D	Feminino	20
K	Feminino	27

(Fonte: elaborado pelo autor).

Conforme apresentado anteriormente, Lillo-Martin (1991) defende que há diferenças em relação ao licenciamento de verbos com e sem concordância, portanto, foram selecionados contextos sintáticos com esses tipos de verbos, considerando a classificação proposta por Lourenço (2020), que afirma que um verbo apresenta concordância com seu(s) argumento(s) quando a localização do verbo é alterada de modo a coincidir com a localização do(s) argumento(s); esse processo é chamado de co-localização.

Foram selecionadas todas as sentenças com verbos com concordância e verbos simples e posteriormente analisados os tipos de sujeitos produzidos, bem como os contextos em que eles apareciam, em ambos os grupos de dados. Construções classificadoras ou sem verbos

²³ Os nomes dos participantes foram trocados por letras para evitar a identificação dos indivíduos.

foram descartadas, pois segundo Almeida-Silva (2019) os classificadores em línguas de sinais formam um complexo onde o V+N encontram-se amalgamados em um único item lexical, e por esse motivo não conseguimos determinar a posição exata desse N em relação ao V.

Para o registro dos tipos de sujeitos e tipos de verbos para posterior análise foram utilizadas as legendas que se encontram no Quadro 4 abaixo. Quando houve dúvida na identificação de uma das informações do quadro acima, utilizamos o sinal (?).

Quadro 4 - Legenda para análise dos dados²⁴

	Categoria	Notação utilizada
Tipos de sujeito	sujeito realizado foneticamente	SR
	sujeito não realizado foneticamente	Ø
	sujeito nulo expletivo	Ø expl
	Apagamento fonético de algum elemento: representação na tradução	(elemento entre parênteses)
Tipos de verbo	VS - Verbo simples	VS
	VC - verbo com concordância	VC
Pessoas pronominais	1 - Primeira pessoa.	1
	2 - Segunda pessoa.	2
	3 - Terceira pessoa.	3
Número	Singular.	S
	Plural	P
Preenchimento do sujeito	Pronome	P
	Sintagma nominal	NP

²⁴ A tabela mostra a ordem em que aparecem as notações, por exemplo:

a)

Ø1S VC (sujeito nulo de primeira pessoa do singular, verbo com concordância).

b)

SR3P VS NP (sujeito realizado de terceira pessoa do plural, preenchimento por um sintagma nominal).

O P para plural sempre vinha após o número referente pessoa pronominal.

(Fonte: elaborado pelo autor).

Os dados de cada vídeo foram organizados: segundo o tipo de verbo utilizado na sentença; se houve preenchimento fonético do sujeito ou não; qual o tipo de preenchimento; qual a pessoa pronominal produzida. Na próxima seção apresentaremos os dados coletados e analisaremos de que forma a Libras se comporta com relação ao preenchimento ou não do sujeito.

6. INDÍCIOS DA LIBRAS COMO [+SUJEITO NULO]

Nesta seção apresentaremos os dados encontrados nos *corpora*, em relação ao preenchimento ou não do sujeito na Libras, ou seja, em dados de aquisição e em dados de indivíduos adultos.

Iniciaremos com uma descrição dos dados de aquisição, relacionados a todos os vídeos analisados, abrangendo as idades de 1:7, 2:6 e 3:3, observando o comportamento do PSN ao longo do processo de desenvolvimento linguístico. Em seguida, faremos a descrição dos dados de indivíduos adultos, seguindo a sequência F, D e K.

6.1. Descrição sobre o PSN nos dados de aquisição

No **primeiro** vídeo, Léo está com 1:7 (um ano e sete meses) de idade e apresentou 10 produções envolvendo verbos, das quais 3 foram descartadas devido a dúvidas quanto ao significado do que foi sinalizado e 4 por serem contextos imperativos como em (68). Contextos de imperativos são reconhecidos por favorecerem a produção do sujeito nulo, mesmo em línguas de não sujeito nulo. Três sentenças foram selecionadas para análise, disponíveis no Quadro 4.

(68)

a)

IX(você) e(esperar).

Você espere.

b)

Ø(pai) OLHAR+ IX(brinquedo).

(Você) veja (brinquedo).

Foram observadas apenas sentenças simples, tais como os exemplos abaixo no Quadro 4. Há a produção de sujeitos nulos para a terceira e primeira pessoa do singular, ambos referenciais e uma produção de sujeito preenchido com um SN pleno.

Observamos a produção de dois tipos de verbos: IR e BANHO, conforme Quadro 5. O primeiro constitui-se de um verbo com concordância e foi produzido após o NP MÃE. O segundo é um verbo ancorado ao corpo e que não apresenta marcas de concordância espacial. Ele se repetiu nos demais exemplos e foi produzido após os sujeitos nulos de terceira e primeira pessoa do singular.

Quadro 5 - Dados do vídeo 01

PRODUÇÃO E SUA TRADUÇÃO	EXPLICAÇÃO DO CONTEXTO	ANÁLISE
MÃE2 XXX IR BANHO+. Mamãe foi tomar banho.	Léo está no colo de seu pai, que lhe pergunta: “onde está a mamãe?”.	SR3S VC NP
Ø (pai) BANHO+ IX(porta). (Papai) toma banho lá.	Ainda no colo de seu pai, Léo interage com um segundo adulto que lhe pergunta, logo após à pergunta anterior: “e o papai?”.	Ø3S VS
Ø(eu) BANHO CADÊ. (Eu) tomarei banho onde?	Léo está no colo do pai e interage com um segundo adulto que pergunta se ele tomará banho e fará suas necessidades fisiológicas no banheiro. Léo então pergunta: “tomar banho onde?”	Ø1S VS

(Fonte: elaborado pelo autor).

Logo, esses dados nos permitem concluir que há preenchimento do sujeito pela criança, utilizando-se um NP, assim como é possível observar a produção de sujeitos nulos de primeira e terceira pessoa do singular. Nesse vídeo, o sujeito nulo foi observado em uma ocorrência com verbo com concordância e duas com verbos sem concordância.

No **segundo** vídeo, Léo está com 2:6 de idade (dois anos e seis meses). Percebe-se que seu sistema pronominal está estabelecido, uma vez que se mostra capaz de selecionar o espaço para a delimitação de referentes de forma satisfatória. Em vários momentos podemos perceber a variação entre o preenchimento e o apagamento do sujeito. É importante lembrar que os pronomes começam a surgir por volta dos dois anos de idade, em média, embora Grutzmacher (2019) notou que Léo já os produzia com 1:7 de idade.

Aqui, foram produzidas 25 sentenças para análise, das quais 7 foram descartadas por gerarem alguma dúvida quanto a sua produção e/ou significado. Outras 7 foram descartadas por serem contextos imperativos. Selecionamos para análise 11 sentenças.

Todas as sentenças foram simples, não houve sentenças complexas. Nelas, foi possível observar a presença de sujeitos nulos e de sujeitos preenchidos, além de ordens distintas da canônica SVO, que pode ser exemplificada em (69).

(69)

a)

SINAL-PRÓPRIO(Tibiriçá) VER CACHORRO

Tibiriçá viu o cachorro.

S V O.

Foram produzidos 4 sentenças com sujeitos nulos, dos quais 3 foram de primeira pessoa do singular, sendo um com verbo com concordância e dois com verbo sem concordância e 1 de terceira pessoa do singular, todos referenciais, conforme Quadro 6²⁵.

Quadro 6 - Produções de sujeitos nulos

PRODUÇÃO E SUA TRADUÇÃO	EXPLICAÇÃO DO CONTEXTO	ANÁLISES
Ø (adesivo) ACABAR (O adesivo) acabou.	Léo está com uma cartela de adesivos vazia nas mãos.	Ø3S VC
Ø (eu) PENSAR Ø (qual adesivo pegar) (Eu) estou pensando qual adesivo pegar.	Léo está com uma cartela de adesivos na mão, olha para ela e sinaliza.	Ø1S VS
Ø (eu) COLOCAR Ø obj (o brinquedo) IX(caminhão) (Eu) coloquei (o brinquedo) no caminhão.	Léo está brincando com um caminhão de brinquedo.	Ø1S VC
Ø (eu) SABER FAZER Ø obj (colocar objeto dentro do caminhão) (Eu) sei fazer (colocar o objeto dentro do caminhão).	Léo tem um objeto na mão, provavelmente a cartela de adesivos e a coloca dentro do caminhão.	Ø1S VS

(Fonte: elaborado pelo autor).

²⁵ O verbo ACABAR recebeu marca de concordância espacial ao ser produzido na locação em que se encontrava o referente.

3 sentenças tiveram o preenchimento do sujeito com SN pleno, nas quais todos foram de terceira pessoa do singular, conforme pode ser observado no Quadro 7, e 1 sujeito preenchido com pronome demonstrativo "esse", seguido de um verbo ancorado ao corpo, PARECER, que pode ser observado em (70).

Quadro 7 - Sujeitos preenchidos por NP plenos

<p>SINAL-PRÓPRIO(Tibiriçá) VER CACHORRO Tibiriçá viu o cachorro.</p>	<p>Léo começa a contar uma pequena história em que diz que o cachorro (Tibiriçá) bateu à porta e tocou à campainha luminosa.</p>	<p>SR3S VC NP</p>
<p>CACHORRO IR-EMBORA O cachorro foi embora.</p>	<p>Após realizar o sinal de cachorro, Léo aponta para um desenho no adesivo, que está grudado no caminha de brinquedo à sua frente, depois sinaliza “ir embora”.</p>	<p>SR3S VC NP</p>
<p>PÁSSARO CORRER O pássaro correu.</p>	<p>Léo provavelmente olha para as imagens de adesivos e sinaliza.</p>	<p>SR3S VC NP</p>

(Fonte: elaborado pelo autor).

(70)

IX (adesivo) PARECER IX (adesivos) DOIS

Esse adesivo parece com esses outros dois.

Surgiram também algumas sentenças com ordem distinta da ordem canônica SVO, que podem ser observadas no exemplo (71) a seguir.

(71)

a)

IR-EMBORA CACHORRO

O cachorro foi embora.

b)

NÃO IX(brinquedo) HOMEM LEVAR

O homem levou o brinquedo.

Aqui podemos concluir que há um aumento nas produções, demonstrando indícios que nos apontam um processo típico de aquisição. Além disso, foi possível observar que há produção de sujeitos preenchidos e também sujeitos nulos.

Os verbos com e sem concordância foram produzidos com ambos os tipos de sujeito (nulo ou não), porém o preenchimento do sujeito com pronome demonstrativo foi seguido por um verbo sem concordância.

Percebemos o surgimento de preenchimento através de apontação, que não foi observado no vídeo anterior, muito provavelmente por conta da idade, pois o sistema pronominal tende a se estabilizar por volta dos três anos de idade, favorecendo a seleção espacial, ainda que em (69) o referente esteja presente, pode-se observar o aumento das produção de pronomes após os dois anos de idade em crianças típicas.

Outra coisa interessante é o surgimento de construções em que a ordem canônica da Libras não foi seguida, apresentando formas distintas de SVO, em (70). Passemos agora à próxima seção, na qual analisaremos o último grupo de dados relacionados à aquisição.

No **terceiro** vídeo, Léo está com 3:3 de idade. Foram produzidas 72 sentenças, das quais 35 foram descartadas da análise por apresentarem construções imperativas. 5 apresentaram dúvidas quanto ao sentido ou em relação à tradução. Foram utilizadas 32 sentenças nesta análise, nas quais foi possível observar a produção de sujeitos nulos e sujeitos preenchidos. Dessas, duas foram sentenças complexas observadas em (71).

(71)

a)

Ø (eu) PENSAR DV(ovo) CAIR CAIR IX(caderno)+

Eu acho que o ovo caiu aqui (caderno).

b)

Ø (eu) SABER IX(desenho-no-caderno - ovo) CAIR

(Eu) sei que o ovo caiu

Com sentenças simples, apenas sujeitos nulos referenciais foram encontrados. Desses, 6 foram sujeitos nulos de primeira pessoa do singular, 5 de segunda pessoa do singular e 2 de terceira pessoa do singular. Não houve produção de sujeitos nulos ligados a pessoas pronominais do plural.

Houve uma produção de sentença complexa com sujeito preenchido, que pode ser conferida em (72).

(72)

IX(você) FALAR DV(ovo) FEIO

Você falou que o ovo era feio.

Com os sujeitos preenchidos em orações simples tivemos 3 produções de primeira pessoa do singular, como por exemplo em (73), houve 8 produções de segunda pessoa do singular, das quais todas tiveram pronomes preenchendo o sujeito, tais como em (74), houve 5 produções de terceira pessoa do singular, como em (75). Não observamos produções de sujeitos em que aparecessem pessoas do plural.

O resumo dessas produções relacionadas ao preenchimento ou não do sujeito em contextos de sentenças simples pode ser encontrado no Quadro 8.

(73)

IX(eu) SABER IX(desenho)

Eu sei o desenho.

(74)

IX(você-pai) NÃO-ENTENDER IX(você-pai)+

Você não entende.

(75)

IX(desenho-no-caderno - ovo) CAIR

Ele (ovo) caiu.

Quadro 8 - produções de sujeito em sentenças simples - 3:3

OCORRÊNCIAS	1ª PESSOA	2ª PESSOA	3ª PESSOA
Sujeito Nulo = 13	6	5	2
Sujeito realizado = 22	3	8	5
Total = 29	9	13	7

(Fonte: elaborado pelo autor).

Todas as 8 produções de sujeito nulo envolvendo a primeira pessoa do singular foram realizadas com verbos sem concordância. Com a segunda pessoa, 4 foram com verbos sem concordância e 6 com verbos com concordância. Para a terceira pessoa, todas as 2 produções foram com verbos sem concordância. Veja o Quadro 9.

Quadro 9 - Produções de sujeitos nulos - 3:3

OCORRÊNCIAS	1ª PESSOA SINGULAR	2ª PESSOA SINGULAR	3ª PESSOA SINGULAR
Verbos sem concordância = 13	8	3	2
Verbos com concordância = 1	0	1	0
Total = 14	8	4	2

(Fonte: elaborado pelo autor).

Com relação a sujeitos realizados e as pessoas pronominais tivemos os seguintes achados: para a primeira pessoa, todas as 3 produções foram de verbos sem concordância e nenhuma com verbo com concordância. Para a segunda pessoa, 4 produções foram com verbos sem concordância e 6 com concordância; para terceira pessoa, foram tivemos 2 ocorrências sem concordância e 3 com concordância. Veja o Quadro10.

Quadro 10 - Produções de sujeitos realizados - 3:3

OCORRÊNCIAS	1ª PESSOA SINGULAR	2ª PESSOA SINGULAR	3ª PESSOA SINGULAR
Verbos sem concordância = 9	3	4	2
Preenchimento NP	0	0	0
Preenchimento Pronome	3	4	2
Verbos com concordância = 9	0	6	3
Preenchimento NP	0	0	1
Preenchimento Pronome	0	6	2
Total verbos com e sem concordância = 18	3	10	5

(Fonte: elaborado pelo autor).

Observamos apenas um preenchimento por NP, para terceira pessoa do singular, com um verbo com concordância, que foi realizado na locação do referente, e será apresentado em (76). Todos os outros preenchimentos foram realizados através de pronomes pessoais, tanto de primeira, como segunda e terceira pessoa do singular.

(76)



UM (ovo) CAIR

Um ovo caiu.

Através do vídeo 52 foi possível concluir que a criança produziu tanto sujeitos preenchidos quanto não preenchidos, utilizando todas as pessoas pronominais ano singular. A preferência de preenchimento foi por pronomes pessoais. É importante lembrar que o sistema pronominal começa a se estabilizar por volta dos 3 anos de idade, o que explicaria o aumento da produção de pronomes em relação ao vídeo anterior.

Observamos também uma maior ocorrência de sujeitos nulos sendo produzidos com verbos sem concordância. No caso dos sujeitos preenchidos, apenas 1 das 18 ocorrências foi preenchido com NP seguida de um verbo com concordância.

No vídeo 52 notamos o surgimento de uma sentença complexa. Esse tipo de produção não foi identificado nos vídeos anteriores, que apresentaram apenas sentenças simples. Abaixo temos um resumo do que foi observado nos dados de Léo, no Quadro 11 e 12.

Quadro 11 - Resumo das características das produções de Léo de acordo com a idade

IDADE	OBSERVAÇÕES
1.7	<ul style="list-style-type: none"> • Preenchimento do sujeito utilizando-se um NP (1 ocorrência) e produção de sujeitos nulos de primeira e terceira pessoa do singular. • Sujeitos nulos produzidos com verbos com e sem concordância.
2.6	<ul style="list-style-type: none"> • Aumento nas produções, demonstrando indícios de um processo típico de aquisição. • Produção de sujeitos preenchidos, tanto por nomes quanto por pronome, e de sujeitos nulos. • Uso de verbos com e sem concordância produzidos com ambos os tipos de sujeito (nulo ou não), porém o preenchimento do sujeito com pronome demonstrativo foi seguido por um verbo sem concordância. • Surgimento de preenchimento de sujeito através de apontação. • Surgimento de construções distintas da ordem SVO.
3.3	<ul style="list-style-type: none"> • Produção de sujeitos preenchidos e nulos, utilizando as pessoas pronominais no singular. • Preferência de preenchimento por pronomes pessoais. No caso dos sujeitos preenchidos, apenas 1 das 18 ocorrências foi com NP, seguida de um verbo com concordância. • Maior ocorrência de sujeitos nulos produzidos com verbos sem concordância.

(Fonte: elaborado pelo autor).

Quadro 12 - Frequência de ocorrência de sujeitos nulos e preenchidos em dados de aquisição

OCORRÊNCIA	IDADE		
	1.7	2.6	3.3
Preenchimento do sujeito	1	3	22
Sujeito nulo	2	4	13

(Fonte: elaborado pelo autor).

Observamos uma relação entre nossos dados e os estudos de Magalhães (2006b) e (2007), que apontam no PB um aumento da produção de pronomes ao longo do processo de aquisição. Diferentemente do PE em que a produção se mantinha baixa, com nossos dados se aproximam mais do PB. Houve um aumento progressivo nas produções de preenchimento do sujeito por pronomes, assim como o que ocorre no PB, uma língua de sujeito nulo parcial.

Magalhães (2007) ao afirmar que a diferença entre as produções de sujeito nulo durante a aquisição do português (PB e PE) se dá através do seu sistema flexional, no qual o primeiro é empobrecido e o segundo rico respectivamente, também nos direciona para a afirmação de que a Libras parece se comportar como o PB, uma vez que seu sistema de concordância não apresenta as características de riqueza como o faz o PE, mas não chega a extremos da falta de concordância como o chinês.

Acreditamos haver nesta análise um indício que direciona a classificação da Libras no sentido de ser uma língua de sujeito nulo parcial, por apresentar características semelhantes ao PB, e portanto distintas do PE, uma língua de sujeito nulo consistente²⁶.

6.2. Descrição sobre o PSN nos dados de indivíduos adultos

Nesta seção apresentaremos os resultados obtidos quanto às produções relacionadas ao PSN encontrados nos indivíduos adultos, iniciando pelas produções de **F**, seguidas **D** e finalizaremos com as de **K**.

Para **F**, selecionamos 165 sentenças para a análise, das quais 6 foram construções topicalizadas, 7 sentenças complexas e o restante 152 de sentenças simples. Veja o resumo conforme o Quadro 11, no qual notamos um equilíbrio entre a produção e o apagamento para

²⁶ Dado disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PL1MhSKShr7E3NKt2PwKaaSLGa6-5Pdxr2> - Léo.

o sujeito de 1ª pessoa do singular, além de uma preferência para o preenchimento em relação ao apagamento para a 3ª pessoa do singular. Sujeitos nulos com verbos com concordância apresentaram maior produção em relação aos verbos sem concordância, em todas as pessoas pronominais.

Quadro 13 - Produções de sujeito em sentenças simples F.

OCORRÊNCIAS	1ª PESSOA SINGULAR	1ª PESSOA PLURAL	2ª PESSOA SINGULAR	2ª PESSOA PLURAL	3ª PESSOA SINGULAR	3ª PESSOA PLURAL
Sujeito Nulo VS	15	0	0	0	2	0
Sujeito Nulo VC	41	5	1	0	5	5
Sujeito Nulo = 74	56	5	1	0	7	5
Sujeito realizado = 75	52	2	0	0	19	2
Total = 165						

(Fonte: elaborado pelo autor).

Em relação ao preenchimento dos sujeitos obtivemos os seguintes resultados: (i) observamos uma preferência pelo preenchimento do sujeito por pronomes de primeira pessoa do singular, tanto com verbos com concordância quanto com verbos sem concordância; (ii) não houve ocorrência de segunda pessoa; (iii) enquanto para a primeira pessoa a preferência de preenchimento foi por pronomes, para a terceira verificou-se essa tendência para o NP. Veja o Quadro 12 abaixo.

Quadro 14 - Produções de sujeitos realizados F.

OCORRÊNCIAS	1ª PESSOA SINGULAR	1ª PESSOA PLURAL	2ª PESSOA SINGULAR	2ª PESSOA PLURAL	3ª PESSOA SINGULAR	3ª PESSOA PLURAL
Verbos sem concordância = 35	24	0	0	0	8	3
Preenchimento NP = 5	0	0	0	0	5	0
Preenchimento Pronome = 28	24	0	0	0	3	1

OCORRÊNCIAS	1ª PESSOA SINGULAR	1ª PESSOA PLURAL	2ª PESSOA SINGULAR	2ª PESSOA PLURAL	3ª PESSOA SINGULAR	3ª PESSOA PLURAL
Verbos com concordância = 41	27	2	0	0	11	1
Preenchimento NP = 10	1	0	0	0	9	0
Preenchimento Pronome = 31	26	2	0	0	2	1

(Fonte: elaborado pelo autor).

Foram produzidas diversas construções de primeira pessoa do singular com o verbo SENTIR, conforme o exemplo (77). Esse tipo de verbo favorece fonologicamente a produção de sujeito nulo, podendo mascarar a análise e por isso essas construções foram excluídas.

(77)

(Ø eu) SENTIR E(positivo)

Eu me sentia bem.

Sentenças que geraram algum tipo de dúvida em relação ao sentido ou à tradução foram descartadas, além daquelas que poderiam apresentar confusão quanto a classificação morfológica entre nomes e verbos, como em (78) foram também excluídas.

(78)

IMPORTANTE DEM(lá) 1º FORMAR DEPOIS TRABALHAR

Importante se formar depois trabalhar./ Importante a formação depois o trabalho.

Percebemos a produção de topicalização em sentenças envolvendo tanto verbos com concordância como sem, além disso esse tipo de sentença apresentou sujeitos preenchidos por pronome e nulos referencias. Veja (79). Todos os sujeitos nesses contexto foram de primeira pessoa do singular.

(79)

a)

ABANDONAR EMPRESA ESPOSA (Ø eu) COMBINAR

O abandono da em empresa, eu combinei com a esposa.

b)

MESMO SANTO-AMARO-DA-IMPERATRIZ DEM(lá) MESMO (Ø eu) NASCER

Eu nasci em Santo Amaro da Imperatriz.

c)

IX INCLUSÃO PEDOGOGIA IX(eu) SENTIR DIFERENTE

A inclusão em pedagogia, eu me sentia estranho/diferente.

d)

DESENVOLVER (Ø eu) CONSEGUIR

Desenvolver, eu consegui.

Foi possível observar a produção de sentenças complexas como em (80). Todas as produções apresentaram sujeito preenchido e verbos com concordância.

(80)

a)

MÃE DV(colocar-na-escola) ESTUDAR DV(colocar-na-escola) MAS MÃE SABER-NÃO LÍNGUA-DE-SINAIS CONHECER NADA

Minha mãe me colocou na escola, mas não conhecia nada de Libras.

b)

IX(eu) PERCEBER MAS IX(eu) RESPEITAR ASSIM CALADO

Eu percebia, mas eu respeitava assim calado.²⁷

c)

²⁷ Nesse contexto, o indivíduo surdo narra como era sua relação escolar com os colegas de classe durante a realização de trabalhos fora do ambiente escolar e suas reações frente ao isolamento imposto a ele.

E(então) PORQUE IX(eu) ACOSTUMAR SURDO GRUPO CONVERSAR-LIBRAS NATURAL

Porque eu estava acostumado com o grupo de surdos conversando em Libras naturalmente.

De forma geral, não foi possível observar preferências relevantes entre o apagamento e o preenchimento do sujeito, embora tenha ocorrido uma leve preferência pelo preenchimento, que ocorreu em sua maioria por pronomes ao invés de NPs.

Passemos agora aos dados de **D**. Aqui, foram selecionadas 80 sentenças, das quais 9 eram complexas, tais como (81), e as demais simples. A preferência pelo apagamento fonético do sujeito se concentrou na primeira pessoa do singular para verbos sem concordância e para a terceira com verbos com concordância.

(81)²⁸

IX(eu) APRENDER E(pouco)+ APRENDER MUITO

(Fui aprendendo aos poucos e aprendi muito).

Holmberg e Roberts (2010) afirmam que contextos de primeira e segunda pessoa pronominal são contextos que favorecem o apagamento do sujeito em línguas em que o PSN é marcado como positivo. Os dados do quadro abaixo ratificam essa afirmação.

Quadro 15 - Produções de sujeito em sentenças simples D.

OCORRÊNCIAS	1ª PESSOA SINGULAR	1ª PESSOA PLURAL	2ª PESSOA SINGULAR	2ª PESSOA PLURAL	3ª PESSOA SINGULAR	3ª PESSOA PLURAL
Sujeito Nulo VS	12	0	0	0	1	0
Sujeito Nulo VC	9	0	0	0	2	0
Sujeito Nulo = 24	21	0	0	0	3	0
Sujeito realizado = 65	45	0	1	0	16	3
Total = 89						

(Fonte: elaborado pelo autor)

²⁸ <https://www.youtube.com/playlist?list=PL1MhSKShr7E3NKt2PwKaaSLGa6-5Pdxr2>

Houve preferência pelo preenchimento da posição do sujeito, e nessas, a preferência por pronomes ao invés de NPs. O contexto de entrevista ao qual os informantes foram submetidos também pode justificar a alta produtividade da primeira pessoa.

Quadro 16 - Produções de sujeitos realizados D.

OCORRÊNCIAS	1ª PESSOA SINGULAR	1ª PESSOA PLURAL	2ª PESSOA SINGULAR	2ª PESSOA PLURAL	3ª PESSOA SINGULAR	3ª PESSOA PLURAL
Verbos sem concordância = 40	31	0	1	0	8	0
Preenchimento NP = 7	1	0	0	0	6	0
Preenchimento Pronome = 33	30	0	1	0	2	0
Verbos com concordância = 22	14	0	0	0	8	0
Preenchimento NP = 13	2	0	0	0	8	3
Preenchimento Pronome = 12	12	0	0	0	0	0
Total verbos com e sem concordância = 62						

(Fonte: elaborado pelo autor)

Dentre as ocorrências de sujeito nulo de terceira pessoa tivemos três produções, das quais uma foi em contexto de sentença encaixada, que podemos observar em (82).

(82)

SURDO FCEE FALAR Ø PRECISAR MUDAR COLÉGIO-INTERATIVO

Surdos do FCEE falavam que precisavam mudar para o Colégio Interativo.

(83)²⁹

a. IX(você) MÃE SABER LÍNGUA-DE-SINAIS?

(Sua mãe sabe língua de sinais?)

²⁹ <https://www.youtube.com/playlist?list=PL1MhSKShr7E3NKt2PwKaaSLGa6-5Pdxr2>

b. **NÃO Ø CONVERSAR-ORAL MAIS CONVERSAR-ORAL**

(Não, (ela) só se comunica oralmente).

Sobre (83), consideraremos essa produção como uma evidência de sujeito nulo definido referencial de terceira pessoa do singular, uma vez que Magalhães (2006a) afirma que as respostas verbais se mostram como um contexto importante na manutenção do sujeito nulo e conseqüentemente evidenciam o seu uso selectivo no PB.

Para os dados de **K**, selecionamos 119 sentenças, que apresentaram diversos preenchimentos e apagamentos do sujeito, tanto em sentenças simples, como em sentenças complexas, com verbos simples e verbos com concordância.

(84)³⁰

a. **AGORA Ø(eu) CONSEGUIR TERCEIRA-VEZ VEZES PORQUE IX(eu) VESTIBULAR PRIMEIRO-VEZ MUITO CHEIO²**

Agora (eu) consegui na terceira vez porque meu primeiro vestibular estava muito cheio.

b. **PASSADO IX(eu) Ø(você) LEMBRAR ANTES ?**

No passado eu, você se lembra antes?

c. **Ø(pais) IR RESOLVER IX(médico) MÉDICO**

(Pais) foram resolver com o médico.

Em (84) temos um exemplo de sujeito nulo para cada pessoa pronominal do singular. Todos eles foram referenciais e definidos. Esses contextos não apresentam apagamento fonético em línguas de não sujeito nulo, como o inglês.

³⁰ <https://www.youtube.com/playlist?list=PL1MhSKShr7E3NKt2PwKaaSLGa6-5Pdxr2>

Quadro 17 - Produções de sujeito em sentenças simples K.

OCORRÊNCIAS	1ª PESSOA SINGULAR R	1ª PESSOA PLURAL	2ª PESSOA SINGULAR R	2ª PESSOA PLURAL	3ª PESSOA SINGULAR R	3ª PESSOA PLURAL
Sujeito Nulo VS	16	0	1	0	2	0
Sujeito Nulo VC	4	0	0	0	11	4
Sujeito Nulo = 39	20	1	1	0	13	4
Sujeito realizado = 80	56	1	0	0	27	1
Total = 119						

(Fonte: elaborado pelo autor)

Notamos a produção de sujeitos nulos referenciais em todas as pessoas do singular, com predominância da primeira e terceira, assim como ocorreu com **D.**, anteriormente. Em relação ao preenchimento, pronomes foram mais produzidos que sintagmas nominais. Interessante observar que para todos os indivíduos analisados, quando à presença de preenchimento do sujeito, os pronomes apresentam maior prevalência que NPs.

Quadro 18 - Produções de sujeitos realizados K.

OCORRÊNCIAS	1ª PESSOA SINGULAR R	1ª PESSOA PLURAL	2ª PESSOA SINGULAR	2ª PESSOA PLURAL	3ª PESSOA SINGULAR R	3ª PESSOA PLURAL
Verbos sem concordância = 19	9	0	0	0	10	0
Preenchimento NP = 0	0	0	0	0	0	0
Preenchimento Pronome = 15	9	0	0	0	6	0
Verbos com concordância = 23	5	1	0	0	17	0
Preenchimento NP = 10	0	0	0	0	10	0

OCORRÊNCIAS	1ª PESSOA SINGULAR	1ª PESSOA PLURAL	2ª PESSOA SINGULAR	2ª PESSOA PLURAL	3ª PESSOA SINGULAR	3ª PESSOA PLURAL
Preenchimento Pronome = 13	5	1	0	0	7	0
Total verbos com e sem concordância = 42						

(Fonte: elaborado pelo autor)

Abaixo podemos observar o resumo das características apresentadas pelos dados dos indivíduos adultos. Vejamos o Quadro 19, abaixo.

Quadro 19 - Caracterização dos dados analisados dos informantes adultos

INFORMANTE	CARACTERÍSTICAS DAS PRODUÇÕES
F	<ul style="list-style-type: none"> Equilíbrio entre a produção e o apagamento para o sujeito de 1ª pessoa do singular, além de uma preferência para o preenchimento em relação ao apagamento para a 3ª pessoa do singular. Sujeitos nulos com verbos com concordância apresentaram maior produção em relação aos verbos sem concordância, em todas as pessoas pronominais. Não foi possível observar preferências relevantes entre o apagamento e o preenchimento do sujeito, embora tenha ocorrido uma leve preferência pelo preenchimento, que ocorreu em sua maioria por pronomes ao invés de NPs.
D	<ul style="list-style-type: none"> A preferência pelo sujeito nulo se concentrou na primeira pessoa do singular para verbos sem concordância e para a terceira com verbos com concordância.
K	<ul style="list-style-type: none"> Apresentaram diversos preenchimentos e apagamentos do sujeito, tanto em sentenças simples, como em sentenças complexas, com verbos simples e verbos com concordância. Exemplos de sujeitos nulos com todas as pessoas do singular. Notamos a produção de sujeitos nulos referenciais em todas as pessoas do singular, com predominância da primeira e terceira, assim como ocorreu com D. Em relação ao preenchimento, pronomes foram mais produzidos que sintagmas nominais. Para todos os indivíduos analisados, quanto à presença de preenchimento do sujeito, os pronomes apresentam maior prevalência que NPs.

(Fonte: elaborado pelo autor)

Todos os indivíduos pesquisados apresentaram ocorrências que incluíram o apagamento fonético do sujeito na terceira pessoa pronominal. Esses sujeitos nulos puderam ter seus índices referenciais recuperados no discurso em sentenças pronunciadas anteriormente ao apagamento, como pode ser observado nos dados abaixo em (85). Esses contextos são importantes, uma vez que línguas de sujeito nulo parciais permitem sujeitos nulos indefinidos de terceira pessoa, e portanto, analisar a existência desse tipo de ocorrência pode nos fornecer indícios sobre o comportamento do PSN em Libras.

(85)³¹

a.

IX(eu) ESPOSA DOIS-ENSINO-MÉDIO ESTUDAR

Minha esposa estuda no ensino médio.

ANO-QUE-VEM (Ø esposa) FORMAR FAZER Letras-Libras

Próximo ano (esposa) se formará e fará Letras-Libras.

b.

MÃE PAI PREOCUPAR₃CUIDAR₁

Meus pais preocupados me cuidaram.

(Ø pais) DESCOBRIR SURDO

(Pais) descobriram a surdez

(Ø pais) SABER-NÃO TRATAR

(Pais) não sabiam como tratar (a surdez).

(Ø pais) CUIDAR (Ø obj eu)

(Pais) cuidaram (de mim).

Quadro 20 - Frequência de ocorrência de sujeitos nulos de acordo com a pessoa e número gramatical nos dados de surdos adultos

³¹ <https://www.youtube.com/playlist?list=PL1MhSKShr7E3NKt2PwKaaSLGa6-5Pdxr2>

OCORRÊNCIAS	1ª PESSOA DO SINGULAR	1ª PESSOA DO PLURAL	2ª PESSOA DO SINGULAR	2ª PESSOA DO PLURAL	3ª PESSOA DO SINGULAR	3ª PESSOA DO PLURAL
Sujeito Nulo (verbo sem concordância)	43	0	1	1	5	0
Sujeito Nulo (verbo com concordância)	54	5	1	0	18	9
Total geral de sujeito nulo	97	5	2	1	23	9
Total geral de sujeito nulo						137
Total geral de sujeito realizado						220
Total de contextos analisados						357

(Fonte: elaborado pelo autor)

No Quadro 20 podemos ter uma visão mais geral a respeito da quantidade de sentenças analisadas, bem como um resumo dos resultados obtidos com indivíduos adultos.

6.2. Características do PSN na Libras: a provável classificação linguística

Nesta seção faremos paralelos entre nossos dados de Libras e as características apresentadas segundo cada tipo linguístico em relação ao PSN, com o objetivo de buscarmos evidências que nos ajudem a compreender de que forma esse parâmetro se apresenta nessa língua.

Diferentemente do que ocorre em Inglês, francês e nas línguas escandinavas continentais, assim como muitos crioulos, a Libras não parece ser uma língua de não sujeito nulo. O *corpus* analisado apresenta interações comunicativas em que o sujeito nulo está presente em contextos onde não há nenhum indício que indique agramaticalidade por parte do interlocutor. Uma vez que todos os indivíduos são pessoas surdas fluentes em língua de sinais, assumimos as produções como uma amostra de como realmente a língua se apresenta.

Trazemos (1) novamente como (86). Nesse tipo de contexto a Libras permite o silenciamento fonético do sujeito, o que não poderia ocorrer em línguas de não sujeito nulo, exceto em casos que Holmbeg (2010) nos elucidam em: diário-drop ou expletive drop. Segundo o autor uma propriedade característica de sujeitos nulos derivados por diário-drop ou expletive drop, que os diferencia dos sujeitos nulos clássicos em LSNs, é que eles têm que ser estritamente iniciais na sentença (*I think that can't be many players like that.), sugerindo que são derivados por uma regra de deleção especial altamente restrita.

(86)

- (a) *e* verrà. (virá) (italiano)
 (b) **e* will come. (virá). (inglês)

Como dito anteriormente, marcar o PSN com o valor negativo implica em: nenhum sujeito nulo, nenhuma inversão livre de sujeito, efeitos de traço de complementizador e inflexão de concordância ‘pobre’. O que vemos na Libras é a presença de sujeito nulo em vários momentos e com várias pessoas pronominais. Vejamos os exemplos para a primeira pessoa em (87).

(87)³²

a. (Ø eu) SONHAR Ø QUER UFSC IX(eu) ENTRAR

(Eu) sonho, (eu) quero entrar na UFSC.

b. (Ø eu) CONVERSAR PROFESSOR SURDO NATURAL

(Eu) conversava naturalmente com professor surdo.

c. Ø(eu) QUERER (Øobj vestibular UFSC)

(Eu) quero (fazer o vestibular UFSC).

O apagamento da primeira pessoa pode ser favorecido por questões fonológicas ou discursivas. O *corpus* utilizado foi constituído, em grande parte, através de entrevistas, nas quais o referente é aparentemente identificável pelo discurso. Outras línguas ditas de sujeito

³² <https://www.youtube.com/playlist?list=PL1MhSKShr7E3NKt2PwKaaSLGa6-5Pdxr2>

não nulo podem apresentar o silenciamento fonético da primeira pessoa de forma bastante específica. No caso do inglês, uma língua de não sujeito nulo, conforme afirmamos exaustivamente ao longo deste trabalho, há contextos em que há esse silenciamento fonético. Quirk et al. (1985: 896-897) fornecem os seguintes exemplos de omissão de sujeito de primeira pessoa (88a), de omissão de sujeito referencial de terceira pessoa (88b) e de omissão de sujeito não referencial de terceira pessoa (88c):

(88)

(Inglês)

a. Beg your pardon. (Peço perdão).

Wonder what they're doing. (Me pergunto o que eles estão fazendo).

Don't know what to say. (Não sei o que dizer).

Told you so. (Eu te disse isso).

Hope he's there. (Espero que ele esteja lá).

Think I'll go now. (Acho que vou agora).

b. Doesn't look too well. (Não parece muito bem).

Can't play at all. (Não consigo jogar de jeito nenhum).

Serves you right. Doesn't matter. (Serve bem para você).

c. Looks like rain. (Parece chuva).

Must be hot in Panama. (Deve estar calor no Panamá).

Ought to be some coffee in the pot. (Deveria haver um pouco de café na cafeteira).

Must be somebody waiting for you. (Deve ser alguém esperando por você).

May be some children outside. (Pode haver algumas crianças lá fora).

Appears to be a big crowd in the hall. (Parece haver uma grande multidão no salão).

(QUIRK et al., 1985).

Para a segunda pessoa em (89)a temos o que Holmberg (2010) chamou de leitura genérica inclusiva, que é utilizada se referindo não exatamente ao interlocutor do diálogo, mas a um interlocutor genérico como na frase: “Se acreditar em si mesmo você domina o mundo”.

Além disso, houve muitas produções em que o apagamento do sujeito foi produtivo para a segunda pessoa, por exemplo em contextos imperativos, que também podem favorecer o aparecimento do sujeito nulo, mesmo em línguas de não sujeito nulo, como em (68)b, repetido aqui como (89)b.

(89)

a. PRIMEIRO (Ø você) FORMAR DEM(lá)

Primeiramente (Ø você) formar (ensino médio).

b. IX(você) e(esperar).

Você espere.

Apresentamos esse dado aqui para reforçar o fato de que uma língua não pode ser considerada de sujeito nulo simplesmente por apresentar algum tipo de apagamento fonético desse elemento. Nossos achados foram bastante incipientes com relação a esse apagamento para a segunda pessoa, em geral a primeira e terceira pessoas foram mais produtivas. Tal fato pode se justificar exatamente pela natureza da amostra. Em pesquisas futuras com dados de intuição poderemos aprofundar nossas investigações.

Então, o que de fato é proeminente e relevante para a classificação de uma língua como sendo de sujeito nulo? A resposta é: a terceira pessoa. Dependendo das características do sujeito, se referencial ou não, se pode ser recuperável no discurso, se é genérico, dentre outras características é algo importante para estabelecer uma classificação segundo o PSN.

Segundo Holmberg (2010) afirma que sujeitos nulos, especialmente sujeitos nulos de terceira pessoa, também dependem de um antecedente em línguas de sujeito nulo consistentes. Isso pode ser confirmado em Libras também. Vejamos nossos achados para o sujeito nulo de terceira pessoa em (90).

(90)

a. IX(eu) ESPOSA DOIS-ENSINO-MÉDIO ESTUDAR

Minha esposa estuda no ensino médio.

ANO-QUE-VEM (Ø ela) FORMAR FAZER LETRAS-LIBRAS

Próximo ano (ela) se formará e fará Letras-Libras.

b. MÃE PAI PREOCUPAR CUIDAR

Meus pais preocupados cuidaram (de mim).

(Ø pais) DESCOBRIR SURDO

(Pais) descobriram a surdez

c. IX(eu) PAI SABER-NÃO LÍNGUA-DE-SINAIS

Meu pai não sabe língua de sinais.

Ø (pai) NÃO CONSEGUIR LIMITAÇÃO

(Pai) não consegue (sinalizar), tem limitações.

d. MAIS PROFESSOR COMBINAR

(Eu) combinava mais com o professor.

Ø(professor) EXPLICAR BOM

(O professor) explicava bem.

e. SURDO AMIGO SINAL IDEIA Ø DAR(me) SINAL SINAL(karine)

Surdo amigo teve a ideia de me dar o sinal (Karine).

DV(colar) SEMPRE CALOR DV(colar) Ø(eles) VER+ SABER DEDUZIR SINAL
SINAL(karine)

Estava sempre calor e (eles) viam sempre o decote e me deram o sinal.

f. PESSOA GRUPO INTERAGIR AJUDAR ABRIR-MENTE

A interação do grupo de pessoas ajuda a abrir a mente.

Ø(grupo) AJUDAR TAMBÉM IX(eu) PORTUGUÊS

(Grupo) me ajuda também com meu português.

6.3. O PSN na Libras

Como exposto anteriormente, os tipos de línguas são: **línguas de não sujeito nulo; línguas de sujeito nulo consistente; línguas de sujeito nulo expletivo; línguas de sujeito nulo radical; e línguas de sujeito nulo parcial.**

Retomando Roberts e Holmberg (2010), uma língua que marca o PSN com o valor negativo apresentaria as seguintes características: nenhuma inversão livre de sujeito; efeito *that-t*; nenhum sujeito nulo; e inflexão de concordância ‘pobre’.

Tanto a inversão, que não foi percebida nos dados coletados, quanto o efeito *that-t* devem ser testados em pesquisas futuras para avaliar como esses elementos linguísticos se apresentam nessa língua de sinais, uma vez que não foi possível testar isso neste trabalho. É importante lembrar que os estudos sobre o PSN na área são bastante incipientes e que apenas trabalhos futuros poderão preencher as diversas lacunas que ainda temos no campo dos estudos gerativos para a língua de sinais sobre a qual nos debruçamos aqui.

No caso do efeito *that-t* em LSF Jaber, Carlo, Donati (2022) afirmam que a presença/ ausência desse efeito não parece ser um diagnóstico confiável na identificação do PSN devido

à falta de claros complementizadores em línguas de sinais, porém utilizaram outros elementos para esse diagnóstico, assim como faremos mais adiante.

A Libras apresentou sujeitos nulos com as três pessoas pronominais, produzidos em diversas sentenças apresentadas ao longo deste trabalho, inclusive sujeitos indefinidos nulos de terceira pessoa, que serão apresentados adiante. Essas características a distancia de línguas de não sujeito nulo.

O último elemento levantado por Roberts e Holmberg para caracterizar uma língua de não sujeito nulo repousaria sobre o paradigma flexional, que na Libras, em caso de verbos simples não apresenta flexão para pessoa e número. Vejamos o exemplo do paradigma flexional das três pessoas pronominais para o verbo “falar” em italiano e em Libras em (91):

(91)

(Italiano)

Io parlo

Tu parli

Egli/ lei parla

Abbiamo parlato

Voi parlate

Essi parlano

(Libras)

EU FALAR (Eu falo).

VOCÊ FALAR (Você fala).

EL@ FALAR (Ele fala).

NÓS FALAR (Ele falamos).

VOCÊS FALAR (Vocês falam).

EL@S FALAR (Eles falam).

(Fonte: elaborado pelo autor)

A Libras possui um paradigma flexional empobrecido, em relação ao italiano. Ainda que tivéssemos um verbo com concordância como o verbo AJUDAR, ele concordaria

essencialmente com o objeto, com sua sinalização direcionada para o local no espaço onde se encontra o referente. Se ausente fisicamente, esse referente poderia ser sinalizado em uma posição em frente ao locutor se fosse genérico, e produzido em uma região mais lateral no espaço de sinalização se fosse mais específico. Em ambos os casos não haveria uma mudança do paradigma flexional como o visto em italiano. Vejamos o exemplo com verbo com concordância em (92)

(92)

EU AJUDAR PROFESSOR

VOCÊ AJUDAR PROFESSOR

EL@ AJUDAR PROFESSOR

NÓS AJUDAR PROFESSOR

VOCÊS AJUDAR PROFESSOR

EI@s AJUDAR PROFESSOR

(Fonte: elaborado pelo autor)

Jaegli e Safir (1989) afirmam que os sujeitos nulos são permitidos apenas em línguas com o paradigma flexional uniforme, o que pode ser evidenciado na Libras, fortalecendo o argumento de que ela de fato é uma língua que apresenta o PSN com valor positivo. Portanto, assumimos que estamos lidando com uma língua que marca o PSN com valor positivo.

Retomamos a afirmação de Roberts e Holmberg (2010), que dizem que as **línguas de sujeito nulo consistentes** devem apresentar duas características principais: (i) a rica flexão de concordância no verbo (ii); e a possibilidade de deixar o pronome de sujeito definido não expresso em qualquer combinação de pessoa-número em qualquer tempo.

Como dissemos anteriormente, a Libras não possui uma rica flexão de concordância, ou seja, não há uma forma verbal específica para cada pessoa pronominal. Veja o paradigma do verbal para as três pessoas pronominais do singular em (93).

(93)

a. **IX(eu) QUERER ACESSIBILIDADE**

Eu quero acessibilidade.

b. PRIMEIRO (Ø você) FORMAR DEM(lá)

Primeiramente (Ø você) formar lá (ensino médio).

c. IX(mãe) QUERER INCENTIVAR MELHORAR

Ela(mãe) queria incentivar a melhora.

d. IX(surdo) QUERER FUTURO ESCOLHER

Ele(surdo) quer escolher o futuro

(Fonte: dados da tese).

Em (94)c, caso o sujeito fosse nulo, a única leitura possível seria de que a pessoa pronominal seria de primeira do singular, exceto se esse referente pudesse ser recuperado no discurso. Há aqui uma restrição com relação ao PSN, ou seja, o sujeito nulo ocorre em todas as pessoas pronominais, conforme apresentado ao longo desse estudo, porém sob contextos específicos que deverão ser elucidados em pesquisas futuras. Então, nosso posicionamento seria de que o requisito (ii) é satisfeito, mas (i) não.

Outro tipo que não se encaixa no comportamento linguístico do PSN em Libras seria o de línguas de **sujeito nulo expletivo**, que são aquelas que possuem sujeitos nulos não referenciais, mas que não permitem sujeitos nulos referenciais. Um exemplo de língua de sinais com essa ocorrência é a LIS, cuja apontação rápida e fraca para cima é considerada um expletivo

A libras, assim como o PB possui expletivos nulos em contextos de fenômenos da natureza, porém também apresenta sujeitos nulos referenciais, o que a distancia da classificação de línguas de sujeito nulo expletivo. Além disso, conforme afirmou Roberts e Holmberg (2010), línguas de sujeito nulo consistente e parcial também apresentam pronomes nulos expletivos em expressões relacionadas ao clima.

Com relação às **línguas de sujeito nulo radical** ou sujeito nulo de discurso, conforme dito anteriormente, os exemplares desse grupo podem deixar tanto o sujeito quanto o objeto não expressos e há ausência de marcação de concordância de pessoa em verbos.

O chinês é uma das línguas que melhor representa essa categoria. Huang (2007) afirmou que o chinês apresenta ausência de movimento de V para T, ausência de concordância, tempo ou morfologia de caso além de ausência de movimento de wh.

Como afirmado por Huang (1984), o chinês tem a possibilidade de apagamento de seus argumentos (sujeito e objeto), além deles terem uma interpretação pronominal definida. Para serem compreendidos, seus índices referenciais devem ser recuperados no discurso, característica que aparece também em Libras, exemplos de apagamento do sujeito podem ser vistos na seção 2. Vejamos exemplos de apagamento desses argumentos em (94).

(94)

a. MÃE PAI PREOCUPAR

Meus pais se preocupam

(Ø pais) CUIDAR (Ø eu)

(Pais) cuidam (de mim).

b. IX(eu) PAI SABER-NÃO LÍNGUA-DE-SINAIS

Meu pai não sabia língua de sinais.

Ø(eu) INTERAGIR Øobj (pai)

(Eu) interagia (com o pai).

(Fonte: dados da tese).

Foi possível observar que houve o apagamento de sintagmas nominais na posição de argumento em algumas sentenças em Libras em nossos dados, porém isso não se deu com verbos simples, mas sim com verbos com concordância ou que apresentaram alguma marca de concordância como a co-localização, ou seja, a produção do verbo em um espaço lateral que denota especificidade. Os índices referenciais desses argumentos poderiam ser recuperados fora da grade argumental do apagamento, portanto, no discurso. Esse comportamento pode ser observado também em ASL, assim como apontou Lillo-Martin

(1991), motivo pelo qual a autora afirmou que essa língua se assemelhava ao chinês, japonês e coreano.

Figueiredo e Lourenço (2020) defendem que a Libras não possui marcação morfológica de tempo, assim como o Chinês. Lillo-Martin (1991) também aproxima a ASL de línguas como o Chinês. A partir de Sandler e Lillo-Martin (2006), em contextos de verbos sem concordância, nossos dados mostram que a Libras se comporta como a ASL, que demonstra paradigma flexional uniforme e ausência de marcas de concordância.

Embora a Libras apresente semelhanças em relação a línguas de sujeito nulo radical, possui verbos em que a marca de concordância se dá no direcionamento do sinal a seus argumentos, como dissemos anteriormente, privilegiando a concordância do verbo com seu objeto. Como demonstra Lourenço (2017) e Lourenço (2020), mesmo com verbos planos é possível haver marcas de concordância como o direcionamento do olhar, além da produção de verbos sem restrições fonológicas para a co-localização.

Bahan et al. (2000) se posicionam de forma distinta de Lillo-Martin em relação à ASL, uma vez que, diferente da autora, Bahan et al. consideram que para essa língua a concordância de sujeito pode assumir uma das duas formas: uma marcação espacial explícita ou uma forma neutra. Essa concordância pode ser expressa por elementos não manuais como o direcionamento do olhar, mais ligado à concordância com o objeto e com um aceno de cabeça para a concordância com o sujeito.

Além da ausência de movimento de v para T, segundo Huang 2007 o chinês também apresenta ausência de movimento de wh, diferente da Libras que apresenta ambos. Quadros (2000) afirma que nas construções-wh na Libras a direção do movimento-wh é para a esquerda, e o elemento-wh pode manter-se in situ ou ser movido para a posição de Spec de CP, conforme (95) além disso, a marcação não-manual associada às derivações interrogativas se espalha obrigatoriamente sobre o domínio de c-comando de CP.

(95)

[QUEM JOÃO GOSTAR]wh

[JOÃO GOSTAR QUEM]wh

(QUADROS, 2000).

Segundo Quadros (2000), as derivações que contêm verbos com concordância na LIBRAS apresentam a possibilidade de ter o objeto movido para uma posição mais alta. Através da distribuição da marcação não-manual associada à negação, também observamos que este movimento acontece para o Spec de AgrO, após o verbo ter sido movido para AgrO. A seguinte representação ilustra tais movimentos, porém essa distribuição não é observada com verbos sem concordância:

neg

JOÃO_a [AgrOP MARIAb_i [AgrO aENVIARb_y] [NegP NÃO] [VP t_i [V t_y]]]

(QUADROS, 2000).

Segundo Quadros (2000), a LIBRAS apresenta duas possíveis representações da estrutura da frase: uma com a projeção de IP para captar as derivações que apresentam verbos sem concordância, e outra com a projeção de AgrP e TP para acomodar as derivações que apresentam os verbos com concordância. Diante do exposto, principalmente em relação à concordância, assumiremos que a Libras não é uma língua de sujeito nulo radical.

Nosso último paralelo se dará em relação à classificação de **línguas de sujeito nulo parcial**, nas quais o sujeito nulo é possível em contextos específicos, diferentemente do que ocorre em línguas de sujeito nulo consistentes, que apresentam a possibilidade de uso mais amplo e menos restrito.

A Libras parece se comportar como o finlandês, no qual os pronomes de 1^a e 2^a pessoa são opcionalmente nulos, em qualquer ambiente, já um pronome de 3^a pessoa, quando é sujeito definido e está vinculado a um argumento superior, pode ser nulo. Além disso, nulos indefinidos de terceira pessoa também compõe as características desse grupo de línguas.

A Libras parece se localizar no grupo das línguas de sujeito nulo parciais, pois o apagamento do sujeito aparece em diversos momentos no *Corpus* de Libras, apresentando semelhanças com o finlandês com relação à opcionalidade de produção de pronomes de 1^a e 2^a pessoas, que podem ser apagados, geralmente em contextos de diálogos envolvendo locutor e interlocutor. Além disso, em casos de produção de sujeito nulo de terceira pessoa, esse tipo de sujeito aparece ligado a um antecedente identificável através no discurso. Vejamos os exemplos em (96):

(96)

a. (\emptyset eu) **APRENDER LÍNGUA-DE-SINAIS PORTUGUÊS**

(Eu) aprendi língua de sinais e português.

b. (\emptyset eu) **ABANDONAR(\emptyset obj empresa)**

(Eu) abandonei (a empresa).

c. **PRIMEIRO (\emptyset você) FORMAR DEM(lá)**

Primeiramente (você) se forma lá (escola).

d. **IX(eu) PAI SABER-NÃO2 LÍNGUA-DE-SINAIS**

Meu pai não sabe língua de sinais.

\emptyset (pai) MAIS FALAR-ORALIZAR

(Pai) mais oralizava.

(Fonte: dados da tese).

Nas línguas de sujeitos nulos parciais, o sujeito ainda pode ser nulo essencialmente pela mesma derivação das línguas de sujeitos nulos consistentes. Quando o sujeito é um DP (lexical ou pronominal), não pode ser incorporado, e quando o sujeito é incorporado nas línguas de sujeito nulo parciais, só pode ser interpretado como indefinido. No entanto, o português brasileiro, o finlandês e o marata têm sujeitos nulos que são interpretados como definidos e para esses sujeitos nulos deve haver um antecedente localmente c-comandante (Holmberg, 2010).

Na Libras temos a seguinte ocorrência de sujeito nulo em (97), que segundo o postulado no parágrafo anterior poderia ser encaixado no campo da leitura exclusiva. No contexto de produção, a informante explicava que a causa de sua surdez não se justificava por questões genéticas.

(97)³³

³³ <https://www.youtube.com/playlist?list=PL1MhSKShr7E3NKt2PwKaaSLGa6-5Pdxr2>

Ø ENCONTRAR GERAÇÃO NADA

Não encontraram nada genético.

(Fonte: dados da tese).

Conforme Holmberg (2005) afirmou que sujeitos genéricos podem e devem ser nulos, o que contrasta com línguas como o italiano e o grego, onde é necessário um clítico especial (italiano) ou forma verbal (grego), temos que em Libras, segundo nossos achados, houve a produção de pronomes desse tipo, sem a necessidade de um clítico, aproximando-a de línguas de sujeito nulo parcial. Vejamos (98).

(98)³⁴

a. PRIMEIRO Ø FORMAR DEM(lá)

Primeiramente (Ø você) formar (ensino médio).

b. Ø ENCONTRAR GERAÇÃO NADA

Não encontraram nada genético.

c. IX(eu) ENTRAR Ø DAR INFORMAR MAIS DO-QUE (Ø empresa)

Eu entrei (na UFSC) e me deram mais informações do que (na empresa).

(Fonte: dados da tese).

Assim como em Lillo-Martin para a ASL, Jaber, Carlo, Donati (2022), após testarem diversas propriedades como as que apresentamos anteriormente em relação ao PSN, concluem que a LSF, parece pertencer ao tipo de línguas de sujeito nulo radical. Através de diversos estudos, os autores resumem a classificação de várias línguas segundo esse parâmetro, como pode ser visto no quadro 17.

Quadro 21 - Resumo da classificação segundo o PSN

³⁴ <https://www.youtube.com/playlist?list=PL1MhSKShr7E3NKt2PwKaaSLGa6-5Pdxr2>

	Não sujeito nulo	Sujeito nulo expletivo	Sujeito nulo parcial <i>Restr. pessoa Restr. tempo</i>		Sujeito nulo consistente	Sujeito nulo radical <i>Topic-drop Ellipsis</i>	
LO	Inglês	Alemão	Finlandês	Hebraico	Italiano	Chinês	Japonês
LS			DGS, RSL		ASL, LIS, NGT	ASL, AUSLAN, LIS, NZSL, T ID, NGT	ASL

Fonte: Jaber, Carlo, Donati (2022), com tradução e adaptação do autor.

Nossos resultados e análises ratificam as afirmações de Jaber, Carlo, Donati (2022), que defendem que as línguas de sinais se encaixam na tipologia de línguas de sujeito nulo. Segundo os autores, nenhuma língua de sinais conhecida foi descrita como de não sujeito nulo, como pode ser observado no quadro 21. Segundo eles, uma possível razão para esse fato é que as línguas de sinais têm uma fonte para os sujeitos que não está disponível para as línguas faladas, ou seja, o corpo do sinalizador, principalmente favorecendo contextos em que a primeira pessoa pronominal é foneticamente nula. Se todas as línguas de sinais permitirem a omissão de sujeito, é possível que estejamos diante de um traço específico da modalidade, mas apenas pesquisas futuras poderão elucidar essa questão.

Quadro 22 - Evidências encontradas em nossa análise que sugerem ser a Libras uma língua de sujeito nulo parcial

TIPO DE LÍNGUA	CARACTERÍSTICAS
• Línguas de não sujeito nulo;	A Libras apresenta ocorrência de sujeito nulo com todas as pessoas pronominais.
• Línguas de sujeito nulo consistentes;	A Libras apresenta sujeitos nulos indefinidos de terceira pessoa.
• Línguas de sujeito nulo expletivo;	A Libras possui sujeitos nulos expletivos, mas também apresenta sujeitos nulos referenciais.
• Línguas de sujeito nulo radical;	A Libras não possui ausência de concordância, que pode ser marcada por meio da co-localização ou por elementos não manuais.
• Línguas de sujeito nulo parcial.	Além das características acima, apresentadas em dados de indivíduos adultos, nos dados de aquisição a Libras apresentou ocorrência de sujeitos nulos em dados de aquisição, de 3ª pessoa, com aumento gradativo em relação à progressão da idade da criança pesquisada.

(Fonte: elaboração do autor).

A partir dos dados apresentados ao longo desta tese, resumidos no Quadro 22, assumiremos que a Libras tem o PSN marcado como positivo e conforme os indícios apresentados por nossos dados, ela parece se encaixar no grupo das línguas de sujeito nulo parciais, inclusive por ser um conjunto bastante diverso, como observou Biberauer (2010), permitindo amplo escopo de línguas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados de aquisição demonstraram um percurso do desenvolvimento em relação ao PSN que se aproxima do português brasileiro, uma língua de sujeito nulo parcial, e neste ponto assumimos que diferentes tipos de língua em relação a esse parâmetro apresentam um processo distinto de aquisição em relação ao preenchimento ou não do sujeito.

Na Libras, assim como em PB, o início da aquisição apresenta a produção de sujeitos nulos e ao caminhar no sentido da gramática adulta inicia-se o preenchimento com pronomes e sintagmas nominais, com uma preferência para o primeiro, diferindo do que acontece em PE, em que o não preenchimento é mais produtivo.

Vallian (1991) comparou o processo de aquisição do inglês e do italiano e observou que crianças americanas entendem ainda mais cedo, em algum lugar entre MLU³⁵ 1.5 e 2.0, que o inglês requer sujeitos. A partir do que foi observado ao longo desta pesquisa, estamos de acordo com essa afirmação.

O *Input* é extremamente importante, pois será através dele que a criança construirá as hipóteses que formarão sua língua-I. Adquirir línguas em que o apagamento do sujeito é pouco produtivo favorecerá hipóteses no sentido de preenchimento dessa posição sintática.

Devido à natureza do informante ideal, no contexto das pesquisas do processo de desenvolvimento de Libras como L1, é comum haver poucos informantes, bem como poucos

³⁵ MLU significa "Mean Length of Utterance" em inglês, que pode ser traduzido como "Comprimento Médio da Fala" em português. É uma métrica utilizada na área de aquisição de linguagem para medir o estágio de desenvolvimento linguístico de uma criança. O MLU é calculado dividindo o número total de morfemas (unidades significativas da linguagem, como palavras ou partes de palavras) por o número total de enunciados proferidos pela criança. Geralmente, quanto maior o MLU, mais complexas são as estruturas linguísticas que a criança é capaz de produzir, o que reflete um estágio mais avançado de desenvolvimento da linguagem.

dados disponíveis. Pessoas surdas representam uma minoria em relação à pessoas ouvintes. Filhos surdos de pais surdos constituem um seguimento menor ainda, tornando qualquer pesquisa nessa área, bastante desafiadora.

Uma das principais contribuições deste trabalho está no fato de poder somar às pesquisas em aquisição de LS, que são dificultadas, principalmente, pela falta de informantes com perfil de desenvolvimento típico e ambiente linguístico favorável ao desenvolvimento. Além disso há também o ineditismo da temática, que abre caminho para que outros questionamentos e prováveis outras investigações.

Sobre o PSN em indivíduos adultos, notamos que a Libras, assim como diversas outras línguas de sinais também permite o apagamento do sujeito, entretanto, mesmo a classificação já realizada não apresenta consenso, por exemplo, há autores que defendem que a ASL é uma língua de sujeito nulo consistente e outros que seja de sujeito nulo radical. No caso da Libras, defendemos que seja sujeito nulo parcial, embora Figueiredo; Lourenço (2020) apresentem características que a aproxima do chinês. Em geral, há várias pesquisas sobre o PSN nas línguas orais e pouquíssimas em língua de sinais, o que torna este trabalho ainda mais relevante.

As características que nos levaram a classificar a Libras como uma língua de sujeito nulo foram: (i) falta de flexão rica; (ii) possibilidade de sujeitos nulos referenciais em todas as pessoas pronominais e de nulos indefinidos de terceira pessoa; (iii) possibilidade de movimento wh- e para o IP; (iv) não ausência de concordância. A partir disso, assumimos que a Libras marca o PSN com valor positivo.

O fato de apresentar sujeitos nulos definidos e indefinidos/genéricos de terceira pessoa, que podem ter seus índices referenciais recuperados no discurso, sugere que essa língua poderia se enquadrar no grupo das línguas de sujeito nulo parciais. É necessário investigar possíveis influências do PB, já que os surdos estão em constante contato com ele.

Diante do que a literatura na área propõe, de fato os dados nos mostram o comportamento de uma língua [+sujeito nulo], mas compreender em quais contextos isso ocorre nos dará mais subsídios à diferenciação entre línguas de sujeito nulo consistentes e parciais. Retomando Biberauer (2010), as línguas de sujeito nulo são muito variadas, uma vez que diferentes línguas podem apresentar diferentes contextos específicos em que permitem ou

não esse tipo de produção. Por isso, para pesquisas futuras utilizaremos dados de intuição que possam determinar em quais contextos a Libras permite ou não o sujeito nulo.

8. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA-SILVA, Anderson. *On the morphological three-way pronominal distinction in signed languages: a face-based analysis*. Revista Porto das Letras, Vol. 06, No 06. 2020.
- ALMEIDA-SILVA, Anderson. *A (in) definitude no sintagma nominal em libras: uma investigação na interface sintaxe-semântica*. 2019. 351 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.
- ANDRADE, C. R. F *et al.* *ABFW: Teste de linguagem infantil nas áreas de Fonologia, Vocabulário, Fluência e Pragmática*. Carapicuíba (SP): Pró-Fono, 2000.
- BAHAN, B. *et al.* *The licensing of null arguments in American Sign Language*. Linguistic Inquiry 31:1–27, 2000.
- BIBERAUER, T. *Semi pro-drop languages, expletives and expletive pro reconsidered*. In: BIBERAUER, T. *et al.* (eds.) *Parametric Variation: null subjects in Minimalist theory*. Cambridge: Cambridge University Press. 2010.
- BRANCO, A. *et al.* *Valor e variação da frequência fundamental no choro de dor de recém-nascidos*. Rev CEFAC, São Paulo, v.8, n.4, 529-35, out-dez, 2006
- BRITO, L. F. *Por uma gramática da língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- CARDINALETTI, A. *Impersonal constructions and sentential arguments in German*. Padua: Unipress, 1990.
- CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague/Paris: Mouton, 1957.
- CHOMSKY, N. *Review of Verbal Behavior, by B.F. Skinner*. Language 35, no. 1 (January-March 1959): 26- 57, 1957.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: The MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. *The knowledge of language: its nature, origin and use*. Praeger: New York, 1986.
- CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, Noam. *Minimalist Inquiries: the framework*. In: MARTIN, Roger; MICHAELS, David; URIAGEREKA, Juan. *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*, Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

- CHOMSKY. *Derivation by phase*. In: KENSTOWICZ, Michael. *Ken Hale: A Life in Language*, Cambridge, MA: MIT Press, 2001.
- COSTA, J; SANTOS, A. L. *A falar como os bebés: o desenvolvimento linguístico da criança*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 2003.
- D’ALESSANDRO, Roberta. (2014) *The Null Subject Parameter: where are we and where are we headed?* Ms. Leiden University, 1st draft. [Published in 2015 as “Null Subject”. In: Fábregas, A.; J. Mateu; M. Putnam (eds). *Contemporary Linguistic Parameters*. London: Bloomsbury Press, pp. 201-226)
- DUARTE, M.E.L. *A perda do princípio “Evite pronome” no português brasileiro*. Doctoral Dissertation. Campinas: IEL/Unicamp, 1995.
- ELAN - *Linguistic Annotator version 5.4*. (2018) Disponível em: < <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/> > acessado em 16/01/2023.
- FIGUEIREDO, L; Lourenço, G. *Analisando a Língua Brasileira de Sinais como uma língua sem-tense*. SCRIPTA, v. 24, n. 51, p. 361-396, 2º quadrimestre de 2020.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C.. *A Posição Sujeito no Português Brasileiro: Frases Finitas e Infinitivas*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. *O estado da arte dos estudos sobre sujeitos nulos, posições de sujeito e marcas flexionais*. Revista Linguística, v. 13, n. 2, julho, 2017.
- GILLIGAN, G. *A cross linguistic approach to the pro-drop parameter*. PhD dissertation: University of Southern California, 1987.
- GRUTZMACHER, Marcos. *Aquisição de apontações pronominais pessoais em língua brasileira de sinais (Libras)*. 2019. 138 f. Dissertação (Mestrado em linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura-PPGLL, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.
- HOLMBERG, Anders. *Is there a little pro? Evidence from Finnish*. Linguistic Inquiry 36: 533–64, 2005.
- HOLMBERG, Anders. Null subject parameters. In Biberauer, T et al. *Parametric variation: Null subjects in Minimalist theory*, eds. 88–124. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- HATZOPOULOU, M. *Acquisition of reference to self and others in Greek Sign Language:*

from pointing gesture to pronominal pointing signs. Stockholm: US-AB universitetservice, 2008.

HUANG, JAMES C. T. *On the Distribution and Reference of Empty Pronouns*. Linguistic Inquiry, Vol. 15, No. 4, pp. 531-574, 1984 .

JABER, A.; CARLO, GERACI; DONATI, C. *On the properties of null subjects in Sign Languages: the case of French Sign Language (LSF)*. The linguistic review, 2022.

JAEGGLI, O.; SAFIR, K. J. *The null subject parameter and parametric theory*. In:

JAEGGLI, O.; SAFIR, K. J. *The null subject parameter*. Dordrecht, London : Kluwer Academic Publishers. 1989. p. 1-44.

KATO, Mery A. *A evolução da noção de parâmetros*. D.E.L.T.A., v. 18 n. 2, 309-337, 2002.

KOULIDOBROVA, Elena. *Null arguments in American Sign Language*. Nat Lang Linguist Theory, 35:397–446, 2017.

LILLO-MARTIN, Diane. *Two kinds of null arguments in American Sign Language*. Natural Language and Linguistic Theory 4(4): 415–444, 1986.

LILLO-MARTIN, D. C. *Universal Grammar and American Sign Language*. London : Kluwer Academic Publishers. 1991.

LOURENÇO, Guilherme. *A assimetria entre verbos de concordância e verbos simples em Língua Brasileira de Sinais*. Entrepalavras, Fortaleza, v. 7, p. 15-35, ago./dez. 2017.

LOURENÇO, Guilherme. *Redefinindo o Conceito de Concordância Verbal em Língua Brasileira de Sinais*. In: RODRIGUES, Carlos Henrique; QUADROS, Ronice Müller de. *Estudos da Língua Brasileira de Sinais*. Florianópolis, SC : Editora Insular, 2020.

MAGALHÃES, T. e SANTOS, A. L. 2004. *As respostas verbais e a frequência de sujeito nulo na aquisição do português brasileiro e português europeu*. Letras de Hoje, Porto Alegre. v. 41, no 1, p. 179-193, março, 2006 a.

MAGALHÃES, T. M. V. *O Sistema Pronominal Sujeito e Objeto na Aquisição do Português Europeu e do Português Brasileiro*. 2006. 175 f. Tese (Curso de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP b.

MAGALHÃES, Telma M. V. *A aquisição de pronomes sujeitos no PB e no PE*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 97-112, março, 2007.

- MCBURNEY, Susan. *History of sign languages and sign language linguistics*. In: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie. (Eds.). *Sign Language. An International Handbook*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. Cap. 38. p. 948-909.
- MODESTO, M. *Null Subjects in Brazilian Portuguese: a critique of two possible analysis*. In: Torres Morais, M.A. & M.L. Andrade (eds.) *História do Português Paulista*, vol, 2. Campinas: IEL Publicações, pp. 99-123, 2009.
- NEWPORT, E. L.; MEIER, R. P. *The acquisition of American sign language*. In: SLOBIN, D. I. (ed). *The crosslinguistic study of language acquisition*, Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, v. 1, 1985, pp. 881-938.
- NOVAK, P. *A política do corpo*. Texto apresentado no V Encontro de Performance do Instituto Hemisférico. Belo Horizonte. 2005
- O`GRADY, William et al. *Contemporary Linguistics: an introduction*. 2. ed. New York: St. Martin's Press, 1993.
- OLIVEIRA, Christiane Cunha de; CUNHA, Karina Miranda Machado Borges. *Concordância verbal em Língua de Sinais e suas implicações na escrita da segunda língua*. Revista Eutomia, v.1, n.03, 2009.
- PERLMUTTER, D. *Deep and surface constraints in syntax*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1971.
- PETITTO, L. *On the autonomy of language and gesture: Evidence from the acquisition of personal pronouns in American Sign Language*. *Cognition*, McGill University, vol 27, no 1, p 1-52, 1987.
- QUADROS, Ronice Muller de. *A estrutura da frase da língua brasileira de sinais*. In: II CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, 1999, Florianópolis. *Anais do II Congresso Nacional da ABRALIN*. Florianópolis: UFSC, 2000.
- QUADROS, Ronice Müller de. *Educação de Surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.
- QUADROS, Ronice Müller. *Estudos de línguas de sinais: uma entrevista com Ronice Müller de Quadros*. *ReVEL*, vol. 10, n. 19, 2012.

- QUADROS, Ronice Müller de. *Documentação da Língua Brasileira de Sinais*. in: Seminário Ibero-Americano de diversidade Linguística, 5, Foz do Iguaçu-PR, 2014.
- QUADROS, Ronice Müller de. *A transcrição de textos do Corpus de Libras*. Revista Leitura V.1 no 57 – jan/jun, 2016.
- QUADROS, Ronice Müller de *et al.* *Inventário Nacional De Libras*. Fórum Linguística, Florianópolis, V.17, N.4, P.5457-5474, out./dez. 2020.
- QUIRK, Randolph; GEOFFREY, Leech; SIDNEY, Greenbaum; JAN, Svartvik. *A Comprehensive Grammar of English*. London: Longman, (1985)
- RIZZI, Luigi. *Issues in Italian syntax*. Dordrecht: Foris, 1982.
- RIZZI, Luigi. *Relativized minimality*. 16. Cambridge, Massachussets : MIT Press, 1990.
- RIZZI, Luigi. *A parametric approach to comparative syntax : properties on the pronominal system*. English Linguistics. v.10, p. 1- 27 , 1993.
- RIZZI, Luigi. *A parametric approach to comparative syntax : properties on the pronominal system in HAEGEMAN, L. (Ed.). The New Comparative Syntax*. London, New York : Longman, 1997.
- ROBERTS, Ian; Holmberg, Anders. *Introduction: parameters in minimalist theory in Parametric variation: Null Subjects in Minimalist Theory*, eds. Theresa Biberauer, Anders Holmberg, Ian Roberts, and Michelle Sheehan, 88–124. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- SANDLER, Wendy, and LILLO-MARTIN, Diane. *Sign Language and Linguistic Universals*. Cambridge University Press, 2006.
- SIMÕES, L. 1997. *Sujeito nulo na aquisição do português do Brasil*. Cad.Est.Ling., Campinas, (36):105-130, Jan./Jun., 1999.
- STOKOE, William C. *Semiotics and Human Sign Languages*. The Hague: Mouton, 1972.
- UFSC. *Libras SignBank*. Disponível em <<https://signbank.libras.ufsc.br/pt>>. Acessado em 24/05/2024.
- VALIAN, V. *Syntactic subjects in the early speech of American and Italian children*. Cognirion. v 40, 21-81, 1991.
- VOLTERRA, Virginia (ed.) *La Lingua Italiana dei Segni: La Comunicazione Visivo Gestuale dei Sordi*. Bologna: Il Mulino, 1987.